Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

Diário de Notícias

www.dn.pt / Domingo 2.6.2024 / Diário / Ano 160.º / N.º 56 654 / € 2,00 / Direção interina **Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos)**

REDUÇÃO DE PODER DE COMPRA DOS MÉDICOS, MESMO COM AUMENTO DE 2024, AINDA É DE 16,2%

SNS A análise é do economista especialista em Saúde Eugénio Rosa e foi apresentada ontem no primeiro de cinco fóruns organizados pela Federação Nacional dos Médicos para debater a "Evolução dos 50 Anos em Liberdade". O mote do encontro era "Grelhas Salariais e as Condições de Trabalho" e a conclusão: médicos ainda não recuperaram o poder de compra que perderam desde 2011. Perda ainda é maior no valor líquido. PÁGS. 12-13



CHARLES MICHEL
"Se acreditássemos nas sondagens, não teria havido *Brexit* e Trump não teria sido presidente dos EUA"
PRESIDENTE DO CONSELHO EUROPEU PÁGS. 4-5

FIBRA ÓTICA E 5G
Meta europeia em risco sem mais investimento privado
PÁG. 15

ELEIÇÕES
Uma mulher para suceder a AMLO num México machista e violento
PÁG. 17

PROVA DE VIDA
Tomás Taveira: as cólicas de um arquiteto
PÁGS. 24-26



CAMPANHA
Rival de Ursula von der Leyen apareceu na véspera do voto antecipado
PÁG. 8

SONDAGEM DN/JN/TSF

Liderança do governo transforma Montenegro no político mais popular

PÁGS. 6-7



FOTOMONTAGEM DN

HOJE GRÁTIS



EMIGRAÇÃO Mil milhões em apoios. E os jovens vão regressar? PÁGS. 10-11



Editorial

Bruno Contreiras Mateus
Diretor interino do Diário de Notícias

Montenegro em estado de graça

Apesar das condições difíceis de governabilidade, dois meses depois da tomada de posse a maioria dos portugueses (54%) atribui nota positiva na avaliação ao desempenho do primeiro-ministro, Luís Montenegro (para 44% tem sido muito bom e para 10% bom; só 34% o avaliam negativamente). Pedro Nuno Santos é que perde em todas as frentes: fica atrás de Montenegro na confiança para governar (conquista 28% face aos 40% do primeiro-ministro) e em segundo lugar também no reconhecimento da principal figura da oposição (36% *vs.* 43% de André Ventura).

Estes são resultados de uma sondagem feita pela Aximage para o DN, JN e TSF, que o DN publica nesta edição, e que revela que Luís Montenegro tem sabido gerir a força de erosão da oposição ao seu Executivo e que Pedro Nuno Santos está abaixo das expectativas em relação ao papel do PS frente ao governo. Mas eu diria que esta leitura só ficará completa depois das eleições de 9 de junho: se Pedro Nuno sair reforçado, ganha peso na oposição ao governo e poderá ser um problema para Montenegro em relação ao Orçamento do Estado para 2025; mas se perder nas europeias para a Aliança Democráticas (AD) e/ou para o Chega, pode ver-se obrigado a cedências ao governo da AD – o que não é necessariamente mau para a sua imagem, pode, pelo contrário, valorizar-se com um discurso de cooperação.

Em estado de graça, Luís Montenegro tem sabido valorizar também alguns dos seus ministros, através do anúncio de medidas concretas. Olhemos para quatro com pastas das mais importantes.

Fernando Afonso, à frente da Educação, Ciência e Inovação, é o que tem melhor avaliação (positiva, para 47% na mesma sondagem da Aximage), num governo que herdou negociações difíceis com os professores da escola pública e que tem sabido ganhar protagonismo no caminho para o acordo sobre a recuperação das carreiras.

Miguel Pinto Luz, também com nota positiva, saiu valorizado com o anúncio da localização do novo aeroporto, a construção de uma terceira travessia sobre o rio Tejo e a ligação Lisboa-Madrid em alta velocidade. Na habitação, o ministro ainda enfrentará a desconfiança de quem vive em Lisboa e no Porto, e em relação aos jovens dificilmente as medidas anunciadas terão o alcance desejado.



> **Pedro Nuno Santos perde em todas as frentes: fica atrás de Montenegro na confiança para governar (conquista 28% face aos 40% do primeiro-ministro) e em segundo lugar também no reconhecimento da principal figura da oposição (36% *vs.* 43% de André Ventura).**

É esta a opinião de muitos jovens, aliás, sobre o pacote de medidas apresentado pelo governo para evitar a fuga de talento para fora do país (ver reportagem nas páginas 10 e 11). Os baixos salários e a tardia emancipação são graves problemas ainda sem uma solução real à vista.

Com pior avaliação está o ministro das Finanças, Joaquim Miranda Sarmento (com 40% negativos *vs.* 36% positivos), que ainda divide a opinião dos portugueses apesar da proposta de baixar o IRS e de em abril, logo que tomou posse, ter avisado que as contas públicas estavam piores do que se julgava – agora a Unidade Técnica de Apoio Orçamental confirmou um défice de quase dois mil milhões de euros nos primeiros quatro meses do ano.

Por último, a ministra da Saúde, Ana Paula Martins, chumba também na avaliação dos portugueses, à beira de um verão em que se teme o pior no Serviço Nacional de Saúde e onde os médicos ainda enfrentam sérios problemas na sua carreira, com clara perda de poder de compra desde 2011 (como damos nota nas páginas 12-13).

OS NÚMEROS DO DIA

20

POR CENTO
A opção pelo voto antecipado em mobilidade, que terá lugar hoje, registou um aumento superior a 20% em relação às últimas eleições legislativas, com 252.209 eleitores a inscreverem-se para votar nas europeias.

62

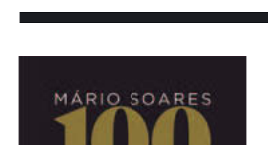
MORTOS
É o número de vítimas mortais no Norte da Índia, incluindo dezenas de funcionários eleitorais, quando o país realiza a fase final das eleições gerais, devido à onda de calor extremo. As mortes ocorreram nos Estados de Bihar, Odisha, Uttar Pradesh e Jharkhand, segundo as autoridades.

54

APURADOS
Com a confirmação de ontem de uma equipa de seis judocas, quatro femininos e dois masculinos, aumentou para 54 o número de portugueses apurados para os Jogos Olímpicos.

2

PORTUGUESES
É o número de jogadores portugueses eleitos pela UEFA para o 11 ideal da edição 2023/24 da Liga Conferência, no caso David Carmo e Podence, futebolistas do Olympiacos que venceram a prova na quarta-feira. A equipa grega conquistou a competição após vencer (1-0) na final a Fiorentina.





2.6.2024

Direção interina: Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Editor executivo adjunto** Artur Cassiano **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Amanda Lima, Ana Meireles, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida (coordenadora), Fernando Almeida, João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Bruno Contreiras Mateus (Diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (Diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** RuaTomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de Fevereiro 2024: 6 084 exps.

Charles Michel
"Se acreditássemos nas sondagens, não teria havido *Brexit* e Trump não teria sido presidente dos EUA"

UNIÃO EUROPEIA Numa passagem pelo Porto, para participar numa cimeira da organização Concordia, o presidente do Conselho Europeu falou ao DN do recuo na sua candidatura ao Parlamento Europeu, da tarefa de lidar com 27 personalidades na reunião de líderes, do apoio à Ucrânia e do desafio do crescimento da extrema-direita.



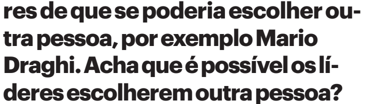
ENTREVISTA **SUSANA SALVADOR**

Tinha anunciado a sua candidatura às eleições europeias, mas depois recuou. Ficou desapontado por ter que abandonar a corrida?
Não fiquei desapontado, na medida em que sou realista. E quando tomei a decisão de me candidatar a estas eleições, foi uma escolha muito sincera, porque tinha a impressão de que tinha a oportunidade de desempenhar um papel no debate democrático sobre o futuro da União Europeia (UE). Mas apercebi-me rapidamente de que esta decisão foi usada por alguns para tentarem enfraquecer o Conselho Europeu e nestes tempos difíceis quis proteger o Conselho. Foi por isso que decidi cumprir o meu trabalho.

Não foi porque ninguém queria que o primeiro-ministro húngaro, Viktor Orbán, assumisse a presidência do Conselho Europeu durante a presidência húngara da UE, no segundo semestre do ano?
Não, isso foi uma desculpa usada por aqueles que não queriam que eu participasse na campanha, porque havia muitas opções possíveis. É suposto nós tomarmos uma decisão até ao final de junho. É o nosso dever decidir. O meu mandato é suposto acabar em novembro, mas, de facto, o verão é um período de transição. Por isso era possível para o meu sucessor assumir funções mais cedo e havia várias opções. Isto foi uma desculpa usada e abusada por aqueles que optaram por desenvolver argumentos injustos, não para me atacar, mas provavelmente para tentar minar a importância do Conselho Europeu, que é responsável pela transição institucional. Porque nas próximas semanas há duas importantes decisões que temos de tomar. A primeira é a agenda estratégica, e sinto-me confiante porque trabalhámos muitos meses nesse tópico com o envolvimento pessoal dos líderes. E depois precisamos de escolher a equipa que ficará responsável pelo próximo ciclo institucional.

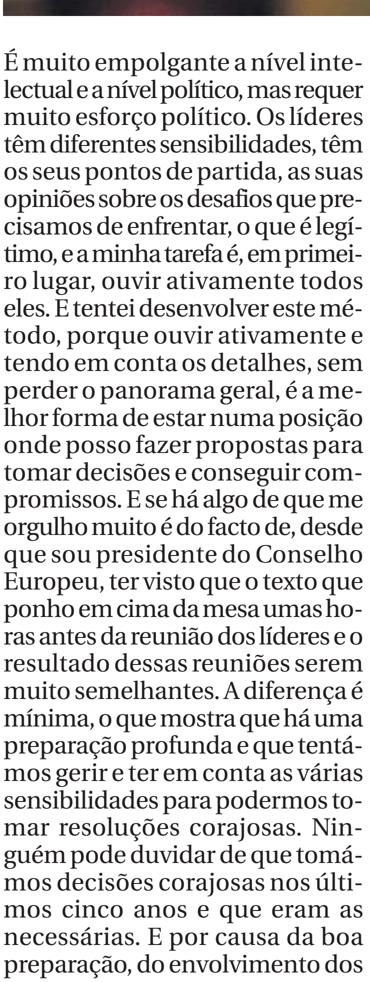
Ursula von der Leyen candidata-se a um novo mandato à frente da Comissão Europeia, mas há rumo-

"O que eles precisam na Ucrânia não são mais comunicados. O que eles precisam é de mais mísseis, de mais munições, de mais sistemas de defesa aérea. Isso é o que precisam agora, não daqui a dois anos. Agora."



res de que se poderia escolher outra pessoa, por exemplo Mario Draghi. Acha que é possível os líderes escolherem outra pessoa?
Na minha capacidade considero que sou o guardião da unidade do Conselho Europeu. A minha tarefa é garantir que o Conselho Europeu tome decisões por unanimidade, por isso não vou falar sobre nomes. Há um processo institucional e democrático. Eu tenho um papel a desempenhar, porque sou eu que lidero o Conselho Europeu. Informei os meus colegas de que vou começar, e já comecei, a consultar os líderes para preparar essas decisões que precisamos de implementar. E, claro, vamos ver o resultado das eleições europeias e quais os números, porque eles vão desempenhar um importante papel. Estou confiante de que iremos tomar uma decisão sobre as orientações para o futuro da UE ao nível do Conselho Europeu, mas precisamos de uma maioria estável no Parlamento Europeu. Espero que em linha com as prioridades do Conselho, consistente com essas mesmas prioridades. Este é o processo e temos que fazer de tudo, como é nosso dever, para tomar uma decisão até ao final de junho. Para a continuidade da UE é importante essa decisão até ao final do mês e farei tudo para a tornar possível.

Como é trabalhar com 27 personalidades e políticas diferentes no Conselho Europeu?



É muito empolgante a nível intelectual e a nível político, mas requer muito esforço político. Os líderes têm diferentes sensibilidades, têm os seus pontos de partida, as suas opiniões sobre os desafios que precisamos de enfrentar, o que é legítimo, e a minha tarefa é, em primeiro lugar, ouvir ativamente todos eles. E tentei desenvolver este método, porque ouvir ativamente e tendo em conta os detalhes, sem perder o panorama geral, é a melhor forma de estar numa posição onde posso fazer propostas para tomar decisões e conseguir compromissos. E se há algo de que me orgulho muito é do facto de, desde que sou presidente do Conselho Europeu, ter visto que o texto que ponho em cima da mesa umas horas antes da reunião dos líderes e o resultado dessas reuniões serem muito semelhantes. A diferença é mínima, o que mostra que há uma preparação profunda e que tentámos gerir e ter em conta as várias sensibilidades para podermos tomar resoluções corajosas. Ninguém pode duvidar de que tomámos decisões corajosas nos últimos cinco anos e que eram as necessárias. E por causa da boa preparação, do envolvimento dos líderes e das suas equipas, conseguimos estar unidos, incluindo em tópicos que são controversos ou que são difíceis.

E há espaço de manobra dos líderes? Porque parece que, na sociedade em geral, assistimos a um confronto cada vez mais de extremos, onde não parece haver espaço para o compromisso. Naquela sala existe?
Os resultados falam por si, porque a cada Conselho Europeu tomamos determinadas resoluções. Nunca aconteceu termos um encontro sem chegarmos a uma decisão. Isto é uma indicação clara de que, apesar das diferentes sensibilidades, percebemos que existe um valor acrescentado em trabalharmos juntos e em cooperarmos para chegarmos a visões conjuntas. Nós enfrentámos a covid-19, a guerra contra a Ucrânia e as consequências dessa guerra e podemos ver que em todos esses assuntos, sistematicamente, definimos o tom no Conselho Europeu. E o que decidimos no Conselho Europeu é a base da nossa abordagem estratégica em todos os campos possíveis.

Falando da guerra na Ucrânia, vimos a Bélgica, Espanha e Portugal anunciarem uma série de medidas



PEDRO GRANADEIRO / GLOBAL IMAGENS

de apoio militar concreto à Ucrânia. Acha que são suficientes?
Saliento duas coisas. Este é outro exemplo muito poderoso que mostra como o Conselho Europeu desempenha um papel crucial, na medida em que nas reuniões que tivemos em Bruxelas nas últimas semanas, nos últimos meses, decidimos encorajar todos os Estados-membros a serem concisos e muito operacionais. O que eles precisam na Ucrânia não são mais comunicados. O que eles precisam é de mais mísseis, de mais munições, de mais sistemas de defesa aérea. Isso é o que eles precisam agora, não daqui a dois anos. Agora. E tivemos um momento de verdade no último Conselho Europeu quando, junto com outros, encorajei os líderes a voltarem às suas capitais, a reunirem-se de imediato com os responsáveis da defesa e a olharem de uma forma muito concreta para o que podiam fazer para ajudar a Ucrânia neste momento. Estou muito orgulhoso por ver que nas semanas seguintes a esta reunião muitos Estados-membros decidiram formalizar o seu apoio à Ucrânia. Isto são boas notícias. Falei com o presidente Zelensky antes de vir a Portugal e discutimos o assunto. Estamos a trabalhar também na preparação da cimeira que irá ter lugar na Suíça, que apoiamos e ajudamos a organizar. Tentamos convencer os líderes a vir de fora da Europa para estarem presentes, o que é fundamental, porque sabemos que não podemos deixar a Rússia ganhar. Temos que defender os nossos valores e temos de apoiar a Ucrânia.

No próximo semestre será a presidência húngara da UE. O facto de se terem pedido medidas concretas agora tem algo a ver com o facto de, nesses seis meses, a Ucrânia não ser prioridade, devido à posição da Hungria?
Essa não é a minha impressão. Estou confiante, porque as decisões fundamentais já estão tomadas: sanções contra a Rússia, apoio financeiro à Ucrânia, equipamento militar para a Ucrânia. E estamos a implementar o que já decidimos a nível de estatuto de país candidato da Ucrânia. Este é o primeiro ponto. O segundo é que estou seguro de que a presidência húngara se vai focar num ponto que é uma prioridade para o desenvolvimento económico dentro da UE. Tivemos um encontro com Enrico Letta depois da publicação do seu relatório, para o qual houve um amplo apoio. E estou muito satisfeito porque Viktor Orbán deixou claro que irá trabalhar muito no *follow-up* desse relatório. Isso é importante porque, se queremos ser mais fortes no campo da defesa, da segurança, no apoio aos nossos parceiros e amigos, temos de ter uma base económica mais forte. E a verdade é que o mercado único foi negligenciado nos últimos anos, o que é um problema. Precisamos de discussões corajosas no campo do mercado único e da união dos mercados de capitais.

Então vão focar-se nesse tema e não tanto na Ucrânia...
Temos que implementar e estar constantemente a avaliar o que é preciso fazer. Mas existe um direito de veto no Conselho Europeu, pelo que cada Estado-membro pode decidir se quer bloquear esta ou aquela decisão. No entanto, apesar desse direito de veto, conseguimos tomar decisões desde o primeiro dia. Quando a guerra foi lançada pela Rússia, conseguimos imediatamente tomar providências por unanimidade. Às vezes há comentários na imprensa com dúvidas muito legítimas, mas o que conta para mim são as decisões que assumimos, quais são os factos e os números. E aqui é muito claro. Os Estados Unidos têm enormes dificuldades em tomar decisões no Congresso, e até nem precisam de unanimidade, precisam de uma maioria... Nós precisamos de unanimidade, mas conseguimos tomar resoluções por unanimidade e muito rapidamente.

> *"A nível da UE há várias realidades em termos do conceito do 'corredor sanitário' [em torno da extrema-direita] e nem todos os Estados-membros têm a mesma interpretação das mesmas realidades."*

No Conselho Europeu haverá em breve um novo primeiro-ministro neerlandês, da coligação liderada pela extrema-direita. Está a UE preparada para lidar com mais uma voz extremista na sala?
Quero ser realista e racional. Teremos de facto ocasião de reunir com a nova equipa, com o novo primeiro-ministro, e vamos preparar a cooperação e a coordenação com eles, porque, gostemos ou não, temos instituições democráticas e isso significa que o governo que tem legitimidade no seu país é o que tem responsabilidade na mesa do Conselho Europeu, portanto vamos trabalhar com eles.

Mas também no Parlamento Europeu as sondagens apontam para um forte crescimento da extrema-direita. Apoia a ideia de isolar esses partidos?
Em primeiro lugar, e peço desculpas por ter de dizer isto, mas se tivéssemos acreditado nas sondagens, não teria havido *Brexit* e Donald Trump não teria sido presidente dos EUA. E posso dar muitos outros exemplos. Dito isto, vamos ver qual será o resultado das europeias, mas mantendo a calma, vamos lutar politicamente para defender uma UE corajosa e que defenda os seus interesses e valores. Esse é o primeiro elemento, na medida em que precisamos de uma certa sensatez neste debate político. Em segundo lugar, vamos ver quais irão ser os números no Parlamento Europeu. Eu ainda estou confiante de que será possível construir uma maioria estável a favor do apoio à Ucrânia, a favor do apoio aos princípios democráticos e aos valores europeus e em consonância com o fortalecimento da base económica da UE. Estes são os princípios essenciais pelos quais temos que lutar.

Mesmo ficando dependentes dos votos da extrema-direita...
Ainda acho que não iremos depender desses votos.

Penso que o medo é a normalização dos partidos de extrema-direita na UE. É um pouco como a história da rã que salta para fora da panela quando é posta em água a ferver, mas se a água está fria e começa a aquecer não dá conta. Será que não estamos nessa situação e perto de a água começar a ferver?
Eu explico a minha resposta, porque de facto a nível da UE há várias realidades em termos do conceito do "corredor sanitário" e nem todos os Estados-membros têm a mesma interpretação das mesmas realidades. Isto também se passa porque temos várias realidades institucionais, na medida em que em alguns países há sistemas de coligação, noutros há outros sistemas. É difícil sumarizar este debate em duas frases e é por isso que acho que temos que nos focar no programa, no projeto e em quem são aqueles que estão preparados para apoiar o programa, pois os pilares do problema são bem conhecidos. É tarefa do Conselho Europeu decidir sobre esses pilares. E vou nomear três desses pilares: valores e princípios democráticos; ambição e crescimento económico e investimento e competitividade, e o terceiro ponto é segurança e defesa. Aqui precisamos de um novo paradigma e de mais ambição a nível europeu. E há um nova tendência dominante no Conselho Europeu em comparação com o que existia há alguns anos. Podemos ver que uma grande maioria dos líderes está convencida de que, se queremos ser mais influentes, temos que investir mais em defesa e investir de uma forma coordenada e menos fragmentada tanto na defesa como na segurança.

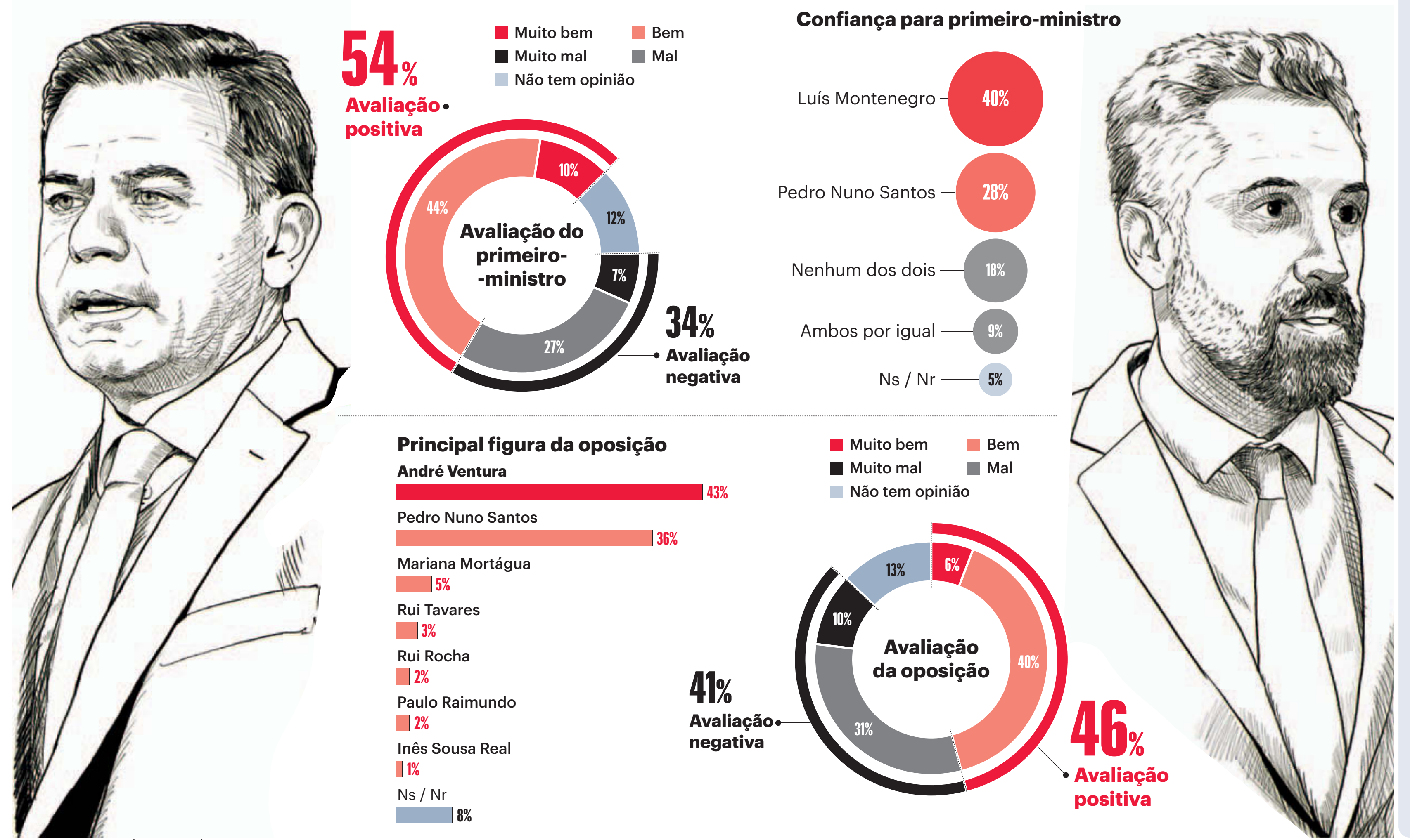
Para terminar, em relação ao facto de o nome do ex-primeiro-ministro português António Costa estar a ser apontado para lhe suceder, acha que tem possibilidades?
Como já lhe disse, sou responsável pela unidade do Conselho Europeu e não tenho intenção de fazer qualquer comentário sobre possíveis nomes.

E em relação ao seu futuro? Vê-se de novo como primeiro-ministro belga? Há eleições agora...
Como sabe, não sou candidato.

Mas o seu nome pode ser sugerido mais tarde...
Só tenho uma ambição, que é cumprir a minha tarefa até ao último dia. Há muitos desafios à nossa frente e depois vamos ver. Não tenho ambição pessoal e a única prioridade para mim é garantir que, até ao último dia, consigo ajudar o Conselho Europeu a tomar decisões unido nestes tempos desafiadores. É extremamente importante que este órgão funcione bem.

susana.f.salvador@dn.pt

Avaliação do desempenho do primeiro-ministro e da oposição



FONTE: AXIMAGE, BARÓMETRO POLÍTICO DE MAIO DE 2024 INFOGRAFIA JN

FICHA TÉCNICA
Sondagem de opinião realizada pela Aximage para DN/JN/TSF sobre temas da atualidade nacional política. Universo: indivíduos maiores de 18 anos residentes em Portugal. Amostragem por quotas, obtida a partir de uma matriz cruzando sexo, idade e região. A amostra teve 801 entrevistas efetivas: 697 entrevistas online e 104 entrevistas telefónicas; 376 homens e 425 mulheres; 175 entre os 18 e os 34 anos, 212 entre os 35 e os 49 anos, 208 entre os 50 e os 64 anos e 206 para os 65 e mais anos; Norte 271, Centro 167, Sul e Ilhas 123, A. M. Lisboa 240. Técnica: aplicação online (CAWI) de um questionário estruturado a um painel de indivíduos que preenchem as quotas pré-determinadas para pessoas com 18 ou mais anos; entrevistas telefónicas (CATI) do mesmo questionário ao subuniverso utilizado pela Aximage, com preenchimento das mesmas quotas para os indivíduos com 50 e mais anos e outros. O trabalho de campo decorreu entre 17 e 22 de maio de 2024. Taxa de resposta: 74,82%. O erro máximo de amostragem deste estudo, para um intervalo de confiança de 95%, é de +/- 3,5%. Responsabilidade do estudo: Aximage, sob a direção técnica de Ana Carla Basílio.

Liderança do governo transforma Montenegro no político mais popular

SONDAGEM Primeiro-ministro destaca-se de todos os outros, com 54% de avaliações positivas. Também está à frente (40%) de Pedro Nuno Santos (28%) na confiança. Principal figura da oposição é André Ventura (43%).

TEXTO **RAFAEL BARBOSA**

Não há nenhum político português com mais avaliações positivas (54%) do que Luís Montenegro, de acordo com os resultados do primeiro barómetro deste novo ciclo político feito pela Aximage para o DN, JN e TSF. Num outro indicador relevante, o atual primeiro-ministro (40%) bate Pedro Nuno Santos (28%) na confiança para chefiar o governo. Acresce outra má notícia para o líder socialista: os portugueses indicam André Ventura como principal figura da oposição (43%).

Temos um primeiro-ministro em estado de graça neste arranque de mandato: dois meses depois de ter tomado posse, surge com 54% de avaliações positivas e 34% de negativas, o que resulta num "excedente" de 20 pontos. Um cenário substancialmente diferente de outubro do ano passado, aquando da última avaliação regular aos protagonistas políticos: o primeiro-ministro de então, António Costa, acumulava um saldo negativo de 22 pontos, mas o líder do PSD estava ainda pior, com um "défice" de 33 pontos.

Montenegro mais confiável
Meio ano e umas eleições legislativas depois, o ambiente parece mais desanuviado. E não é apenas Luís Montenegro a beneficiar de uma maior generosidade dos portugueses na hora de avaliar os políticos: há vários ministros e líderes partidários no verde. Até a oposição, ódio de estimação habitual destes barómetros, tem desta vez uma imagem globalmente positiva. A mais notável exceção, como avançámos na edição de ontem, é a avaliação ao Presidente da República: tem um saldo negativo de 28 pontos.

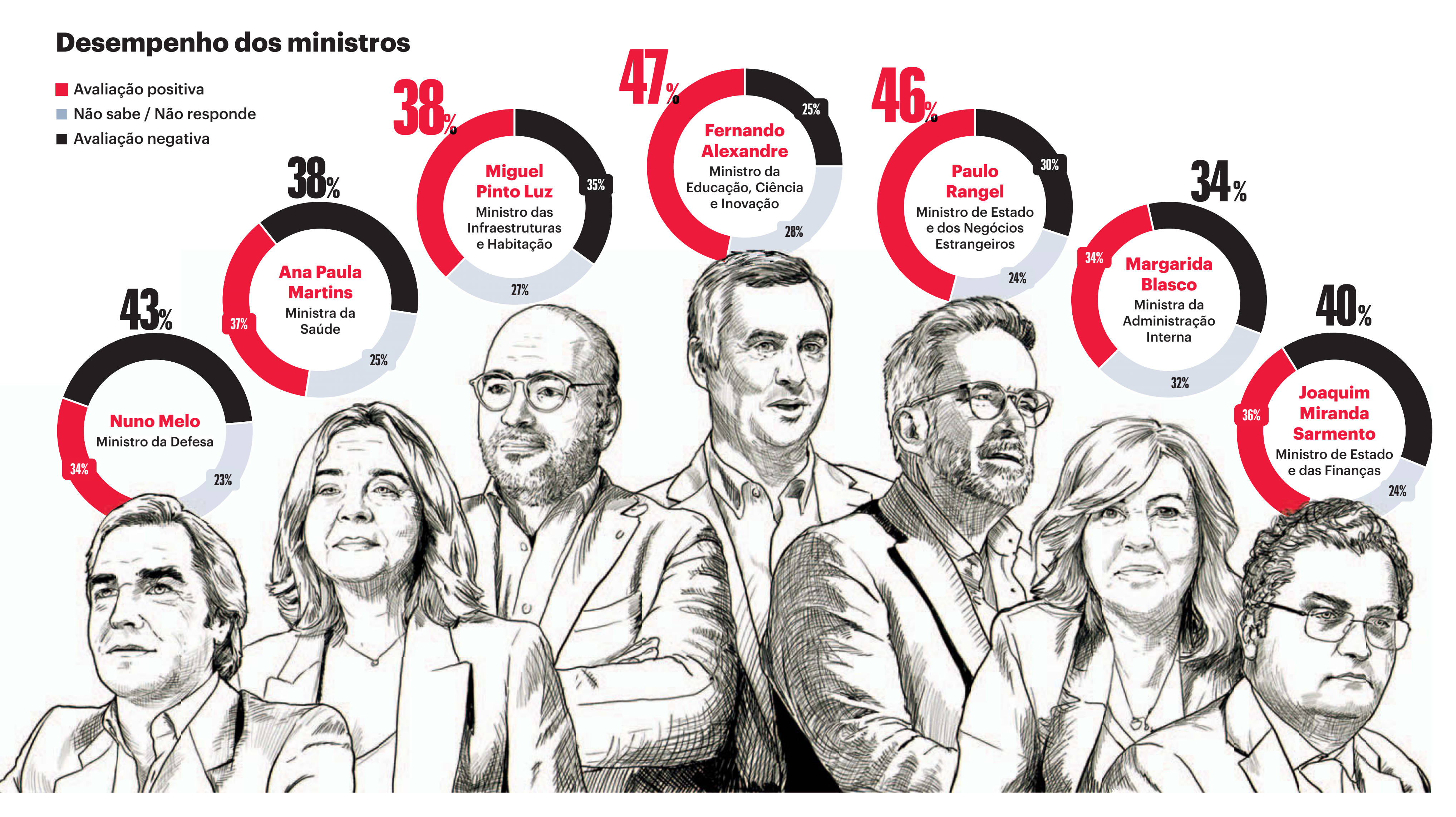
A popularidade do chefe de governo é comum a todos os segmentos sociodemográficos da amostra (regiões, género, idade e classe social). Mas há diferenças no grau de entusiasmo: o saldo positivo é bastante mais elevado a Norte (31 pontos), do que nas regiões mais a sul, e sobretudo em Lisboa (12 pontos). Quando está em causa a idade, nota-se que o apreço dos mais velhos (50 anos em diante) é superior ao dos mais novos (18 a 49 anos). No caso dos segmentos de voto, Luís Montenegro leva negativa à esquerda e positiva à direita (embora um em cada 10 eleitores da AD faça uma avaliação negativa do primeiro-ministro).

No despique direto com Pedro Nuno Santos é também Luís Montenegro quem leva vantagem. Mesmo que o líder socialista, como adiantámos na edição de ontem, também tenha conseguido um saldo positivo de três pontos na sua avaliação. Quando se pergunta aos portugueses em qual dos dois têm mais confiança para primeiro-ministro, o social-democrata consegue uma vantagem de 12 pontos: 40% para Montenegro, 28% para Santos. Sendo certo que um em cada 10 socialistas prefere o social-democrata a primeiro-ministro ao líder do seu partido.

Ventura mais eficaz
Outro mau indicador para Pedro Nuno Santos é a pergunta sobre quem é, afinal, a principal figura da oposição ao governo: o secretário-geral do PS é apontado por 36% dos portugueses (com destaque para os 48% entre os mais velhos), mas é André Ventura quem vence esta competição com 43% dos "votos".

Note-se, no entanto, que esta escolha tem mais a ver com o reconhecimento da eficácia na atuação do que com identificação com a mensagem, com a forma e não com o conteúdo. Como ontem divulgámos, na primeira parte deste barómetro o líder do Chega é o político português com pior avaliação: quase dois terços dos inquiridos (62%) dão-lhe nota negativa.

rafael@jn.pt



Melhor ministro é o da Educação, pior é o da Defesa

AVALIAÇÃO Fernando Alexandre beneficia, pelo menos em parte, do acordo com os professores. Rangel e Pinto Luz no verde. Finanças no vermelho.

Fernando Alexandre, na Educação, é o melhor ministro deste governo (saldo positivo de 22 pontos) e Nuno Melo, na Defesa, é o pior (saldo negativo de 9 pontos), de acordo com o barómetro da Aximage para o DN, JN e TSF, que testou a popularidade dos responsáveis por sete pastas. Paulo Rangel (Negócios Estrangeiros) e Miguel Pinto Luz (Infraestruturas) estão no verde.

O ministro da Educação arranca com 47% de avaliações positivas e 25% de notas negativas. Um resultado a que não será alheio o protagonismo nas negociações com os professores, mesmo que o acordo sobre a recuperação das carreiras só tenha sido anunciado quando o trabalho de campo desta sondagem estava a terminar.

Fernando Alexandre consegue um saldo positivo em todos os segmentos sociodemográficos da amostra e destaca-se entre os mais velhos (saldo de 37 pontos). Mas também consegue bons resultados quando se tem em conta o voto partidário: até os eleitores socialistas e do Livre estão satisfeitos.

Rangel positivo

Bastante próximo fica Paulo Rangel: tem quase a mesma percentagem de avaliações positivas (46%), mas o saldo é ligeiramente pior (16 pontos). O ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros também fica no verde em todos os segmentos sociodemográficos (regiões, género, idade e classe social), mas, no que diz respeito ao voto, aos eleitores do BE e da CDU acrescenta-se o "chumbo" dos que preferem o Chega e o Livre.

Pouco acima da linha de água (saldo positivo de 3 pontos) fica Miguel Pinto Luz, que liderou o processo que conduziu a uma das mais mediáticas decisões do governo: o novo aeroporto de Lisboa, associado à construção de uma terceira ponte sobre o Tejo e a ligação por TGV entre Lisboa e Madrid. Ainda assim, a sua avaliação é negativa entre os habitantes de Lisboa (e também os do Porto). No caso do voto partidário, o saldo só é positivo na AD e IL.

Margarida Blasco, que tem a pasta da Administração Interna, fica numa espécie de limbo, tal como o acordo que tarda em concluir com as forças de segurança: tem saldo zero (tantas positivas quanto negativas). A sua colega da Saúde, Ana Paula Martins, arranca no vermelho (por um ponto), mas, à data dos inquéritos, ainda não tinha apresentado o plano de emergência.

Sarmento negativo

Para Joaquim Miranda Sarmento as notícias são piores. Apesar de ter sido um dos ministros mais em foco nos primeiros dois meses (pela proposta de baixar o IRS, como pelas denúncias de descontrolo das contas públicas nos meses finais do governo socialista), tem mais avaliações negativas (40%) do que positivas (36%).

Mas a pior avaliação é a do ministro da Defesa, com um saldo negativo de 9 pontos. Nuno Melo chegou a sugerir que jovens delinquentes pudessem trocar a sua pena por serviço militar, ainda que tenha esclarecido depois que se tratou de uma hipótese académica. Curiosamente, é entre os mais jovens (18/34 anos) que se regista uma das raras exceções à vaga negativa, com um saldo positivo de 2 pontos.

R.B.

46%

É entre os que vivem no Porto que se regista maior confiança em Luís Montenegro para primeiro-ministro (46%). O melhor resultado de Pedro Nuno Santos é em Lisboa: 34% (menos três pontos que o social-democrata).

Mais velhos e assertivos

Os eleitores com 65 anos ou mais são os mais assertivos na hora de escolher em quem mais confiam para primeiro-ministro, quase ignorando as hipóteses "ambos" ou "nenhum": 45% escolhem Montenegro, 40% preferem Santos.

30%

Quase um terço dos eleitores socialistas considera que a principal figura da oposição é... André Ventura. Pedro Nuno Santos só convence 57% dos seus. O líder do Chega é o favorito à direita, o do PS à esquerda.

Oposição à oposição

Sem surpresa, a avaliação ao conjunto da oposição é negativa entre os eleitores da AD. Mas o saldo também é negativo entre os que votam em partidos que fazem parte da oposição: os liberais, os bloquistas e os do Livre.

Rival de Ursula von der Leyen apareceu na véspera do voto antecipado

CAMPANHA Luxemburguês Nicolas Schmit foi ao comício do PS, no Porto, falar do "passado negro e fascista". Pela AD, Hugo Soares acusa socialistas de fazerem crescer populismo.

TEXTO **LEONARDO RALHA**

Na véspera de 252.209 portugueses, entre os quais o Presidente da República e o primeiro-ministro, poderem exercer o direito ao voto antecipado nas eleições europeias, a campanha do PS teve no Porto o comissário do Trabalho e Direitos Sociais, Nicolas Schmit, candidato luxemburguês dos Socialistas & Democratas à presidência da Comissão Europeia. E a presença do principal rival da alemã Ursula von der Leyen, recandidata do Partido Popular Europeu, que participará no penúltimo dia de campanha da Aliança Democrática (AD), também no Porto, mas na quinta-feira, foi aproveitada pelo secretário-geral do PS, Pedro Nuno Santos, que manteve a estratégia de colar a direita à extrema-direita.

Repetindo que os candidatos da AD "perderam a vergonha", o líder socialista, que voltou a juntar-se à cabeça de lista Marta Temido, defendeu o "combate sem tréguas, sem hesitações e sem intervalos" ao racismo, xenofobia e homofobia, tal como a promoção da igualdade de género. "Nós e a direita não somos a mesma coisa", disse Pedro Nuno Santos, vincando que isso se aplica em Portugal e Bruxelas, enquanto dizia que "não queremos uma sociedade assente no ódio, na divisão e no ressabiamento", contrapondo-os à "humildade e empatia que caracterizam os socialistas".

Por seu lado, Nicolas Schmit recuou ao "passado negro e fascista" de Portugal para defender "um projeto de esperança" em que não se admitirão "recuos nos direitos das mulheres". E, pedindo um resultado socialista que "trave o crescimento da extrema-direita", criticou Ursula von der Leyen por "abrir a porta" a partidos como o da primeira-ministra italiana, Giorgia Meloni, "só para ganhar mais uns votos".

Na campanha da AD, que também rumou ao Norte, o secretário-geral e líder parlamentar do PSD, Hugo Soares, assumiu as críticas ao PS e a Marta Temido, dizendo no comício de Barcelos que os socialistas "têm feito crescer o populismo em Portugal", acusando a cabeça de lista de "precisar do colinho" do secretário-geral do PS. No início do dia, em Paços de Ferreira, o cabeça de lista Sebastião Bugalho instara Temido a esclarecer as suas "linhas vermelhas" em relação aos governos socialistas da Dinamarca ("que quer deportar migrantes"), de Malta ("que criminaliza o aborto") e de Espanha ("que constrói muros físicos nas suas fronteiras").

Num sábado em que o Chega e a Iniciativa Liberal passaram pela Feira do Livro de Lisboa, com picardias entre os cabeças de lista Tânger Corrêa e João Cotrim de Figueiredo, outros tiveram apoios de peso, com o ex-secretário-geral do PCP Jerónimo de Sousa a juntar-se à campanha de João Oliveira, enquanto a coordenadora bloquista Mariana Mortágua acompanhou Catarina Martins em Viseu, e Rui Tavares apareceu pela primeira vez na campanha do cabeça de lista do Livre, Francisco Paupério. Por seu lado, o candidato do PAN, Pedro Fidalgo Marques, apelou ao fim das touradas num protesto na Praça do Campo Pequeno. ***COM LUSA**

leonardo.ralha@dn.pt



1 — JOSÉ SENA GOULÃO / LUSA


2 — MANUEL DE ALMEIDA / LUSA


3 — MANUEL DE ALMEIDA / LUSA



4 — MIGUEL PEREIRA DA SILVA / LUSA

1. Marta Temido e Pedro Nuno Santos tiveram o rival socialista de Ursula von der Leyen, Nicolas Schmit, no comício do Porto.
2. Ex-secretário-geral comunista Jerónimo de Sousa juntou-se a João Oliveira em Lisboa.
3. Fidalgo Marques (PAN) atacou as touradas no Campo Pequeno.
4. Catarina Martins contou com Mariana Mortágua em Viseu.
5. Sebastião Bugalho tocou bombo antes do almoço da AD em Paços de Ferreira.
6. Cotrim de Figueiredo levou a campanha da Iniciativa Liberal à Feira do Livro de Lisboa.
7. Tânger Corrêa também teve o líder do Chega, André Ventura, no Parque Eduardo VII.
8. Francisco Paupério, do Livre, foi ao Mercado de Matosinhos.


TIAGO PETINGA / LUSA


MIGUEL A. LOPES / LUSA


MIGUEL A. LOPES / LUSA


MANUEL FERNANDO ARAUJO / LUSA

PS-Madeira vota contra programa de governo

O PS-Madeira indicou ontem que vai votar contra a moção de confiança e o programa do governo regional do PSD, que venceu as eleições de domingo passado sem maioria absoluta e fez um acordo de incidência parlamentar com o CDS-PP.

O líder regional socialista, Paulo Cafôfo, sublinhou ser importante que "os outros partidos possam definir-se, se querem ou não querem mudança" na região, falando na reunião da comissão política do PS-Madeira que analisou os resultados das eleições antecipadas de 26 de maio, vencidas pelo PSD, com 19 deputados (menos um), enquanto o PS manteve 11 eleitos, o Juntos pelo Povo subiu de cinco para nove, o Chega ficou com quatro, o CDS-PP dois (menos um do que quando foi a votos coligado com o PSD) e o PAN e a Iniciativa Liberal mantiveram um deputado.

"Ainda não sabemos se a moção de confiança passa ou não passa. Será um momento determinante para podermos voltar à estaca zero. Podemos voltar a ser chamados ao representante da República para apresentar novamente uma solução, ou poderá acontecer termos eleições novamente dentro de seis meses", disse Cafôfo.

O socialista garantiu que o partido manterá uma "postura de responsabilidade e compromisso", defendendo que sem o PS "não é possível uma mudança nesta região". E realçou que o PS e o JPP apresentaram uma solução de governo, recusada pelo representante da República para a Madeira, Ireneu Barreto, optando por indigitar, na quarta-feira, o líder do PSD, Miguel Albuquerque, com base no acordo parlamentar com o CDS-PP.

Os dois partidos somam 21 deputados, aquém dos 24 da maioria absoluta, enquanto o PS e o JPP reúnem 20. "Estamos a falar de duas soluções minoritárias", disse Cafôfo, alegando que PS e JPP "têm tanta legitimidade como o PSD e o CDS para formar governo". **DN/LUSA**



Opinião
José Mendes

Imigração: entre a benevolência e o realismo

A imigração é, a par da defesa, o mais crítico tema no contexto do atual processo eleitoral para o Parlamento Europeu. São áreas em que as opções adotadas no contexto nacional se devem articular com as políticas da União, o que torna o assunto ainda mais complexo. No nosso caso doméstico, quanto mais ouço, mais sinto que estamos num impasse em matéria de imigração, com os protagonistas políticos a organizarem-se em quatro grupos: os irresponsáveis, os benevolentes, os realistas e os oportunistas.

A extrema-esquerda tende a considerar que não há limites para a imigração. A ideologia das portas abertas, em que todos nascemos com o direito a tudo, independentemente dos deveres, das circunstâncias e dos recursos, tem tanto de utópico como de irresponsável. Na conceptualização de forças como o Bloco de Esquerda ou o Livre o problema está sempre do lado de cá, isto é, os culpados são sempre os nacionais, que não criam as condições ótimas para a integração de milhares de imigrantes que aqui se apresentam sem antes terem reunido as necessárias condições de estabilidade. É a visão de um mundo plano, sem fronteiras, sem culturas, sem escassez, em que todos podem simplesmente apresentar-se num guiché e reivindicar um direito a qualquer coisa, da saúde à escola, do emprego ao alojamento. Claro que este seria um mundo perfeito, com o inconveniente de que simplesmente não é possível. Nem em Portugal nem em lugar nenhum do mundo.

Os benevolentes não são irresponsáveis e têm uma visão mitigada da utopia, acreditando antes que os seus bons princípios se podem alinhar com os interesses do país e que, no fim, tudo dará certo. É o caso do Partido Socialista, que aprovou legislação demasiado tolerante, permitindo que se entrasse no país com visto de turista para depois declarar a vontade de aqui residir, de novo sem o cumprimento prévio dos tais requisitos de estabilidade. Nesta visão, quase todos encontrariam um trabalho e uma casa, colmatando o inverno demográfico nacional. Os que não conseguissem acabariam por regressar aos seus países de origem. Ora, em demasiados casos não aconteceu nem uma coisa nem outra, o que está bem patente em muitas ruas das nossas cidades. A própria agência criada para processar os tais pedidos não é capaz de dar conta do recado.

Mais realistas, os sociais-democratas têm nos últimos dias veiculado ideias importantes: a imigração pode ser necessária e útil para Portugal, mas deve ser controlada através de regras e controlos mais apertados; é necessário atrair imigrantes qualificados; os países de língua portuguesa terão naturalmente um tratamento privilegiado pela razão óbvia de terem uma maior proximidade cultural. Esta é a visão realista, a meu ver mais equilibrada, que tem ainda de ser convertida em políticas e ações concretas e eficazes. Por outro lado, o PSD parece ter percebido que um sucesso nesta temática concreta conduzirá a um reconhecimento dos portugueses com expressão eleitoral.

Por fim, os oportunistas, que estão na extrema-direita, liderada pelo Chega. A imigração é o terreno ideal para a sua estratégia. Começam por dizer umas verdades pontuais: há imigrantes a morar na rua, há crimes cometidos por imigrantes, há abuso na utilização ilegítima de serviços, há muitos indocumentados. Depois empolam e estigmatizam essas realidades recorrendo a várias modalidades de mentira, incluindo a mentira estatística, para gerar a sensação de caos. Não lhes interessam soluções, pois isso seria abdicar do combustível que os faz crescer.

Neste espectro, é do interesse nacional que sociais-democratas e socialistas juntem a benevolência ao realismo para gerar consensos e políticas que travem um descontrolo na imigração que já não se pode esconder.

Professor catedrático.

Mil milhões em apoios. E os jovens vão regressar?

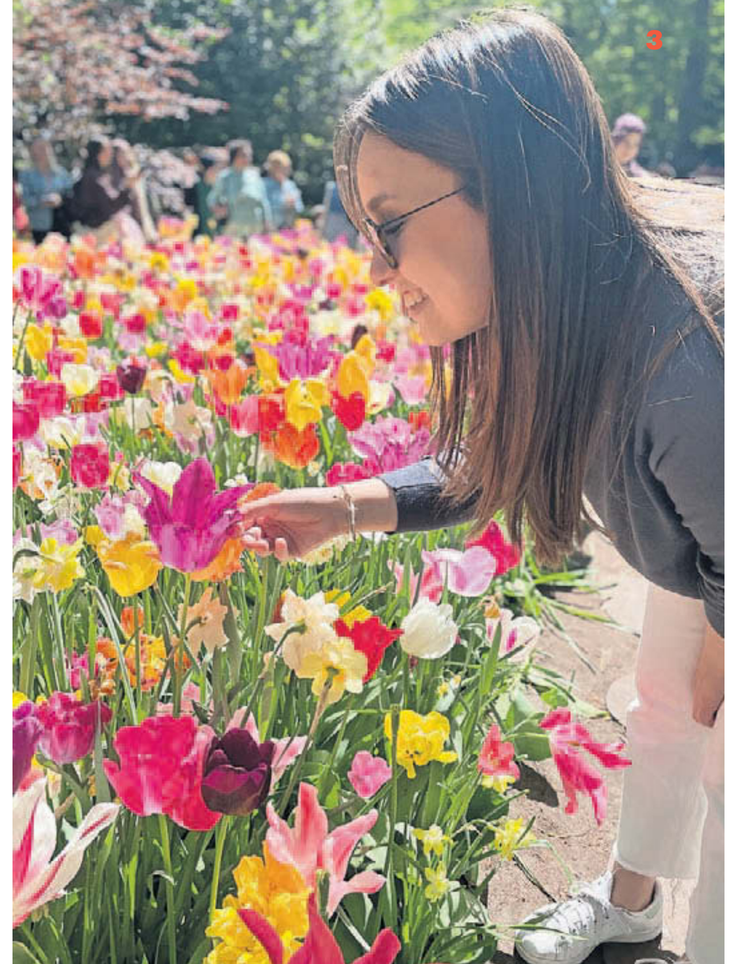
EMIGRAÇÃO Na última década, um em cada três jovens emigrou. O auge aconteceu em 2013, em plena intervenção da *troika*, e continuou nos anos seguintes. Não se vislumbra uma alteração do fenómeno. A maioria dos que partiu não tenciona voltar nem acredita que as novas medidas anunciadas pelo governo consigam estancar a saída.

TEXTO **PAULA SOFIA LUZ**



1





3



Faz em 2024 10 anos desde que Inês Gonçalves emigrou pela primeira vez. Nunca tinha viajado. "Saí para fazer Erasmus em Berlim, por um ano, em 2014, e logo depois disso consegui uma Bolsa Ibero-Americana Santander Universidades para terminar os últimos seis meses da licenciatura em Ciência Política no México. Durante esse período, concorri aos estágios do Ministério dos Negócios Estrangeiros e fui selecionada para a Embaixada de Portugal no México." À distância do tempo, e agora que os dedos das mãos já não lhe bastam para contar os países percorridos, consegue perceber ainda melhor a rapariga de 20 anos, natural de uma aldeia no concelho de Pombal, que "no final dos anos da *troika* só tinha como horizonte nacional um país em que o desemprego jovem rondava os 35%. "Havia muito poucas oportunidades – muito menos em Ciências Sociais – e as poucas que existiam eram muito mal pagas", conta ao DN, numa conversa a partir de Paris, onde atualmente é gestora de projetos no Banco de Desenvolvimento do Conselho da Europa. Mas voltemos ao México.

"Durante o estágio surgiu-me uma oportunidade para trabalhar numa agência de *business intelligence*. Na altura, por falar fluentemente inglês, português e espanhol e poder cobrir todos os mercados das Américas, entrei a ganhar mais do que muitos amigos que estão em Portugal ganham hoje em dia." Depois passou a trabalhar em *business intelligence* para o setor da energia e, quando regressou à Europa, entrou para a Direção-Geral dos Assuntos Económicos e Financeiros da Comissão Europeia. De Bruxelas mudou-se para Paris.

Inês é o protótipo do jovem português qualificado que dificilmente as novas medidas anunciadas pelo governo farão voltar. Sempre atenta ao que se passa no país, sobretudo no que respeita à habitação, considera que as medidas anunciadas "são uma pequena ajuda para quem ficou em Portugal". "A grande frustração entre os meus amigos que ficaram é relativa ao facto de terem feito tudo o que era suposto – licenciatura, mestrado, trabalhar arduamente – e, mesmo assim, não conseguirem ter uma vida confortável, com muitos a viverem em casa dos pais já com 30 anos. Espero que este programa os ajude, mas a mim não me fará regressar", afirma a jovem gestora, acrescentando que "racionalmente, um regresso a Portugal não poderia ser compensado com medidas do governo, porque os salários não são comparáveis com os praticados nos países europeus, com economias mais fortes. Além disso, o tipo de oportunidades que encontraria em Portugal seriam menos estimulantes e a progressão na carreira seria muito lenta". Ainda assim, sublinha que tem pena de não trabalhar aqui algum dia. "Para além dos trabalhos que tive como adolescente, nunca trabalhei no meu país."

É para os jovens como ela que falava o primeiro-ministro, Luís Montenegro, quando no final do Conselho de Ministros, em Braga, na semana passada, anunciava um pacote de medidas que vão desde alterações ao IRS Jovem e a isenção do IMT e do Imposto do Selo para todos os contribuintes até aos 35 anos (independentemente do rendimento), até ao acesso à habitação, passando por um programa de cuidados de saúde. A questão fiscal é aquela que tem suscitado mais discussão. As alterações ao IRS Jovem definem uma taxa máxima de 15% até ao penúltimo escalão para os contribuintes até aos 35 anos. O alargamento deste regime prevê uma redução das taxas marginais em dois terços face à situação atualmente em vigor. Este alívio aplica-se sobre os rendimentos do trabalho dependente (categoria A) e rendimentos do trabalho independente (categoria B). No total, o programa vai custar aos cofres do Estado cerca de mil milhões de euros e tem suscitado algumas críticas. "O IRS Jovem criado pelo PS beneficiava todos de forma igual. O governo atual da Aliança Democrática (AD) beneficia mais os que mais têm. Os jovens que recebem até mil euros por mês (que são dois terços do total) vão apenas beneficiar em 55 euros por mês. Mas um jovem que recebe cinco mil euros (que está no oitavo escalão) vai beneficiar mil euros por mês. É esta a grande distorção", apontou Miguel Matos, secretário-geral da Juventude Socialista, acrescentando que o partido





1. Tomás Mesquita, arquiteto, vive atualmente em Melbourne. Antes estava em Barcelona. A maior diferença que encontrou foi nos salários.

2. Afonso Mesquita estudou Futebol em Inglaterra, com apoio do governo para pagar propinas. Depois mudou-se para a Austrália, onde trabalha como treinador numa academia privada.

3. Nos Países Baixos, Matilde Azambuja integra o departamento de marketing e comunicação de uma empresa de calçado técnico. Está rendida à cultura local.

4. Inês Gonçalves está em Paris. É gestora de projetos no Banco de Desenvolvimento do Conselho da Europa. Fora de Portugal obteve as oportunidades de que precisava.

vai opor-se à proposta no Parlamento caso o governo não a altere. Alexandre Poço, líder da Juventude Social-Democrata e também vice-presidente do Grupo Parlamentar do PSD, contrapõe: "Um jovem que ganhe mil euros de rendimento por mês, hoje paga de IRS 1411 euros, mas com a nova proposta passará a pagar 471, o que representa uma poupança de 941 euros. Dizer a um jovem que ganhe mil euros que pode ter uma poupança de quase um salário por ano só pode ser uma boa política."

Salário e empresas

Nos Países Baixos, para onde emigrou há dois anos com o namorado, a *designer* Matilde Azambuja recebeu as notícias sem grande entusiasmo. "Nenhuma me faria regressar. As medidas são muito superficiais face ao problema real do país: um custo de vida elevado (em que a habitação é o maior problema) face aos salários." Quando terminou a licenciatura em Design Gráfico e Multimédia na ESAD (Escola Superior de Arte e Design) das Caldas da Rainha, a jovem de Leiria até conseguiu emprego. Mas rapidamente percebeu que era lá fora que estavam as melhores oportunidades de trabalho, "melhor ordenado, outro estilo de vida". Aos 25 anos, Matilde integra o departamento de marketing e comunicação de uma empresa de calçado técnico nos Países Baixos e está rendida à cultura local. "O mercado é competitivo para as empresas, que precisam esforçar-se para reter trabalhadores, oferecendo salários atrativos e pacotes de benefícios extra que vão para além das horas de trabalho." São seguros de saúde, atividades fora do trabalho, mais tempo livre, flexibilidade de horários. Em abril, no dia de aniversário, a mãe recebeu no Instagram uma mensagem calorosa da administração da empresa felicitando-a também. Pequenos gestos que afinal fazem grande diferença.

Juntos na emigração

Os irmãos Tomás e Afonso de Oliveira Mesquita, de 30 e 25 anos, respetivamente, moram agora em Melbourne, na Austrália, depois de terem vivido separados nos últimos anos. Na verdade, toda a família acabou por emigrar. Os pais, ambos professores, trabalham atualmente na escola portuguesa de Díli, em Timor. Mas o primeiro a deixar o país foi precisamente o mais novo. Afonso emigrou em setembro de 2018 para Southampton, no Reino Unido, para estudar. Tinha 19 anos. No último ano do secundário cresceram-lhe dúvidas, enquanto frequentava o curso profissional de Técnico de Multimédia. Na verdade, sempre gostara de desporto, desde criança, mas desconhecia a existência de um curso específico de futebol. Quando ouviu falar numa licenciatura especializada (Football Studies), soube "que era isso que queria fazer". "O grande problema seriam as propinas, algo que então me tirou as esperanças. No entanto, os meus pais ajudaram-me imenso numa altura em que não sabia bem o que haveria de fazer e começámos a procurar mais informação em relação às matrículas, às candidaturas. Descobrimos que o governo inglês tinha modelos de financiamento para estudantes. Apesar de as propinas serem altas [quase 11 mil euros anuais], esse valor é financiado pelo governo britânico e após a conclusão do curso o estudante só começará a pagar o empréstimo de volta se auferir um salário bruto superior a um determinado montante." Entretanto, começou a trabalhar, ao mesmo tempo que estudava. Com a mudança dos pais para Timor, o irmão mais velho candidatou-se a um emprego na Austrália, por forma a estarem mais perto. Afonso, que já terminara a licenciatura, decidiu ir também. Trabalha agora como treinador numa academia privada.

As notícias das medidas para os jovens pareceram-lhe "vantajosas, sobretudo estudantes". "No meu caso não sei se serão essas medidas que me farão repensar em viver em Portugal a longo prazo, porque na minha área ainda é difícil arranjar um trabalho a tempo inteiro", explica ao DN.

Tomás, o irmão mais velho, arquiteto, emigrou pela primeira vez em 2021, para Barcelona. "Na altura, obtive uma bolsa de estágio de seis meses num ateliê de arquitetura, que, após o seu término, foi convertida numa proposta de trabalho financeiramente bastante mais vantajosa do que qualquer uma que teria em Portugal."

Foi a questão monetária que mais influenciou a decisão de ficar na vizinha Espanha, mas não só. "A verdade é que sempre tive a ambição de viver em outras cidades e países e conviver com novas culturas, por isso creio que foi esse o principal motivo para emigrar."

Tomás mantém-se sempre em contacto com a atualidade portuguesa, com as raízes familiares entre Coimbra e Aveiro. Consultou as novas medidas do governo ao detalhe. "Não só essas medidas não me farão regressar como acredito que ainda são insuficientes para fixar os jovens em Portugal. Todas estas medidas, desde a retenção do IRS à isenção do IMT, até ao apoio à renda para jovens estudantes, parecem-me medidas que, sim, devem ser discutidas, mas que, na minha opinião, se tornam pouco relevantes quando as massas salariais dos jovens continuam a ser indignas." Essa é a questão principal. De resto, desde que se mudou para Melbourne, em janeiro deste ano, percebeu todas as diferenças: "A maior de todas é mesmo a questão salarial, e que se reflete também no acesso à habitação. Um jovem formado numa universidade na Austrália, quando termina o curso, não só tem inúmeras oportunidades de emprego como também um salário correspondente à sua qualificação, além da possibilidade de progressão na carreira", explica Tomás Mesquita. "Contrariamente a Portugal, aqui existe uma consciência de que, se se gastou dinheiro a formar um jovem, é necessário oferecer-lhe as condições necessárias para que se mantenha no país", sustenta.

"Estas medidas não vão alterar nada na emigração jovem"

VISÃO O sociólogo João Teixeira Lopes considera que os baixos salários e o bloqueio na emancipação são as principais razões que conduzem às saídas do país.

"A principal razão para os jovens portugueses qualificados deixarem Portugal são o salário e o bloqueio na emancipação. Não acredito que as medidas agora anunciadas vão alterar a situação", afirma ao DN o sociólogo João Teixeira Lopes, do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto.

Há anos que estuda o fenómeno e contribui para elencar os dados através do Observatório da Emigração, uma plataforma independente integrada no Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES-IUL) do ISCTE-IUL, onde está sediada.

"Os jovens começaram a emigrar também pelo reconhecimento da qualificação, mas sobretudo por algo que lhes prometesse alguma estabilidade", explica João Teixeira Lopes, antigo deputado do Bloco de Esquerda. Quando começou a estudar o fenómeno, a diferença já era abissal: "Os que aqui ganhavam à volta de mil euros iam imediatamente ganhar três mil lá fora." Por outro lado, apesar de o problema da habitação ser transversal a várias cidades europeias e vários países, "ainda assim conseguiam mais facilmente arranjar casa lá fora. E isso possibilitava constituir família. O grande problema na altura eram as transições bloqueadas. Os jovens que já estavam fartos de ser jovens. Queriam na verdade ter alguma segurança, alguma estabilidade, uma remuneração boa. Ter uma vida, em suma."



"Enquanto houver grandes diferenças de salários, grandes divergências nos modos de desenvolvimento dos países europeus e a mobilidade for facilitada, nada se vai alterar neste retrato."

João Teixeira Lopes
Sociólogo

O investigador acredita, por isso, que "estas medidas não vão alterar nada". E recorda que "as migrações existem quando há diferenças significativas de desenvolvimento e quando há facilidade de mobilidade. É o que acontece atualmente na Europa, não só por causa do acordo de Schengen, mas também pelos transportes e o que as novas tecnologias de comunicação favorecem. Simultaneamente, as diferenças de desenvolvimento continuam a ser grandes".

"Enquanto houver grandes diferenças de salários, grandes divergências nos modos de desenvolvimento dos países europeus, e a mobilidade for facilitada, nada se vai alterar neste retrato", assegura. A maioria dos jovens foge de um país cujo modelo de desenvolvimento é assente em cima de mão de obra barata, baixos salários, setores de exportação de baixo valor acrescentado. "Mesmo que agora estejamos a convergir um pouco com outros países, o nível de divergência é muito grande."

De acordo com o Observatório para a Emigração, que iniciou este trabalho em 2009, os números são um espelho implacável: entre 2008 e 2022 dispararam as saídas de Portugal para o Reino Unido, por exemplo. Foram pouco mais de 5600 nesse ano em que a crise deu os primeiros sinais, mas há dois anos foram mais de 21 mil. A maioria está no grupo etário entre os 15 e os 39 anos.

Segundo o *Atlas da Emigração Portuguesa*, lançado em janeiro deste ano, mais de 850 mil jovens nessa faixa etária deixaram o país na última década e residem atualmente no exterior. O maior volume de saída verificou-se entre 2010 e 2019, com o auge em 2013, coincidindo com a intervenção da *troika*. Nesse ano, um total de 120 mil portugueses deixou o país. De acordo com o Observatório da Emigração, 70% dos que partem têm entre 15 e 39 anos. **P.S.L.**

Redução de poder de compra de médicos, mesmo com aumento de 2024, ainda é de 16,2%

SNS A análise é do economista especialista em Saúde Eugénio Rosa e foi apresentada ontem no primeiro de cinco fóruns organizados pela Federação Nacional dos Médicos para debater a "Evolução dos 50 Anos em Liberdade". O mote do encontro era "Grelhas Salariais e as Condições de Trabalho" e a conclusão: médicos ainda não recuperaram o poder de compra que perderam desde 2011. Perda ainda é maior no valor líquido.



TEXTO **ANA MAFALDA INÁCIO**

Em 2011, a remuneração base média mensal ilíquida de um médico era de 2771,9 euros, mas se a este total retirarmos os descontos feitos para a ADSE, Caixa Geral de Aposentações, Segurança Social e IRS a remuneração líquida era de 1774 euros. Em 2024, e já com o aumento dado pelo anterior governo aos médicos, a remuneração base média ilíquida atingiu os 3010,5 euros, mas, depois dos descontos feitos (1141,7 euros), a remuneração líquida ficou em 1868,8 euros. Se a este valor descontarmos ainda a inflação, o valor líquido recebido efetivamente pelos clínicos é de apenas 1486,6 euros, o que representa ainda uma perda de poder de compra da ordem dos 16,2% face ao que tinham em 2011. Ou seja, um valor bem mais elevado do que aquele que foi sentido por qualquer outro profissional da Administração Pública, cuja redução do poder de compra é na ordem de 7,3%.

Segundo a análise do economista especialista em Saúde Eugénio Rosa, que integrou também a CGTP-IN e ocupou nos últimos cinco anos o Conselho Diretivo da ADSE, "o valor de perda dos médicos em relação ao poder de compra é 2,2 superior ao dos outros profissionais da Administração Pública. É uma perda muito significativa, porque neste valor já está incluído o aumento que receberam no início do ano". E apresentou a sua análise no primeiro de cinco fóruns que a Federação Nacional dos Médicos (FNAM) está a levar a cabo para assinalar a "Evolução de 50 Anos em Liberdade". O mote do encontro de ontem era as "Grelhas Salariais e Condições de Trabalho" e a intervenção do economista foi no sentido de a própria classe perceber o que perdeu e ainda não recuperou e o retrato que existe hoje face a 2011.

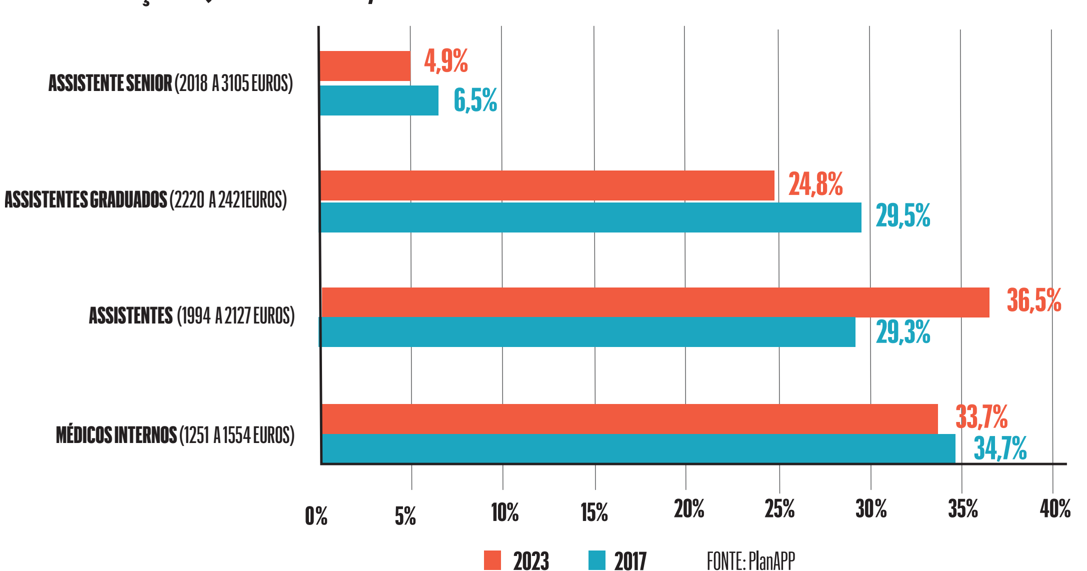


"O que me preocupa é que em vez de se investir nas condições de trabalho e na valorização dos profissionais, para que estes se dediquem mais tempo ao serviço público, recorre-se cada vez mais aos incentivos e ao trabalho extraordinário, o que não é compatível com uma vida familiar estável."

Eugénio Rosa
Economista

Em relação à metodologia, explica que a sua análise incidiu nas remunerações médias dos trabalhadores da Administração Pública por categoria e profissões, usando os dados da Direção-Geral da Administração e do Emprego Público (DGAEP) atualizados a cada trimestre. A análise foi dividida em remuneração-base média ilíquida, base média líquida, base média de médicos em tempo completo (35 horas) e base média de dedicação exclusiva (35 horas). E a primeira conclusão que retira é que "a perda de poder de compra ainda é elevada, apesar do aumento salarial no início de 2024 e tendo em conta a inflação, sendo que a maior perda é mesmo na remuneração-base líquida", afirmou ao DN. Relativamente a 2024, explica que usou os dados do primeiro trimestre publicados pela DGAEP, já com o aumento do início do ano, depois de um acordo assinado com o Sindicato Independente dos Médicos (SIM) – em termos de valor, cerca de 300 euros, embora em termos líquidos seja apenas de 239 euros. Em relação aos médicos em dedicação exclusiva em 35 horas, Eugénio Rosa salienta que, de todas as categorias da carreira, estes foram os que mais perderam em poder de compra face a 2011, já que a redução em termos líquidos ainda se mantém entre os 13% e os 14%.

Em relação ao retrato, os dados da DGAEP indicam que em 2011 havia um total de 22.060 médicos a trabalhar no Serviço Nacional de Saúde (SNS), sendo que, destes, 14.549 eram mulheres e 7511 homens. Em 2024, os números apontam para um total de 34.375, sendo que 22.790 eram mulheres e 11.585 ho-





Médicos reivindicavam 30% de aumento, conseguiram entre 12% e 15% e voltam às negociações com a ministra para repor o poder de compra.

JOSÉ CARMO / GLOBAL IMAGENS

mens. Contudo, destaca, "olhando-se para as categorias profissionais os dados demonstram que o maior aumento nos últimos anos aconteceu na categoria de assistente, a primeira das carreiras e a mais baixa nas remunerações". Olhando para o período de 2017 a 2023, "a percentagem de médicos especialistas até aos 44 anos aumentou de 38% para 51,6%, mas, no mesmo período, o grupo dos 45 aos 54 anos, que já integra médicos assistentes graduados, passou de 17,8% para 16,9% e o grupo dos 55 aos 64 anos, que inclui médicos graduados seniores (o topo da carreira), reduziu de 38,2% para 19,9%". Ora, conclui o especialista, "isto quer dizer que os dois últimos grupos que incluem os médicos mais qualificados e com remunerações mais elevadas têm vindo a abandonar o SNS". Outro dado preocupante é o facto de o grupo de clínicos com mais de 65 anos ter aumentado de 6% para 11,6%, referindo mesmo que, segundo dados da Direção Executiva do SNS, este ano poderão reformar-se cerca de dois mil médicos especialistas – o que irá também agravar o quadro de falta de profissionais. Por outro lado, alerta: "A redução nos quadros mais especializados pode significar a falta de investimento no SNS e a degradação das condições de trabalho."

Aliás, um dos problemas do SNS é a execução dos investimentos (equipamentos e instalações) aprovados em Orçamento do Estado. "Diz-se que se vai investir muitos milhões, mas depois uma boa parte destas verbas não é executada", critica, dando como exemplo dados da Administração Central dos Sistemas de Saúde (ACSS) que revelam que no ano de 2022 foi aprovada no Orçamento do Estado uma verba para investimentos de 509,2 milhões de euros, mas só foram executados 287,1 milhões (56,4% do previsto). Em 2023, a verba era de 753,4 milhões e só se usaram 341,5 milhões, 45,3% do estipulado. Para 2024 estão previstos investimentos da ordem dos 774,2 milhões e a execução realizada até agora foi de 29,1 milhões, cerca de 3,8%. O economista frisa que quanto menos se investir em condições de trabalho menos "o SNS é atrativo".

Deste ponto de vista, chama a atenção para outro dado, precisamente o de a classe ser hoje maioritariamente feminina. "O que me preocupa é que em vez de se investir nas condições de trabalho e na valorização dos profissionais, para que estes se dediquem mais tempo ao serviço público, recorre-se cada vez mais aos incentivos e ao trabalho extraordinário, o que não é compatível com uma vida familiar estável", que é precisamente o que muitos profissionais têm vindo a exigir nas suas reivindicações e protestos, com a recusa às horas extraordinárias. O Movimento Médicos em Luta já disse à tutela que volta a assumir a mesma posição (recusa de mais horas extra do que as previstas na lei) se as grelhas salariais não forem negociadas.

anamafaldainacio@dn.pt

Festa hoje em Lisboa celebra o *DN Brasil*

Uma festa hoje na Fábrica Braço de Prata, em Lisboa, marca a apresentação do *DN Brasil* ao público. O evento será de entrada livre, a partir das 16h00, integrado na programação da Feira Cultural Latino-Americana, promovida todos os primeiros domingos de cada mês na Fábrica. As atividades da feira começam logo ao meio-dia.

A programação da festa do *DN Brasil* inclui uma exposição de capas históricas do Diário de Notícias, que completa 160 anos em dezembro. A tarde será animada pelo grupo de maracatu Baque do Tejo e pelo artista brasileiro Railan e banda. Além destas atrações, a feira terá outras participações musicais ao longo do dia. *Food trucks* com comidas típicas da América Latina, *workshops* variados, oficinas e atividades especiais para os mais novos também integram a programação do domingo.

A escolha de realizar o lançamento na feira é uma oportunidade de promover o evento, que tem como um dos objetivos a integração dos imigrantes e a diversidade cultural da América Latina das mais diversas maneiras: com música, dança e gastronomia.

A festa ocorre na véspera da primeira edição do *DN Brasil*, que chega às bancas amanhã, junto com o Diário de Notícias. Na mesma data, estará *online* o *site* www.dnbrasil.pt, com informações da atualidade todos os dias, sempre na variante brasileira do português. Uma *newsletter* e um *podcast* também fazem parte das novidades do *DN Brasil*, que tem o objetivo de oferecer um jornalismo dedicado aos imigrantes que escolheram Portugal para viver. Todos estão convidados para a festa neste domingo e para acompanhar o *DN Brasil*.

O quê? Lançamento do DN Brasil *na Feira Cultural Latino-Americana, Onde: Fábrica Braço de Prata, Rua da Fábrica do Material de Guerra, 1, Marvila, Lisboa. Entrada: livre.*



BREVES

Lisboa. Marcha pelo clima junta uma centena

Cerca de uma centena de pessoas marchou ontem em Lisboa pelo clima, para exigir aos políticos europeus o "fim dos subsídios aos combustíveis fósseis" e por uma "transição energética justa". A ação de protesto, que decorreu entre o Largo Camões e a Praça Martim Moniz, em Lisboa, foi organizada pela plataforma Salvar o Clima, que reúne mais de duas dezenas de organizações, e ocorre no âmbito de uma convocatória europeia com dezenas de manifestações em vários países.

Português detido na República Dominicana

Um cidadão português procurado por tráfico de droga em Portugal foi detido na República Dominicana e vai ser extraditado, anunciou a Polícia Nacional daquele país. Segundo foi comunicado, o homem foi detido no bairro Los Guandules, em La Victoria, no Norte do município da capital dominicana de Santo Domingo. O indivíduo "era procurado através de uma notificação de busca e captura internacional, emitida em 22 de maio de 2024" pelo Supremo Tribunal de Justiça de Portugal.

Novo plano para a imigração. O que preocupa quem já está ou quer vir para Portugal?

REGRAS Em entrevista ao DN e TSF, o ministro António Leitão Amaro já deu algumas pistas sobre o que vai mudar. Os títulos de residência da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) serão prioridade e a AIMA terá reforços.

TEXTO **AMANDA LIMA**

O governo aprova amanhã em Conselho de Ministros um pacote de medidas que vai afetar os imigrantes que moram em Portugal e, possivelmente, aqueles que planeiam vir. As novas regras foram criadas após audições com especialistas, entidades do setor e partidos políticos. A apresentação ao público está marcada para as 16h30. Em entrevista ao DN e TSF, o ministro António Leitão Amaro reiterou que Portugal precisa de imigrantes, mas que também precisa de mais regras. O DN elencou 10 principais assuntos que são alvo de críticas constantes dos imigrantes.



Conseguir informações na AIMA é uma das maiores dificuldades dos cidadãos migrantes.

FOTO: LEONARDO NEGRÃO / GLOBAL IMAGENS

1 Renovação dos títulos CPLP

Mais de 150 mil pessoas esperam que o governo crie um mecanismo de renovação da autorização de residência CPLP. Em março, os títulos começaram a caducar e não foi criada uma forma de serem renovados, uma herança do governo anterior. As consequências de deixar milhares de pessoas sem um documento renovado foram, e são, várias: muitos não tiveram o contrato de trabalho renovado ou foram demitidos; não puderam concorrer a outras vagas e nem ter direito ao subsídio desemprego; perderam a inscrição no centro de saúde e foram excluídos do abono de família. Mesmo antes de não terem sido renovados pelo Executivo, os títulos já colocavam limitações aos imigrantes: não poder viajar pelo Espaço Schengen e não ter direito ao reagrupamento familiar são algumas das características desta modalidade de título de residência – informações que só foram reveladas depois de ter sido lançado.

2 A AIMA

A Agência para as Migrações, Integração e Asilo (AIMA) existe há pouco mais de seis meses e acumula críticas e queixas dos utentes. Protestos em frente à sede em Lisboa e também no Porto tornaram-se comuns. As cobranças são diversas: demora na análise de pedidos de residência, falta de vagas, cartões renovados há meses que não chegam à morada dos cidadãos, entre outros problemas. A AIMA enfrenta as 400 mil pendências deixadas pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) e o trabalho diário. O órgão já nasceu com défice de profissionais e de meios para dar resposta ao alto volume de serviço. O DN sabe que a direção da AIMA tem os funcionários a realizar o máximo de horas extraordinárias, além de ter implementado novos sistemas informáticos para tornar o trabalho mais ágil. Também foi criado um sistema de reagrupamento familiar, ainda que bastante restrito. Neste momento há funcionários que pediram mobilidade e ainda não está claro qual será o total de trabalhadores disponível.

3 As manifestações de interesse

Atualmente é a principal forma de legalização em Portugal. São os famosos artigos 88.º e 89.º da Lei dos Estrangeiros, aprovados em 2017. As chamadas manifestações de interesse (MI) são consideradas as principais responsáveis pelo aumento exponencial de imigrantes no país: saltaram de 480 mil em 2018 para quase 800 mil em 2022, de acordo com estatísticas oficiais. O número de processos, aliado ao não aumento de meios para despachar os documentos, é indicado como uma das razões para a AIMA (antes o SEF) ter tanto volume de trabalho acumulado. Além de tornar mais flexível o processo de obtenção do título de residência, a brecha na lei é considerada pelas autoridades como um mecanismo que favorece as redes de tráfico de seres humanos. Um despacho do Ministério Público divulgado pelo DN em janeiro deste ano revela como o mecanismo de legalização já fez pelo menos seis mil vítimas em crimes de incluem maus-tratos e exploração.

4 Renovações

Desde a pandemia de covid-19, o governo tem vindo a prorrogar um decreto-lei que torna todos os documentos caducados válidos. A medida foi usada sucessivamente como uma justificação para atrasos nos procedimentos de renovação das residências ou para a ausência de novos. A falta de vagas e a indefinição dos mecanismos disponíveis – como a renovação pelo Instituto dos Registos e do Notariado (IRN) ou *online* – são dúvidas constantes dos imigrantes. O DN tem inúmeros relatos de estrangeiros que tentam há meses renovar o documento e não conseguem. São cidadãos com os mais variados tipos de visto, como o *gold* e o de trabalho.

5 Atraso no envio de documentos

É igualmente alto o número de pessoas que conseguiram a renovação dos títulos mas até hoje não os receberam em casa. Por lei, o prazo é de 60 dias, mas há casos em que a espera começou no verão passado.

6 Contacto com a AIMA

Obter uma informação na AIMA é uma missão difícil. Apenas um número de telefone e um telemóvel estão disponíveis. Os imigrantes usam discadores automáticos para tentar uma chamada. Os *e-mails* também não são respondidos diante do alto número de pessoas que tentam contacto. Nas redes sociais os comentários são bloqueados. Presencialmente, as vagas esgotam-se rapidamente nos balcões. Há quem chegue às 4h00 para conseguir uma senha de atendimento.

7 Reagrupamento familiar

O reagrupamento familiar é um direito previsto na lei, não só na portuguesa mas também nas diretrizes da União Europeia. Neste momento Portugal só permite o reagrupamento de parceiros com filhos já residentes no território nacional, com idade entre 5 e 15 anos. Casais sem filhos ou com crianças fora desta faixa etária estão impedidos de solicitarem o reagrupamento. Os casos em que um dos cônjuges ainda está no país de origem e todos os estrangeiros com título CPLP estão igualmente fora do acesso ao direito. Mesmo nos casos em que foi permitido, há relatos de incumprimento do prazo determinado para análise dos pedidos.

8 Estudantes com visto e sem agendamento

Sem maneira de contactar a AIMA, estudantes que chegam com visto não conseguem um agendamento para a troca do documento por residência, como prevê a lei – a mesma legislação assegura que o estudante já aterre no país com uma marcação na AIMA. Na prática, há casos de brasileiros que estão a terminar o ano letivo e ainda não conseguiram o documento, ficando presos no país e limitados nos direitos.

9 Desencontro de informações

Receber informações distintas em função do posto ou do funcionário que faz o atendimento é uma realidade. Mesmo entre ministérios há desconhecimento das regras, como é o caso do cancelamento do abono de família de uma utente por causa do documento CPLP não renovado, mesmo com um decreto-lei que torna o título válido.

10 Redes de tráfico e abusos laborais

No Alentejo as situações são conhecidas: a atuação das redes de tráfico, em conjunto com empresas que exploram os trabalhadores. Mas noutras zonas do país a situação não é diferente, como na restauração. Com falsos recibos verdes fazem jornadas de 16 horas de trabalho e mesmo o não pagamento de ordenados são realidades conhecidas por imigrantes, não denunciadas por medo e nem sempre fiscalizadas pelas autoridades.

amanda.lima@globalmediagroup.pt


GONÇALO DELGADO/GLOBAL IMAGENS

Altice, NOS e Vodafone garantem taxas de cobertura do 5G próximas dos 90% da população.

Meta europeia para fibra ótica e 5G em risco sem mais investimento privado

TELECOMUNICAÇÕES *Think tank* do Parlamento Europeu diz que é preciso reforçar investimento para atingir objetivos até 2030. Verbas em falta podem vir da *fair share* das *big tech*.

TEXTO **JOSÉ VARELA RODRIGUES**

É preciso mais investimento privado para a União Europeia (UE) garantir o cumprimento das metas da Década Digital, que permitirão atingir a "sociedade gigabit" em 2030, ou seja, ter redes de alta velocidade para todos os residentes e empresas da UE, concluiu a análise sobre infraestruturas e serviços digitais no espaço europeu do Serviço de Investigação do Parlamento Europeu.

"O investimento privado é necessário para se obter orçamento para a sociedade gigabit", aponta o organismo, que funciona como um *think tank* de Estrasburgo, realçando que "um dos maiores obstáculos" ao cumprimento das metas da Década Digital está a ser o subinvestimento. A solução "crucial" passa por "atrair investidores para o setor das telecomunicações da UE e explorar novos modelos de negócio para a implantação de redes, a fim de colmatar o défice de investimento".

Para o *think tank* do Parlamento Europeu – cujo trabalho serve para dar informação aos eurodeputados –, para atrair mais investimento é preciso "analisar os prós e os contras" de haver um mercado de telecomunicações "fragmentado" na UE (são mais de 100 operadores), encontrar "uma abordagem mais harmonizada" para a gestão das licenças atribuídas pelos Estados-membros (desde a duração das mesmas à definição de preços de aquisição e das taxas regulatórias) e definir quem paga as redes de comunicações.

Há largos meses que a Comissão Europeia debate com as *telecoms* e as tecnológicas o *fair share* (contribuição justa) pela utilização das infraestruturas das empresas de telecomunicações pelas *big tech*, devido ao crescente consumo de serviços digitais (plataformas de *streaming* como a Netflix e redes sociais como Instagram ou TikTok).

> Em Portugal, os operadores resistem a aplicar mais fundos, argumentando que operam numa indústria de capital intensivo e que o retorno é cada vez mais difícil de atingir.

O debate não está terminado e continuará após as eleições europeias deste mês de junho, ao mesmo tempo que Bruxelas procura definir orientações para responder às necessidades da UE quanto a infraestruturas de telecomunicações. Novas regras para acelerar a conectividade europeia devem ser aplicadas a partir do verão de 2025.

Um atraso de 200 mil milhões

Há uma "corrida tecnológica mundial" às infraestruturas digitais, considerando os avanços nas comunicações eletrónicas, a crescente importância dos dados, da *cloud* e dos desenvolvimentos na inteligência artificial. Por isso Bruxelas, a pensar na "vantagem competitiva" que esta indústria pode oferecer, criou o plano Década Digital, incluindo a referida sociedade gigabit, que se traduz no fornecimento a todos os lares da UE de redes de muito elevada capacidade, que assegurem ligações fixas à internet de um gigabit por segundo (Gbps), e que todas as zonas povoadas estejam cobertas por redes sem fios de alta velocidade com capacidade mínima equivalente à rede 5G.

Segundo o primeiro estudo de Bruxelas sobre o estado das metas da Década Digital, publicado em outubro de 2023, apenas 56% das casas na UE tinham acesso à rede de fibra ótica e a cobertura da rede 5G não superava 81% da população dos países comunitários. Avaliando as zonas rurais separadamente, a cobertura do 5G cai para 51%. Ao todo, a cobertura de redes de capacidade muito elevada era de 73%. Os dados citados pelo *think tank* eram favoráveis à UE face aos EUA (45%) no que respeita à fibra ótica, mas comparavam mal com aquele país (98%) no caso do 5G. China, Coreia do Sul e Japão tinham níveis de cobertura perto de 100% em ambos os casos.

Os objetivos da UE são "ambiciosos", mas "mais de metade" já foram cumpridos, segundo a análise do *think tank* de Estrasburgo. No entanto, a sete anos de 2030, prevê-se que ao atual ritmo a cobertura de fibra possa não ir além dos 80% e que a "cobertura básica da população com acesso ao 5G" não suporte casos de uso 5G.

O referido relatório de outubro de 2023, da Comissão Europeia, realçava que os 27 Estados-membros precisam investir mais de 174 mil milhões de euros para cumprir a Década Digital. Incluindo fundos públicos, o valor em falta para assegurar os objetivos de conectividade superará os 200 mil milhões.

E Portugal, como está?

De acordo com a Autoridade Nacional de Comunicações (Anacom), no final de 2023 em Portugal cerca de 6,1 milhões de lares eram servidos por uma rede de alta velocidade, registando-se uma cobertura de 94,4% de casas e empresas. As redes de fibra ótica representavam mais de 66% dos acessos à internet fixa. Quanto ao 5G, os operadores Altice, NOS e Vodafone garantiam "taxas de cobertura próximas dos 90% da população nacional". No entanto, as estações de base 5G apenas abrangiam 69% das freguesias.

Em Portugal, os operadores resistem a elevar o investimento, argumentando que operam numa indústria de capital intensivo e que o retorno é cada vez mais difícil de atingir. Apelam que é a vez de o Estado apoiar no cumprimento das metas europeias. A associação setorial Apritel tem defendido que os operadores nacionais têm investido cerca de mil milhões de euros por ano. No final de 2023, por exemplo, o governo lançou um concurso internacional para levar redes de fibra ótica às zonas que hoje não estão cobertas.

jose.rodrigues@dinheirovivo.pt

Especialistas alertam para riscos na concentração bancária

BANCA Desde a crise financeira que a consolidação do setor financeiro é um tema recorrente na União Europeia. A oferta hostil do BBVA sobre o Sabadell, em Espanha, vem relançar o debate.

A concentração bancária europeia, que voltou à ribalta com a Oferta Pública de Aquisição (OPA) espanhola do BBVA ao Banco Sabadell, coloca em risco a concorrência e o acesso a melhor financiamento por empresas e famílias, consideram especialistas contactados pela Lusa.

Desde a crise financeira que a consolidação bancária (incluindo transfronteiriça) vem sendo um tema recorrente na União Europeia, com os argumentos favoráveis de que os bancos se tornam mais rentáveis, mais sólidos, com mais escala para competir internacionalmente e que reforça a estabilidade do setor.

Para o economista António Nogueira Leite é preciso um equilíbrio entre, por um lado, uma supervisão adequada das atividades bancárias (provavelmente facilitada quando há menos entidades) e diminuição de risco sistémico e, por outro lado, a importância de manter a concorrência.

O antigo vice-presidente da Caixa Geral de Depósitos (CGD) defende que não se deve esquecer que a razão da banca é financiar empresas e famílias e que a relação bancária tem uma componente regional/nacional muito forte.

"Para haver uma boa repartição da atividade bancária entre banqueiros e clientes é bom que haja escolha. Se continuarmos a ter um mercado mais concentrado, quem ganha com isso são os banqueiros", disse à Lusa o ex-secretário de Estado de governo PS de António Guterres e que tem aconselhado o PSD.

Já sobre a necessidade de haver grandes bancos pan-europeus para concorrer a nível internacional (sobretudo com norte-americanos), Nogueira Leite considerou que não é com a concentração de bancos e de retalho que permitirá esse salto.

Para o professor de economia do ISCTE Sandro Mendonça, a União Europeia (UE) tentar ganhar escala pela flexibilização da política da concorrência e por concentrações de empresas é um risco, e sobretudo para países mais pequenos, como Portugal. "Significa um grande risco de subalternização de interesses do país perante esta visão central de consolidação, pois os nossos operadores não têm escala para absorver os outros", afirmou à Lusa.

O economista da Deco Proteste Vinay Pranjivan recordou que a teoria económica relaciona mais poder de mercado com menos concorrência. Em Portugal, mais de 70% do mercado bancário está em mãos de cinco entidades, pelo que, caso o Novo Banco (é conhecido que o acionista Lone Star quer vender) vier a ser adquirido por um banco forte já presente, isso significaria que o mercado ficaria dominado por quatro bancos, o que considerou preocupante.

"O grande risco da concentração bancária é a menor capacidade negocial dos clientes de retalho [particulares e empresas mais pequenas] e menor incentivo à inovação tecnológica", disse, acrescentando que no mercado de pagamentos a legislação europeia e o surgimento de novos operadores (como o Revolut) têm tornado o mercado mais concorrencial.

Além disso, a concentração também acarreta riscos de cortes de agências e de empregos.

DV/LUSA



"Para haver uma boa repartição da atividade bancária entre banqueiros e clientes é bom que haja escolha. Se continuarmos a ter um mercado mais concentrado, quem ganha com isso são os banqueiros."

António Nogueira Leite
Economista


ALFREDO ESTRELLA/AFP


MIGUEL SIERRA/EPA

Claudia Sheinbaum, a cientista na sombra de Obrador

Neta de emigrantes judeus da Bulgária e da Lituânia e filha de ativistas do movimento político de esquerda dos anos 60, Claudia Sheinbaum nasceu na Cidade do México há 61 anos. Fundadora do Morena, o partido do presidente Andrés Manuel López Obrador (AMLO), é a aposta na continuação. Formada em Física e doutorada em Engenharia Ambiental, o seu primeiro cargo político foi como secretária do Meio Ambiente da capital, quando AMLO era o autarca, tendo sido presidente da câmara entre 2018 e 2023. É casada em segundas núpcias e tem dois filhos.

Xóchitl Gálvez, a empresária de raízes indígenas

A aposta da oposição de centro-direita é uma empresária de raízes indígenas (otomi), que em criança vendia gelatinas para ajudar a pagar os estudos. Xóchitl (significa flor) Gálvez nasceu há 61 anos em Tepatepec, uma comunidade rural no Estado de Hidalgo, e estudou Engenharia Informática na capital, tendo fundado uma empresa de sucesso nesta área. Independente, coordenou a atenção aos povos indígenas na presidência de Vicente Fox (2000-2006) e foi eleita para o Senado em 2008 pelo Partido de Ação Nacional. Tem dois filhos com o companheiro.

Uma mulher para suceder a AMLO num México machista e violento

ELEIÇÕES Presidente tem uma popularidade de 60% e a favorita à vitória é a sua pupila, que terá que provar que não é uma simples marioneta dele. Participação vai ser chave para ver se o favoritismo se confirma ou se oposição surpreende.

TEXTO **SUSANA SALVADOR**

Nos primeiros três meses deste ano, segundo dados oficiais, o México registou 184 feminicídios – uma média de dois por dia. São crimes cuja causa são razões de género, mas a violência contra as mulheres não se fica por aqui, com pelo menos mais 621 casos de homicídios ligados à insegurança ou à delinquência. Os números são mais baixos do que nos últimos anos, apesar do aumento de chamadas para a linha de emergência ligadas a violência de género – foram mais de 80 mil no primeiro trimestre, um aumento de 5%.

Este é o cenário no México que vai hoje às urnas para eleger a primeira mulher presidente da sua história. A grande favorita é Claudia Sheinbaum, de 61 anos, do partido Morena – do atual presidente, Andrés Manuel López Obrador (ou AMLO, como é conhecido). Algumas sondagens dão-lhe mais 20 pontos percentuais do que à principal adversária, Xóchitl Gálvez, senadora independente, também de 61 anos, que foi eleita pelo Partido de Ação Nacional e lidera a candidatura da coligação conservadora.

A participação será contudo a chave para decidir a vencedora – sendo quase certo que será do sexo feminino, com Jorge Álvarez Máynez, do Movimento Cidadão, muito afastado, no último lugar do pódio. Estas são as maiores eleições de sempre no México, com 98 milhões de eleitores a serem chamados a eleger também o Congresso Nacional (todos os 500 deputados e 128 senadores), vários Parlamentos regionais e centenas de câmaras, além de sete governadores – no total, são 20 mil cargos em disputa. A violência não afeta só as mulheres, com 22 candidatos assassinados só durante a campanha.

Apesar da cultura machista e da violência, não é de estranhar que o México esteja à beira de eleger uma mulher para o cargo mais importante no país. Há cerca de 20 anos que têm vindo a ser adotadas leis para encorajar uma maior representatividade feminina na política, passando de menos de 20% de mulheres na Câmara dos Deputados e no Senado para a paridade de género – em 2019 o país tornou-a uma exigência constitucional nos três ramos do governo. As líderes de ambas as câmaras do Congresso são mulheres, o Banco Central tem uma governadora e uma juíza preside ao Supremo Tribunal.

A eleição de uma mulher presidente não significa que sejam esperadas mudanças na noite para o dia no que diz respeito à violência contra o sexo feminino, à diferença salarial entre os sexos ou ao machismo institucional. Mas será um momento simbólico no país, dependendo também da capacidade de a favorita sair da sombra do seu mentor político, o popular presidente, com alguns a considerarem que ela será uma mera marioneta. Nem a sua opositora está livre de ser considerada o mesmo, uma vez que os três partidos da coligação conservadora que representa são todos liderados por homens.

"As pessoas dizem: 'a única razão por que está à frente nas sondagens é porque ela [Sheinbaum] é o mesmo que o presidente ou porque é a favorita do presidente'", disse Sheinbaum, citada pelo *The New York Times*. "Há um traço de misoginia, de machismo aí", acrescentou. "Sou eu que vou governar", tem dito. Os seus apoiantes dizem que não pode, em plena campanha, afastar-se do discurso do popular presidente, mas que isso não implica que não o fará no futuro – muitos lembram como, durante a pandemia de covid-19, a cientista defendeu o uso de máscaras, enquanto o presidente recusava usar uma, mesmo quando foi contagiado. O México foi o quinto país em número de mortes.

Os analistas acreditam que Sheinbaum manterá a política de AMLO no que diz respeito à economia e aos programas sociais – a chamada "quarta transformação", depois da Guerra da Independência, da Guerra da Reforma e da Revolução de 1910. Uma prova é que o ministro das Finanças, Rogelio Ramírez de la O, poderá continuar no cargo. Mas deverá ter uma posição diferente em áreas como o ambiente (a sua especialidade), a energia, a segurança ou a corrupção – uma das promessas passa por uma reforma no organismo das migrações. A dúvida será saber que maioria (se conseguir uma maioria) terá no Congresso para levar a cabo os seus planos.

O legado de AMLO é positivo no que diz respeito ao combate à pobreza, tendo duplicado o salário mínimo nos seus seis anos no poder, mas também marcado por algumas medidas que os críticos dizem pôr em causa as instituições democráticas, nomeadamente a presença dos militares nas empresas públicas ou a tentativa de eliminar a independência judicial. Apesar de tudo, a sua popularidade é de 60%.

susana.f.salvador@dn.pt


RAJESH JANTILAL / AFP

A contagem dos votos na África do Sul terminou ontem. Resultados oficiais divulgados hoje.

ANC procura aliados após perder maioria histórica

ÁFRICA DO SUL Congresso Nacional Africano, no poder desde o fim do *apartheid*, obteve apenas 40% dos votos – em 2019 tinha tido 57,5%.

TEXTO **SUSANA SALVADOR**

O pior cenário confirmou-se para o Congresso Nacional Africano (ANC, na sigla original) e para o presidente sul-africano, Cyril Ramaphosa. Três décadas após a conquista da primeira maioria absoluta por Nelson Mandela, que marcou o final definitivo do *apartheid*, o partido obteve apenas 40% dos votos nas eleições gerais da última quarta-feira. E vai ter de negociar pela primeira vez uma coligação para formar governo ou, pelo menos, uma aliança para conseguir reeleger o presidente (a eleição é feita no Parlamento) e governar em minoria, mesmo que dependendo de terceiros para passar legislação.

"Podemos falar com todos e qualquer um", disse o líder nacional do ANC e atual ministro das Minas e Energia, Gwede Mantashe, citado pela televisão pública, evitando dar uma resposta concreta quando foi questionado sobre com que partidos estaria a discutir uma possível coligação. A número dois do partido, Nomvula Mokonyane, afirmou que o partido já estava a falar com todos ainda antes da eleição. As previsões já não eram positivas para o ANC, no meio de uma economia estagnada, do aumento do desemprego e de problemas graves de infraestruturas no país.

Quando já estavam contabilizados os dados de 99,53% dos locais de voto, o ANC tinha 40,21% – uma grande queda dos 57,5% conquistados em 2019. O principal partido da oposição, a Aliança Democrática, tinha 21,8% (um ponto percentual acima do que teve há cinco anos). "As negociações ainda não começaram, mas alguns canais foram abertos, indivíduos a falar com indivíduos", disse a presidente do Conselho Federal do partido, Hellen Zille, não afastando a hipótese de permitir que Ramaphosa governasse em minoria.

O novo partido do ex-presidente Jacob Zuma (o uMkhonto we Sizwe, ou M.K.) estreou-se com 14,6%, sendo responsável por grande parte da perda de votos do ANC. Zuma, de 81 anos, foi proibido pela justiça de se candidatar e a relação pessoal com Ramaphosa é difícil – o atual presidente expulsou o anterior da liderança em 2018. Mas se a negociação for entre os dois partidos, a hipótese de uma coligação não está afastada, dada a proximidade dos programas. O preço será, contudo, deixar cair Ramaphosa. O problema é que não há um sucessor claro.

> Primeiro desafio do ANC será a reeleição de Cyril Ramaphosa como presidente, algo que o partido de Zuma já rejeitou. O de Malema já revelou as suas exigências.

Os analistas acreditam que uma aliança com os Combatentes da Liberdade Económica, partido da extrema-esquerda do ex-líder da juventude do ANC Julius Malema, é mais difícil. O partido obteve 9,48% dos votos. Expulso do ANC em 2013 por "fomentar a divisão", Malema é considerado "demasiado imprevisível". Ontem, o líder mostrou-se disponível para dialogar com Ramaphosa, mas enumerou as exigências para formar uma coligação – uma delas é a expropriação, sem direito a compensações, de terras de proprietários brancos.

Os resultados finais vão ser anunciados hoje, devendo o novo Parlamento reunir pela primeira vez no prazo de duas semanas. Por norma, os deputados elegem então o presidente – mas o ANC tinha uma maioria absoluta há 30 anos, logo essa era uma tarefa fácil. Agora será mais difícil, sendo que se não houver acordo no espaço de um mês serão convocadas novas eleições gerais. **COM AGÊNCIAS**

susana.f.salvador@dn.pt

Modi revalida a maioria absoluta

A Aliança Democrática Nacional (ADN), liderada pelo partido do primeiro-ministro indiano Narendra Modi, revalidou a maioria absoluta nas eleições que terminaram ontem na Índia (após 44 dias de votação). A confirmarem-se os resultados das sondagens à boca das urnas (a contagem dos votos termina na terça-feira), será um terceiro mandato histórico para Modi.

"Posso dizer com confiança que o povo da Índia votou em números recorde para reeleger o governo da ADN. Viram o nosso histórico e a maneira como o nosso trabalho trouxe uma mudança qualitativa nas vidas dos pobres, marginalizados e oprimidos", escreveu Modi no X, falando também das reformas que "impulsionaram a Índia para ser a quinta maior economia global".

Segundo as sondagens, a ADN terá conquistado mais de 350 dos 543 lugares no Parlamento (muito acima da maioria de 272). Há cinco anos elegeu 353 representantes. A aliança opositora INDIA, liderada pelo Partido do Congresso, deverá ganhar mais de 120 lugares (tinha agora 119).

"Eles são castistas, comunais e corruptos. Esta aliança, que visava proteger um punhado de dinastias, falhou em apresentar uma visão futurística para a nação. Através da campanha, eles apenas aumentaram a sua perícia numa coisa: criticar Modi. Tal política regressiva foi rejeitada pelo povo", indicou o primeiro-ministro. **S.S.**



Narendra Modi
Primeiro-ministro da Índia

Netanyahu sob pressão para aceitar acordo

O primeiro-ministro israelita, Benjamin Netanyahu, insistiu ontem que a destruição da capacidade militar e de governo do Hamas é uma condição prévia ao final da guerra – assim como a libertação de todos os reféns e a garantia de que a Faixa de Gaza não representa um risco para Israel. "A ideia de que Israel vai concordar com um cessar-fogo permanente antes de estas condições serem cumpridas está condenada ao fracasso", indicou o gabinete de Netanyahu. As forças israelitas continuam, entretanto, os ataques em Rafah.

Na sexta-feira, o presidente dos EUA, Joe Biden, apresentou o que disse ser uma "proposta abrangente" feita por Israel para um cessar-fogo em Gaza. O presidente francês, Emmanuel Macron, e o primeiro-ministro britânico, Rishi Sunak, expressaram o apoio ao acordo em três fases. A primeira, de seis semanas de trégua, prevê a retirada parcial das forças israelitas e a libertação de alguns dos reféns, enquanto ambos os lados negoceiam o "final permanente das hostilidades".

Mas em Israel, e como previsto pelo próprio Biden no seu discurso, os parceiros de coligação de Netanyahu, da extrema-direita, rejeitam qualquer acordo que não passe pela destruição do Hamas. O líder da oposição, Yair Lapid, prometeu, contudo, apoiar Netanyahu, exortando-o a aceitar a proposta. As famílias dos reféns também pedem ao primeiro-ministro que aceite.

Do lado do Hamas, a primeira reação foi positiva, com o grupo terrorista a dizer estar preparado para se envolver "de forma construtiva" em qualquer proposta que passe por um cessar-fogo permanente, a retirada das forças israelitas, a reconstrução de Gaza e o regresso dos deslocados, assim como uma troca de prisioneiros "genuína", se Israel "anunciar claramente o seu compromisso com tal acordo". **DN/AFP**

Rússia ataca setor energético e Zelensky viaja para Oriente

UCRÂNIA Presidente chegou ontem a Singapura e discursa hoje num fórum de defesa e segurança, à procura de apoios.

A Rússia disparou um total de 100 mísseis e drones contra a Ucrânia durante a noite de sexta-feira, atingido instalações do setor energético em todo o país, disseram as autoridades ucranianas. "O inimigo lançou 53 mísseis de vários tipos e 47 drones de ataque", segundo a Força Aérea, que indicou ter derrubado 35 dos mísseis e todos os drones, exceto um.

Duas centrais termoelétricas foram danificadas no ataque, de acordo com a empresa de energia DTEK, sem especificar a sua localização. "Foi mais uma noite extremamente difícil para o setor energético ucraniano. O inimigo atacou duas das nossas centrais. O equipamento foi gravemente danificado", disse a empresa no Telegram.

Desde que a invasão russa da Ucrânia começou, há dois anos, a Rússia lançou centenas de ataques aéreos contra instalações elétricas no país. Segundo o ministro da Energia ucraniano, German Galushchenko, a Rússia atacou instalações nas regiões de Donetsk, Dnipropetrovsk, Kirovograd, Ivano-Frankivsk e Zaporíjia. O ministério advertiu que como resultado provavelmente haveria restrições de eletricidade na noite de ontem.

O presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, garantiu nas suas redes sociais que "o principal objetivo da Rússia é normalizar o terror, explorar a falta de defesa aérea suficiente e a determinação dos parceiros da Ucrânia".

No seu relatório diário, o Ministério da Defesa da Rússia declarou que lançou um ataque contra "instalações de energia ucranianas que apoiam o trabalho de empresas do complexo militar industrial". Os ataques foram realizados "em resposta às tentativas do regime de Kiev de danificar as instalações russas de energia e transporte". O Exército ucraniano alega atacar refinarias e instalações militares em território russo em retaliação aos ataques diários às suas cidades e à sua rede de energia.

Entretanto, Zelensky chegou ontem a Singapura, onde vai participar no Shangri-La Dialogue, um fórum de defesa e segurança organizado pelo Instituto Internacional para os Estudos Estratégicos. O presidente ucraniano já esteve reunido ontem com o homólogo de Timor-Leste, José Ramos Horta, que confirmou a sua presença na Cimeira de Paz Global na Suíça, tendo também reunido com o presidente eleito da Indonésia, Prabowo Subiant. Teve ainda oportunidade de estar com uma delegação da Câmara dos Representantes dos EUA, pedindo mais ajuda militar. Zelensky discursa hoje no fórum. **DN/AFP**



OLGA MALTSEVA / AFP

Estátua no túmulo de Prigozhin

No dia em que Yevgeny Prigozhin teria feito 63 anos, uma estátua de bronze foi inaugurada no túmulo do antigo líder do Grupo Wagner, em São Petersburgo. Prigozhin, um mercenário pró-Kremlin que desafiou o presidente Vladimir Putin com uma tentativa de golpe em junho do ano passado, morreu num acidente de avião em agosto.



Análise
Germano Almeida

Condenado a rebentar com o sistema

Joe Biden não deitou foguetes com os 34 *guilty* dos crimes federais de que Trump estava acusado no Caso Stormy Daniels. "A única maneira de derrotarmos Trump é nas urnas", escreveu o Presidente no X, minutos depois da decisão histórica do júri de 12 cidadãos nova-iorquinos. "Ele ainda pode ganhar", avisou Biden.

A campanha de reeleição de Biden foi mais longe: "Este veredicto mostrou que ninguém está acima da lei. A ameaça que Trump representa para a nossa democracia nunca foi tão grande. Um segundo mandato de Trump significa caos, destruindo as liberdades dos americanos e fomentando a violência política."

Foi a primeira vez na História de quase dois séculos e meio dos EUA que um ex-Presidente foi considerado culpado por crimes federais. Numa situação normal, seria o fim da linha para um regresso de Trump à Casa Branca. Mas há muito que essa linha foi ultrapassada na política americana pós-vitória presidencial de Trump em 2016.

Não quer dizer que Trump não venha a sair prejudicado com isto. Até pode perder em novembro por causa disto. Não sabemos. O que é certo é que, nas primárias, estas e outras acusações não impediram um passeio de Donald para a terceira nomeação republicana seguida.

Para a eleição geral o quadro é outro: como vão comportar-se os eleitores Nikki Haley, que durante as primárias mostravam, em percentagem significativa, grandes reservas em votar em Trump em novembro, caso até lá o ex-Presidente fosse condenado judicialmente? Por agora, 6% dos eleitores Trump dizem que poderão rever o seu voto em caso de mais condenações (ou seja, para 94% do povo Trump não há qualquer problema…). No universo de eleitores americanos (independentes, democratas e republicanos), 60% afirmam que estas condenações reduzem a probabilidade de virem a votar em Trump.

Donald insiste no arrasar do sistema. Diz que é um "homem muito inocente", que a justiça está corrompida pela Administração Biden, que é um "prisioneiro político". Palavras inaceitáveis para um ex-Presidente, se não fosse o caso de Trump há vários anos ter rebentado com os consensos mínimos de decência e respeito pelo adversário. "O verdadeiro veredicto será a 5 de novembro e será dado pelo povo", atira Trump, num desrespeito total pelo sistema judicial de um país a que pretende voltar a presidir.

> **Pode um criminoso condenado concorrer à presidência? Estranhamente, sim. A Constituição dos EUA estabelece três requisitos para candidatos presidenciais: ter nascido nos EUA; ter pelo menos 35 anos; ser residente nos EUA há pelo menos 14 anos.**

O juiz Juan Merchan marcou a sentença para 11 de julho (às 15h00 de Portugal continental). A data é muito próxima à Convenção Republicana, que começa a 15 de julho. Os crimes de que Trump é acusado são puníveis com 16 meses a quatro anos de prisão, por serem crimes não violentos. É ainda menos provável que seja aplicada prisão preventiva ou o pagamento de uma caução. Trump tem 77 anos e não tem antecedentes criminais.

Pode um criminoso condenado concorrer à presidência? Estranhamente, sim. A Constituição dos EUA estabelece três requisitos para candidatos presidenciais: ter nascido nos EUA; ter pelo menos 35 anos; ser residente nos EUA há pelo menos 14 anos.

No caso de interferência eleitoral na Geórgia, Trump e outros 18 foram acusados pelo condado de Fulton por tentativa de reverter os resultados eleitorais no Estado e quatro já admitiram serem culpados. Seis das 41 acusações foram arquivadas em março. Não foi definida data para o julgamento. Quanto ao processo sobre os documentos classificados de Mar-a-Lago, o antigo Presidente foi acusado pelo procurador especial Jack Smith de levar ilegalmente documentos da Casa Branca para a sua residência, depois de deixar a presidência. O FBI realizou buscas no *resort* de luxo na Flórida e encontrou documentos classificados e secretos espalhados por quartos e várias salas. Trump foi acusado de um total de 40 crimes de posse ilegal de documentos e obstrução de justiça ao abrigo da Lei da Espionagem. O julgamento estava marcado para o passado dia 20 de maio, mas foi suspenso e é improvável que arranque antes das eleições.

Especialista em Política Internacional.



CARLOS COSTA / AFP

Capitão Ronaldo prepara-se para participar na sexta fase final consecutiva de um Europeu.

Começa a operação Euro2024. Ronaldo chega com mais golos e mais minutos

SELEÇÃO Jogadores concentram-se hoje na Cidade do Futebol e o primeiro de três jogos de preparação é já terça-feira, em Alvalade, frente à Finlândia.

TEXTO **NUNO FERNANDES**

A operação Euro 2024 arranca hoje, dia em que os jogadores se vão concentrar na Cidade do Futebol, em Oeiras, ao final tarde, estando um treino previsto para as 19.30 e o primeiro jogo de preparação – com a Finlândia, em Alvalade – agendado já para terça-feira. Será o início de uma concentração que, se correr tudo na perfeição, só irá terminar dia 14 de julho, a data da final do Campeonato da Europa onde Portugal tem ambições a chegar.

O primeiro teste é já terça-feira diante da Finlândia (seguem-se mais dois antes da prova, frente a Croácia e República da Irlanda), mas é provável que Martínez poupe alguns jogadores neste particular, sobretudo os que atuam na Arábia Saudita, casos de Cristiano Ronaldo, Otávio e Rúben Neves, que ao contrário da maioria não tiverem férias porque só terminaram a época na sexta-feira, após a disputa da Taça do Rei saudita.

Ronaldo, o capitão português, de 39 anos, é o jogador que vai chegar ao estágio com mais minutos nas pernas. No total, ao serviço do Al Nassr e da seleção nacional, CR7 participou ao longo da temporada num total de 57 desafios, apresentando um total de quase 5000 minutos jogados.

Logo atrás surge Diogo Dalot, que entre a seleção e o Manchester United fez 4814 minutos repartidos entre 55 jogos. E logo a seguir o colega de equipa, Bruno Fernandes, com números bastante semelhantes – o mesmo número de desafios e com um tempo de utilização de 4880. O quarto entre os mais utilizados é Rúben Neves, do Al Hilal, que disputou 59 jogos, com um total de 4772 minutos.

Há também o reverso da medalha, ou seja, os jogadores que vão chegar mais frescos à concentração. E neste caso estão dois futebolistas que tiveram em comparação com os restantes menos tempo de jogo porque estiveram lesionados grande parte da temporada.

Nuno Mendes, lateral do PSG e ao que tudo indica o dono da ala esquerda de Portugal no Euro, esteve grande parte da temporada lesionado e só voltou a competir de forma gradual a partir de fevereiro, devido a uma lesão grave que contraiu na coxa direita e que o obrigou a uma paragem de 10 meses. Por isso chega ao Europeu como o jogador com menos tempos de utilização durante a época – 987 minutos repartidos por 15 jogos.

O outro caso é Pedro Neto, provavelmente a maior surpresa na lista de convocados de Roberto Martínez para a competição que se realiza na Alemanha. O avançado do Wolverhampton chega à concentração após uma temporada marcada por vários problemas físicos, daí se explica o pouco tempo de utilização: um total de 26 jogos (muitos a saltar do banco) e 1781 minutos em jogo, mesmo assim com três golos marcados e 10 assistências.

"Está a trabalhar há três semanas e agora está apto e fresco. A versatilidade e a polivalência dele são os pontos fortes. Pode jogar na esquerda, direita, é muito forte na transição e dá opções para uma linha de cinco. Pode jogar em posições diferentes." Foi desta forma que o selecionador justificou a chamada do atacante de 24 anos.

Ronaldo goleador

Além de ser o jogador com mais tempo de utilização, o capitão Cristiano Ronaldo chega também à concentração como o jogador com mais golos apontados. Entre a seleção (5) e o Al Nassr (50), o avançado apontou 55 golos esta temporada. Um registo que prova que CR7, apesar dos 39 anos, ainda parece ter o seu espaço no onze de Martínez. "Agora é hora de focar-me no Europeu e dar

A ÉPOCA DOS 26 CONVOCADOS

	J	M	G	A	TÍTULOS
Diogo Costa	51	4625	-	-	1 (Taça de Portugal)
Rui Patrício	25	2250	-	-	0
José Sá	41	3608	-	-	0
João Cancelo	49	3849	6	5	0
Nélson Semedo	44	3654	1	3	0
Diogo Dalot	55	4814	3	5	1 (Taça de Inglaterra)
Pepe	36	3084	3	2	1 (Taça de Portugal)
Rúben Dias	51	4358	0	1	3 (Campeonato inglês, Supertaça Europeia e Mundial de Clubes)
António Silva	55	4723	2	1	1 (Supertaça)
Gonçalo Inácio	53	4093	6	1	1 (Campeonato)
Nuno Mendes	15	987	1	2	3 (Campeonato, Taça e Supertaça de França)
Danilo	37	2716	1	1	3 (Campeonato, Taça e Supertaça de França)
Vitinha	51	3765	9	5	3 (Campeonato, Taça e Supertaça de França)
Bruno Fernandes	55	4880	20	20	1 (Taça de Inglaterra)
Rúben Neves	59	4772	8	16	3 (Campeonato, Supertaça e Taça do Rei)
Otávio	52	4121	11	8	1 ((Taça dos Clubes Campeões Árabes)
João Neves	62	4459	3	2	1 (Supertaça)
Palhinha	43	3564	4	1	0
Bernardo Silva	55	4247	12	14	3 (Campeonato inglês, Supertaça Europeia e Mundial de Clubes)
Francisco Conceição	47	3024	11	8	1 (Taça de Portugal)
Cristiano Ronaldo	57	4969	55	13	1 (Taça dos Clubes Campeões Árabes)
João Félix	50	2539	12	7	0
Pedro Neto	26	1781	3	10	0
Gonçalo Ramos	44	2178	18	1	3 (Campeonato, Taça e Supertaça de França)
Rafael Leão	52	3861	16	14	0
Diogo Jota	36	1918	17	6	1 (Taça da liga inglesa)

A comitiva portuguesa, que parte para a Alemanha dia 13, tem previstos três jogos de preparação: já nesta terça-feira com a Finlândia, dia 8 com a Cróacia e a 11 com a República da Irlanda. A estreia no Europeu está agendada para o dia 18 de Junho, em Leipzig, e o adversário será a República Checa. Segue-se a Turquia (22) e a Geórgia (26).

tudo o que tenho pelo meu país. Com a ajuda de todos, fui capaz de bater alguns recordes e marcar 50 golos em 51 jogos. Jogar, aprender, crescer, repetir. Obrigado a todos pelo vosso apoio ao longo da temporada. Vamos voltar ainda mais fortes!", escreveu ontem CR7 nas redes sociais.

Ainda em termos de goleadores, o segundo da lista com mais pontaria esta temporada foi Bruno Fernandes, que entre a seleção e o Manchester United apontou um total de 20 golos.

A seleção concentra-se hoje na Cidade do Futebol, em Oeiras, e, antes do Euro2024, ainda realiza três particulares este mês, todos em solo luso, frente a Finlândia (dia 4, no Estádio José Alvalade), Croácia (8, no Estádio Nacional) e República da Irlanda (11, em Aveiro).

Após o último jogo de preparação em Portugal, a comitiva segue para a Alemanha. A viagem está agendada para o dia 13 de junho e a seleção vai instalar-se em Marienfeld, repetindo o quartel-general do Mundial2006.

Na fase final, que se realiza de 14 de junho a 14 de julho, Portugal está integrado no Grupo F, juntamente com República Checa (18 de junho, em Leipzig), Turquia (22, em Dortmund) e Geórgia (26, em Gelsenkirchen).

Portugal vai marcar presença na fase final de um Europeu pela nona vez, depois de ter sido campeão em 2016, finalista vencido em 2004, terceiro em 1984, 2000 e 2012, e eliminado nos quartos em 1996 e 2008 e nos oitavos em 2020.

SAD tem que gerir com pinças situação de Francisco após acusações de traição

FC PORTO Família do treinador saiu em sua defesa com mensagens nas redes sociais. Mas o jovem extremo dos dragões manteve-se em silêncio.

TEXTO **NUNO FERNANDES**

A situação gerada com a provável subida a treinador principal do adjunto Vítor Bruno, por troca com Sérgio Conceição, que deu origem a uma enorme polémica no seio do FC Porto, com acusações mútuas de traição e uma ameaça de Villas-Boas com um processo aos restantes adjuntos de Sérgio Conceição, pode ter um efeito colateral que a SAD portista vai ter de gerir com pinças.

A confirmar-se a promoção de Vítor Bruno, como será a relação com Francisco Conceição, filho de Sérgio, e nesta altura um dos maiores ativos da SAD portista?

Na sexta-feira, a família do treinador não deixou passar em claro a "traição" de que Sérgio Conceição sente ter sido alvo de Vítor Bruno, seu adjunto nos últimos 13 anos. E a mulher, Liliana, foi dura num comentário nas redes sociais, que depois viria a apagar: "Sempre fiel aos teus princípios, leal, grato e um homem de respeito para com o próximo. Não vale tudo para chegar ao topo. A ganância e a fome de poder destroem o mundo. Nós, homens, seres racionais, nem sabemos a sorte que tínhamos em sermos comandados pelos animais. Sempre contigo, ontem, hoje e sempre."

Outros dois filhos de Conceição também recorreram às redes sociais para mostrar que estão ao lado do pai. "Às vezes ajudar as pessoas só serve para revelar a ingratidão delas", escreveu Rodrigo, que há um ano deixou o dragão rumo ao FC Zurique. "Respeito, fidelidade e lealdade pelos seus princípios e valores. Desde que nascemos até que morremos", escreveu, por sua vez, Moisés, que joga no Leixões. Francisco, obviamente, manteve-se em silêncio por ser jogador do FC Porto.

Este será, por isso, um caso que a SAD terá de gerir com todos os cuidados. Recorde-se que o FC Porto, ainda na gerência de Pinto da Costa, resgatou o jovem extremo ao Ajax, ficando o jogador com contrato até 2029, num acordo em que teve de pagar 10 milhões ao clube de Amesterdão e o futebolista ficou com 20% do seu passe. Na campanha eleitoral, Villas-Boas ficou feliz com a permanência do jogador, mas deixou críticas ao negócio.

O adjunto Vítor Bruno, entretanto, respondeu às acusações de traição de que foi alvo por Conceição e restantes adjuntos através de um comunicado, queixando-se de estar a ser alvo de "uma campanha orquestrada" com o objetivo de o "difamar e caluniar".

"Cumpre afirmar, desde já e para que não restem quaisquer dúvidas, que nunca traí ('apunhalei' pelas costas, como de modo ardiloso se pretende inculcar) ou, por qualquer modo, fui desleal com o treinador principal, Sérgio Conceição, com quem usei sempre da maior lisura, transparência e honestidade", escreveu.

A SAD do FC Porto, na sequência de toda esta polémica, anunciou estar a avaliar a possibilidade de instaurar processos disciplinares a adjuntos do treinador Sérgio Conceição após declarações destes na imprensa. Em comunicado, a SAD dos dragões, liderada por Villas-Boas, informa que deu "instruções internas para que se iniciem os procedimentos tendentes a avaliar da relevância disciplinar" das declarações hoje proferidas a vários jornais.

Em causa estão entrevistas de Siranama Dembelé, Diamantino Figueiredo e Eduardo Oliveira a vários jornais desportivos em torno da rutura de Conceição com Vítor Bruno.

nuno.fernandes@dn.pt

IVAN DEL VAL/GLOBAL IMAGENS

Francisco tem contrato com o FC Porto até 2029.

Tess Gunty "Quando tinha 15 anos, passei a rejeitar fortemente o catolicismo. Fiquei surpreendida quando ele ressurgiu na minha escrita"

EUA Em Lisboa para o Meet the Author, da FLAD, Tess Gunty falou ao DN do seu primeiro livro, *O Contrário de Nada* (*The Rabbit Hutch*, no original). Uma conversa com a autora americana em que se falou de religião, do seu Indiana natal, de Biden e Trump e de coelhos, muitos coelhos.

ENTREVISTA **HELENA TECEDEIRO**

***O Contrário de Nada* (Alfaguara) é o seu primeiro romance. Disse em entrevistas anteriores que estava a viver em Brooklyn, acabada de chegar do Midwest, a que pertence o seu Indiana natal, quando as personagens começaram a ir ter consigo. Foi assim que começou?**
Eu escrevo ficção desde pequena. Mesmo antes de saber escrever, fazia umas ilustrações e contava a história ao meu pai, que a escrevia. No entanto, nunca pensei em escrever algo passado numa cidade como a minha, porque nunca tinha lido nada passado numa cidade como a minha. Se acharmos que as narrativas que se passam à nossa volta e dentro de nós não são importantes, ficamos desinvestidos de vontade política e criativa. Então, quando finalmente deixei a minha terra natal aos 22 anos, percebi que quase toda a minha escrita era atraída de volta para o Midwest. E pensei: algo está a acontecer, tenho de compreender esta atração magnética. Então decidi enfrentá-la e criei Vacca Vale, uma versão fictícia de muitas destas cidades, que sofreram destinos semelhantes. Quando eu tinha 10 anos andava num colégio católico e tínhamos uma professora de Religião que tinha uma interpretação muito literal dos ensinamentos católicos. Um dia ela introduziu-nos na ideia de Purgatório. Nunca tínhamos ouvido falar em tal. Conhecíamos o Céu, o Inferno. Mas ela descreveu o Purgatório como um terceiro local, de saudade eterna e sede insaciável. E explicou que se esperava ali eternamente. Na minha cabeça comecei logo a imaginá-lo como uma sala de espera sem janelas onde esperávamos sem saber se o nosso nome alguma vez seria chamado. Onde não estava mais ninguém nem havia nada para ler. A professora fazia parecer que era muito fácil ir parar ali. Portanto, fez-nos decorar uma oração que ela garantia que libertava mil almas do Purgatório de cada vez que a disséssemos. Calculava no quadro quantas almas é que libertávamos cada dia e no fim do ano anunciou o grande total de almas que ela e as suas turmas tinham libertado. Isto para dizer que havia na forma como ela descrevia o Purgatório algo muito familiar para mim. E percebi: mas não vivemos já todos no Purgatório? Portanto, quando me sentei para escrever este romance, queria evocar essa sensação do Purgatório e criar uma espécie de oração secular que ajudasse a libertar todas as pessoas desse lugar.

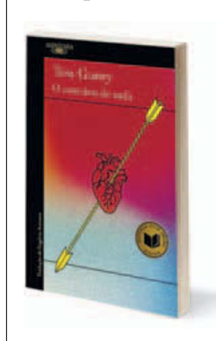
Colocar o Midwest e a sua cintura de ferro (a "Rust Belt") no centro da sua escrita foi uma forma de fazer com que as pessoas entendam melhor a região dos EUA onde a Tess nasceu e cresceu?
Sim, quando estou a escrever, estou, antes de mais, a tentar perceber melhor as coisas eu própria. É verdade que o Midwest tem milhões de habitantes, mas está sub-representado no imaginário coletivo americano e ainda mais no imaginário internacional da América. Então tentei prestar atenção ao que estava à minha frente, uma visão improvável de transcendência, e tentar ver se conseguia conjurar isso, mesmo num cenário tão mundano.

Eu sei que a aborrece que as pessoas descrevam o Midwest como um sítio de "homens brancos zangados que votam em Trump". É uma simplificação injusta?
Sim. E essa atitude vem sobretudo dos políticos americanos. É uma região do país cujo perfil é muitas vezes traçado pelos políticos para calibrar as suas campanhas. Mas na verdade o Indiana, o meu Estado, é mais diverso do que a média dos EUA. Em parte isso deve-se a, depois da abolição da escravatura, muitas pessoas terem vindo para o Midwest porque se ganhava talvez três vezes mais dinheiro a trabalhar numa fábrica do que numa fazenda no Sul. Encontramos ali tantas ideologias diferentes, e diferentes desejos e anseios. Eu quis prestar tributo à complexidade e vastidão deste local.

Como descreveria o Indiana politicamente?
É complicado. Tecnicamente o Indiana é um *swing state*, ou seja, pode pender tanto para os democratas como para os republicanos. Quando eu tinha 15 anos e estava a começar a despertar a minha consciência política, o Indiana votou Obama. Então fiquei com essa visão esperançosa. Mas desde então tornou-se cada vez mais conservador e radical. A minha cidade, por exemplo, ainda está muito dividida politicamente.

South Bend, certo?
South Bend. A cidade tem muita gente de fora que trabalha na universidade. E essas pessoas tendem a ser mais progressistas. As pessoas que vivem lá há gerações tendem a ser mais conservadoras. Portanto, a cidade posiciona-se entre estes dois polos. O Indiana, como contém estes dois extremos, politicamente funcionou sempre como um pêndulo. Por exemplo, durante a Guerra Civil americana o Indiana era um Estado do Norte, pertencia à União, tecnicamente. Mas a cultura no Indiana era muito diversa: na parte Norte, de onde eu sou, junto ao Michigan, era mais próxima dos sentimentos nortistas, enquanto na zona Sul, mais perto do Kentucky, era mais sulista. E talvez como reação contra a Guerra Civil o Indiana teve algumas das leis mais racistas da América no seguimento da emancipação dos escravos. Foi o epicentro do ressurgimento do Ku Klux Klan nos anos 20. Nessa altura um em cada três homens brancos nascidos no Indiana pertenceram ao KKK. Até havia um KKK para as crianças. Dominava completamente o Estado. Mas ao mesmo tempo havia muitas pessoas a trabalhar a favor dos direitos cívicos. E ainda é o caso hoje. Os dois extremos existem e coexistem. Admiro muitos as pessoas que trabalham a favor de políticas progressistas em sítios como o Indiana – seja o aborto, a proteção ambiental, na luta contra a supremacia branca, porque são elas que têm de travar a luta. No entanto, conheço muita gente que sempre viveu em cidades progressistas e que despreza estas regiões da América.

Nasceu e viveu a infância em South Bend, viveu na Califórnia e acaba de se mudar para Nova Iorque. Tendo contactado com um ambiente mais conservador e com dois ambientes muito liberais, como vê as presidenciais de novembro nos EUA? As divisões são tão extremas como as vemos do exterior?
Acho que estamos condenados. Acho que Donald Trump vai vencer. O que eu vejo neste momento é que a América não é uma verdadeira democracia, por causa do Co-



O CONTRÁRIO DE NADA
Tess Gunty
Alfaguara
424 páginas


PAULO SPRANGER/GLOBAL IMAGENS

légio Eleitoral e do Supremo Tribunal. Ao longo dos anos os republicanos dominaram o sistema de forma a manipulá-lo a seu favor. Na minha vida, só por uma vez um presidente republicano venceu o voto popular, mas têm ocupado a Casa Branca alternadamente com os democratas. Portanto, acredito que este ressurgimento de políticas intolerantes, como o recuo no aborto, a atitude em relação à imigração, aos transexuais, aos negros, o pânico moral no Sul com a proibição de livros, etc., acho que é uma minoria. Não é insignificante, mas é uma minoria. No que se refere ao aborto, tenho a certeza de que a maioria dos americanos não apoia a decisão do Supremo. Este tribunal foi sempre muito mais conservador do que o povo americano. Se tivéssemos uma verdadeira democracia, um voto contaria como um voto, mas não é isso que acontece. E não estou a dizer que não há muita gente que genuinamente apoia Trump. Há. Mas não é a maioria. E essa é a única coisa a que me posso agarrar agora e que me dá esperança. Não que acredite que o sistema político vai ser reformado tão cedo, mas quando penso que estas ideias não são as da maioria, sinto que posso continuar a viver na América.

Apesar de a América ser um país muito diverso, mesmo o seu Indiana, como dizia há pouco, temos dois homens brancos e velhos na corrida à Casa Branca...

Não sei como chegámos até aqui. O Partido Democrata tem feito um péssimo trabalho para se reorganizar. Mas também tem a ver com as próprias falhas do sistema democrático. Se sabe que no seu Estado o seu voto não conta, porque estaria motivado para votar? As pessoas não estão envolvidas. O Partido Democrata tenta sempre jogar pelo seguro, e isso não entusiasma as pessoas. Outro fator que contribui para isso são as redes sociais, os algoritmos que potenciam os conteúdos incendiários de certas plataformas. O mesmo nos *media*, também.

Voltando ao seu livro. Falou já da sua infância e do catolicismo que a marcou. Foi importante colocar parte disso no seu livro? Por exemplo, vemos o misticismo de uma personagem como Blandine...

Na verdade, fiquei surpreendida por aparecer no livro. Talvez por ter crescido muito, muito católica. A minha mãe esteve num convento quando estava na casa dos 20, mas foi expulsa porque nunca chegava a horas e falava demasiado alto. O meu pai chegou a pensar seriamente em ser padre. Os meus pais são ambos democratas, o que não era raro, mas hoje é cada vez mais. A minha mãe tem origem irlandesa, o meu pai tem origem alemã, ambos colarinhos azuis democratas e católicos, uma espécie de sindicalistas católicos. E o catolicismo da minha mãe é muito guiado pelo sobrenatural, sinais, milagres, visões. A minha mãe tem 11 irmãos e ela e as irmãs tiveram experiências… e essas experiências sempre foram interpretadas através de uma lente espiritual. Eu cresci com isso e foi como se isto criasse um portal para outro mundo, como se fosse possível entrar noutro reino. Eu sentia-me sobretudo atraída pelas histórias das místicas, por haver tão poucas mulheres na tradição católica com este tipo de arbítrio sobre as suas vidas. Era como se os homens à volta delas as temessem. Eram uma espécie de bruxas, e isso atraía-me muito. Mas à medida que crescia comecei a ganhar consciência dos problemas da Igreja Católica, o sexismo embutido no modelo e os abusos sexuais. Portanto, quando tinha 15 anos passei a rejeitar fortemente o catolicismo. Estava desejosa de me afastar o mais rapidamente possível. Por isso fiquei surpreendida quando o catolicismo ressurgiu na minha escrita. E não o fez sob a forma de amargura, ou ressentimento, ou toxicidade. Acho que tal só foi possível porque eu ancorei isso numa personagem, Blandine, que não era religiosa, que não cresceu com isso, mas era plausível que tivesse encontrado essas histórias ou esse tipo de estrutura. Quis prestar homenagem ao reino da espiritualidade, que me encantava quando era criança. Às mulheres era tantas vezes negado o acesso à educação ou a qualquer tipo de controlo sobre as suas vidas que os conventos se tornaram refúgios para elas ao longo dos tempos. Eram lugares de grande produção intelectual. E Hildegard von Bingen, que tanto cativa Blandine, era um grande exemplo disso. Ela era uma potência intelectual – além dos seus escritos místicos, era uma polímata.

"Quando me sentei para escrever este romance, queria evocar essa sensação do Purgatório e criar uma espécie de oração secular que ajudasse a libertar todas as pessoas desse lugar."

O seu livro inclui comentários, desenhos. Incorporar estas formas diferentes de comunicação era importante para passar a mensagem que queria aos leitores?

Foi fundamental. A experiência deste romance consistiu fundamentalmente em tentar escolher locais improváveis de transcendência e ver o que poderia gerar dentro deles. E para mim as caixas de comentários são uma espécie de *guilty pleasure*. Nunca leria comentários sobre o meu trabalho, mas gosto de ler comentários sobre coisas que são inócuas para mim, como tutoriais de YouTube sobre como montar uma mesa ou culinária. São locais de humor e de crueldade. Mas o que é mais interessante para mim é que ali se revela o subconsciente coletivo. Como é que as pessoas escolhem comunicar quando não têm obrigação de se identificar? É como se fosse um confessionário. No livro, a secção de comentários foi a solução para um problema, porque eu queria mostrar o trabalho da personagem Joan [que rastreia os comentários *online* em obituários]. Tal como os desenhos também foram uma solução para um problema. Havia uma cena que eu estava a tentar descrever e que era caótica. Sempre que a tentava pôr em palavras, eram exageradas, melodramáticas, confusas, desordenadas. Mas continuava a vê-la como uma tira de banda desenhada. Eu sabia que tinha um personagem que era ilustrador. Então falei ao meu irmão nesta ideia logo quando comecei a escrever. Ele é um artista maravilhoso e concordou em fazer os desenhos. Mas só os fez uns cinco anos depois, quando o livro foi editado. Fizemos muitas maquetes. Ele levou as coisas para outro nível – eu tinha pensado fazer uma interpretação literal da cena e ele sugeriu fazer uma interpretação figurativa, o que foi muito mais interessante. No fundo, eu quis usar o que havia na vida das minhas personagens e construir algo a partir daí.

Não posso deixar de falar sobre os coelhos. Há muitos coelhos no livro. Porquê?

A certa altura alguém contou e há mais de 80 menções a coelhos. O edifício onde se passa chama-se Lapinière. Era um termo francês antiquado que um doador quis usar para parecer chique. Eu via os coelhos em todo o lado. E sentia-me atraída para eles por causa do Coelho Branco de *Alice no País das Maravilhas*. Pensava neles como portais para outro mundo. Mas também gostava de os coelhos evocarem associações conflituantes. Na imaginação americana situam-se entre a inocência e a corrupção. Há o Donnie Darko e a Playboy e o Coelho da Páscoa. São animais de estimação, mas também podem ser comidos. E depois vi o documentário *Roger & Me*, de Michael Moore, sobre a sua terra natal, Flint, no Michigan, que é muito semelhante à minha, mas que ainda sofreu mais por não ter lá outra indústria capaz de absorver o choque económico quando a indústria automóvel fechou. A certa altura, Moore vê um cartaz à beira da estrada que diz "coelhos, animais de estimação ou carne". Aproxima-se e encontra uma mulher que cria coelhos para ganhar a vida depois de perder o emprego. Uns, vende como animais de estimação, outros, para carne. E então ela diz uma coisa que se tornou na epígrafe do livro, que é que quando chegam a certa idade os machos que estão enjaulados juntos têm de ser mortos, senão começam a atacar-se uns aos outros. Pareceu-me a parábola perfeita para a violência horizontal. Acho que me deparei pela primeira vez com o termo "violência horizontal" no trabalho de Frantz Fanon, um teórico anticolonial francês. Ele usou-o para descrever a raiva que grupos oprimidos dirigem contra o colonizador. Mas esta não atinge o colonizador, porque ele está barricado na sua fortaleza de poder e proteção. Então a raiva tem de ir para algum lado. Quando pensei na violência e negligência que testemunhei no meu bairro, fosse um tiroteio, vícios, pais a serem detidos e os filhos a ficarem entregues a si próprios, os níveis de violência são astronomicamente mais altos na minha terra do que, em média, no Indiana. E os níveis no Indiana são astronomicamente maiores do que a média na América. Portanto, a violência horizontal e os coelhos enjaulados pareceram-me um resumo eficaz e evocativo desse tipo de violência.

Prova de Vida*

Tomás Taveira

TEXTO **ANTÓNIO ARAÚJO**

Sim, é um facto que, na melhor das hipóteses, o arquitecto Tomás Taveira será recordado no futuro como o distinto autor das Torres das Amoreiras, em Lisboa, mas também, ou sobretudo, como o não menos distinto actor (e produtor e realizador) daqueles filminhos caseiros que causaram um clamor danado nos idos anos 90 e que ainda hoje são lembrados, proeza a dele, como a maior escandaleira sexual na história do Portugal democrático. Como então disse Joaquim Vieira, "o episódio é um marco na história social portuguesa" e, graças a ele, Taveira entrou "definitivamente na mitologia nacional" (cf. *Expresso-R*, de 14/10/1989).

Portanto, destino oscilante entre o trágico e o cómico, e porventura injusto, já que o arquitecto Tomás, para a posteridade crismado "o Taveira", rubricou, além daquelas fitas escaldantes, obras igualmente polémicas noutros domínios artísticos, *v.g.* no campo da arquitectura e do *design* de mobiliário (fez também os cenários da SIC, em comandita com Emílio Rangel, que lhe metera uma cunha para uma protegida sua entrar na Faculdade de Arquitectura – cf. jornal *i*, de 4/10/2018). Será pouco próprio, de facto, reduzir os 85 anos de vida do arquitecto Tomás, tão intensos, tão vulcânicos, àqueles 30:01 minutos fatídicos que dura a película escabrosa, hoje disponibilizada *urbi et orbi* sob o título "O Vídeo Comprometedor" ou, noutras versões, "TodoLaDentro" (em certos sítios mais selectos da Internet, a mesma encontra-se catalogada e arquivada como "Tomás Taveira, um grande Português" ou, quiçá na mira de um Óscar, "Taveira: Free Solo Man Porn Video 58"). É cruel? Será. Mas é lindo.

Pode afirmar-se, de resto, que existe uma óbvia continuidade, ou até contiguidade, entre a arquitectura de Tomás Taveira e as suas aventuras íntimas, gravadas em VHS. Não é por acaso que, na gíria popular, a mais sábia de todas, a expressão "taveirada" tanto designa os deleites da sodomia como o pavor arquitectónico, e, em verdade, verdadinha, no caso em apreço ambos relevam de um mesmo e só domínio, o pornográfico, aqui espraiado em modo boçal e alarve. É facto, também, que, quando contemplamos coisas como o edifício-sede do BNU, construído em 1989 e louvado em 1994 com uma Menção Honrosa do Prémio Valmor (!), ou a zona residencial da Encosta das Olaias, galardoada com um Valmor em 1982 (!), nos sentimos todos um bocadinho seviciados e estraçalhados, quando não sodomizados, no nosso senso e no gosto, tal qual as pobres moças dos vídeos, as quais, ainda assim, sempre consentiram naquilo, espera-se, ao contrário de nós, cidadãos desta cidade, que fomos confrontados, entre outras bizarrias, com o monstro fétido da 5 de Outubro sem para ele sermos achados, nem tidos. Culpa da câmara e das vereações, é certo, que ao longo dos anos têm mostrado uma total desprezo pela urbe que governam e pelos que nela habitam (além de revelarem uma alarve incultura, quando não uma venalidade corrupta), e culpa do autor do projecto, sem dúvida; mas culpa, também, do ambiente e da cultura em que o arquitecto Taveira pôde crescer e medrar, mormente da voga pós-modernista em que dizia enfileirar, corrente que tudo relativizou e dissolveu, assim pavimentando o caminho ao actual reino das *fake news* e da pós-verdade. Com efeito, e por muito que nos custe a crê-lo, o presente extremismo político e as suas pulsões totalitárias são herdeiros directos da atmosfera feérica dos anos 80 e da sua divisa, mais tarde levada ao limite, *nothing is true and everything is possible*. Primeiro, destruíram-se as noções de verdade, de objectividade, de racionalidade e, a seguir, as distinções éticas entre o bem e o mal, o certo e o errado. E depois surgiu Trump.

***

Tomás Cardoso Taveira nasceu em Lisboa, em 22 de Novembro de 1938, no seio de uma família que o próprio qualifica como "muito pobre", sendo seu pai agulheiro da Carris e a mãe doméstica. Por esta, que lhe ensinou as primeiras letras, teria sempre uma enorme devoção, com contornos edipianos ou assim parece, a crer no que escreve o jornalista francês Mathieu Garrigou-Lagrange numa biografia ficcionada do arquitecto, mas baseada em depoimentos deste e em factos reais, *Le brutaliste*, de 2021 (cf., a propósito deste livro, Tiago Bartolomeu Costa, "Cadáver esquisito de um arquitecto maldito", *Público*, de 20/5/2021). O avô materno foi um dos fundadores da Carbonária e, à conta disso e doutras tropelias, acabou morto por Salazar na célebre Matança de Badajoz, no ano de 1936, assevera o arquitecto e nós acreditamos nele, mesmo com as maiores reservas.

Com a infância passada entre a Picheleira e Alcântara, Tomás cresceu, segundo o próprio, "no meio de ciganos, de operários, de gente do mais reles que havia" e concluiu a primária na Escola n.º 14, no Largo do Leão. Não tendo meios para prosseguir o liceu, matriculou-se na escola industrial, com o fito de fazer carreira na marinha mercante. Sonhava ir para a Afonso Domingues, mas a mãe achava o ambiente escolar "de cortar à faca" e, por isso, acabou na Marquês de Pombal, ao Largo do Calvário, onde tirou o curso industrial, com o qual começou a trabalhar na Carris, empresa onde já estava seu pai e que, por essa via, lhe franqueou as portas de par em par. Nessa altura, afirma Garrigou-Lagrange, aderiu ao PCP e teve a sua primeira experiência com uma prostituta.

Em 1955, abandonou a Carris, onde era serralheiro nas oficinas de Santo Amaro, para ingressar no ateliê de Nuno Teotónio Pereira como desenhador. O jeito para o traço veio de muito novo ou, nas suas inconfundíveis palavras, "desde miúdo que desenho muito bem. Qualquer tipo de coisa." Em jovem, como morava no n.º 2 do Largo do Leão, e como no n.º 4 morava Joaquim Pereira, um negro que fazia os cenários do Monumental e que então vivia com Helga Liné (uma escultural bailarina de origem alemã que veio viver para Portugal durante a Segunda Guerra e daqui partiu para uma carreira internacional em fitas de horror e acção, fortemente eróticas, tendo entrado também em filmes de Almodóvar e na série *Verão Azul*), Tomás teve uma precoce iniciação artística – e, sobretudo, o conselho sábio de Joaquim para que largasse os devaneios de marinheiro e se fizesse antes arquitecto de profissão. Confessa hoje que, na época, nem sabia sequer o que era a arquitectura.

Começou por trabalhar como moço de recados nos ateliês de dois nomes famosos, Formosinho Sanchez e Maurício de Vasconcelos, a quem levava os lanches e o petróleo para o aquecimento, e que o deixavam fazer "uns desenhinhos" sem o levarem muito a sério. "Eu era um corpo estranho, era o gajo que estava ali para afiar os lápis, para ir comprar o lanche, para atender o telefone se não estivesse lá ninguém. Nunca me ligaram nenhuma", coisa que decerto o marcou e que, acima de tudo, não o fez desistir de lutar, lutar sempre, labutando como um louco nos ateliês de Luiz Alçada Batista, Manuel Laginha, Teotónio Pereira, Nuno Portas, Conceição Silva, trabalhos que, aliados ao início da vida familiar – casara com Amarílis Cristina e esta estava grávida da primeira filha –, o fizeram retardar os estudos de arquitectura ou, como ele diz, "acabei o curso tarde, porque não precisava de ter curso."

Nos intervalos do trabalho e das aulas, que frequentou com uma bolsa da Gulbenkian, ainda tinha tempo para participar, em posição menoríssima, nas tertúlias dos cafés Gelo e Montecarlo, onde conheceu os surrealistas e privou com António Marta Lisboa, Mário Cesariny e Carlos Leote, entre outros. Quando se encontrava no primeiro ano da ESBAL, foi convocado para a tropa, segundo ele por razões políticas. Aí conheceu Herberto Helder e Fernando Assis Pacheco, os quais, à semelhança dos arquitectos de renome, não lhe davam particular importância: "eles eram super-amigos e eu… Eu fui sempre um personagem menor. Nunca fui o centro das atenções." Um acumular de complexos e ressentimentos sociais, e culturais, à boa maneira de Rastignac, o que talvez explique muito do sucedido depois, na sua vida e na nossa: o triunfalismo pujante do traço arquitectónico, que o próprio assume como "barroco", e as suas fatuidades grotescas, de um egocentrismo que raia o patético: "Acho que sou um grande arquitecto e sei mais do que estes gajos todos juntos", "Quem é que ganhou [o Prémio Pritzker]? O Siza? Porquê? Porque o Jay Pritzker é judeu e o Siza também", "Tenho pena que não haja dez Taveiras", "O Souto de Moura não é arquitecto. É um produto do Siza. O Souto de Moura existe porque o Siza o foi promovendo."



Começou por trabalhar como moço de recados nos ateliês de dois nomes famosos, Formosinho Sanchez e Maurício de Vasconcelos, a quem levava os lanches e o petróleo para o aquecimento, e que o deixavam fazer 'uns desenhinhos' sem o levarem muito a sério."

Numa entrevista à Camões TV, em Março de 2020, e disponível no canal YouTube, contou um episódio revelador, a pega de morte que teve com Nuno Teotónio Pereira, em cujo ateliê trabalhava às manhãs como desenhador; quando lhe disse que às tardes era arquitecto no gabinete de Conceição Silva, Teotónio não acreditou e, irritado, Tomás chamou-o de tudo. "Para o Teotónio eu não era nada", diz Taveira, passadas décadas, lembrando que "quem ia para arquitectura era o filho-família", enquanto "eu era o operário, fazia gala em ser operário, malandrão." Sobre o incidente, confessa que o marcou "muito, muito, muito" e, note-se, "isto ainda me enraiveceu mais em relação ao mundo, ainda me fez estudar mais, fazer sempre mais."

Se todos os arrivistas odeiam a memória, até porque ela lhes vem lembrar o lugar de onde vieram e as humilhações sofridas ao longo dos anos, com Taveira, esse tique é levado ao extremo, o que por certo explica a sua arquitectura de artifício e ruptura, em militante desprezo pelas zonas envolventes dos edifícios que projecta e pela sua história, e a preferência pelo estrondoso e pelo efémero, visível até na escolha de materiais de desgaste rápido ante a usura do tempo, como se comprova no triste estado de degradação em que se encontram muitas das suas criações mais emblemáticas, incluindo as Amoreiras, que ele, sensatamente, diz não ter por hábito contemplar. Lamentavelmente, uma das suas melhores obras, a Loja de Discos da Valentim de Carvalho em Cascais, com intervenções *pop* de Rolando Sá Nogueira e de Herberto Helder, encontra-se hoje em estado miserável, como miserável é o estado do centro daquela pitoresca vila, outrora tão pitoresca.

Num dos seus rebarbativos vídeos, vemo-lo a falar a conspirar ao telefone com um mandarim académico, pois, além de praticante de arquitectura, foi também professor da dita, na Universidade Técnica de Lisboa (também leccionou em Los Angeles), após ter feito uma pós-graduação em Planeamento Regional e Urbano pelo MIT. Não foi, porém, feliz como docente: "Odiei. O ambiente na universidade é um ambiente podre, de luta pelo poder, um ambiente não-crítico, onde é impos-

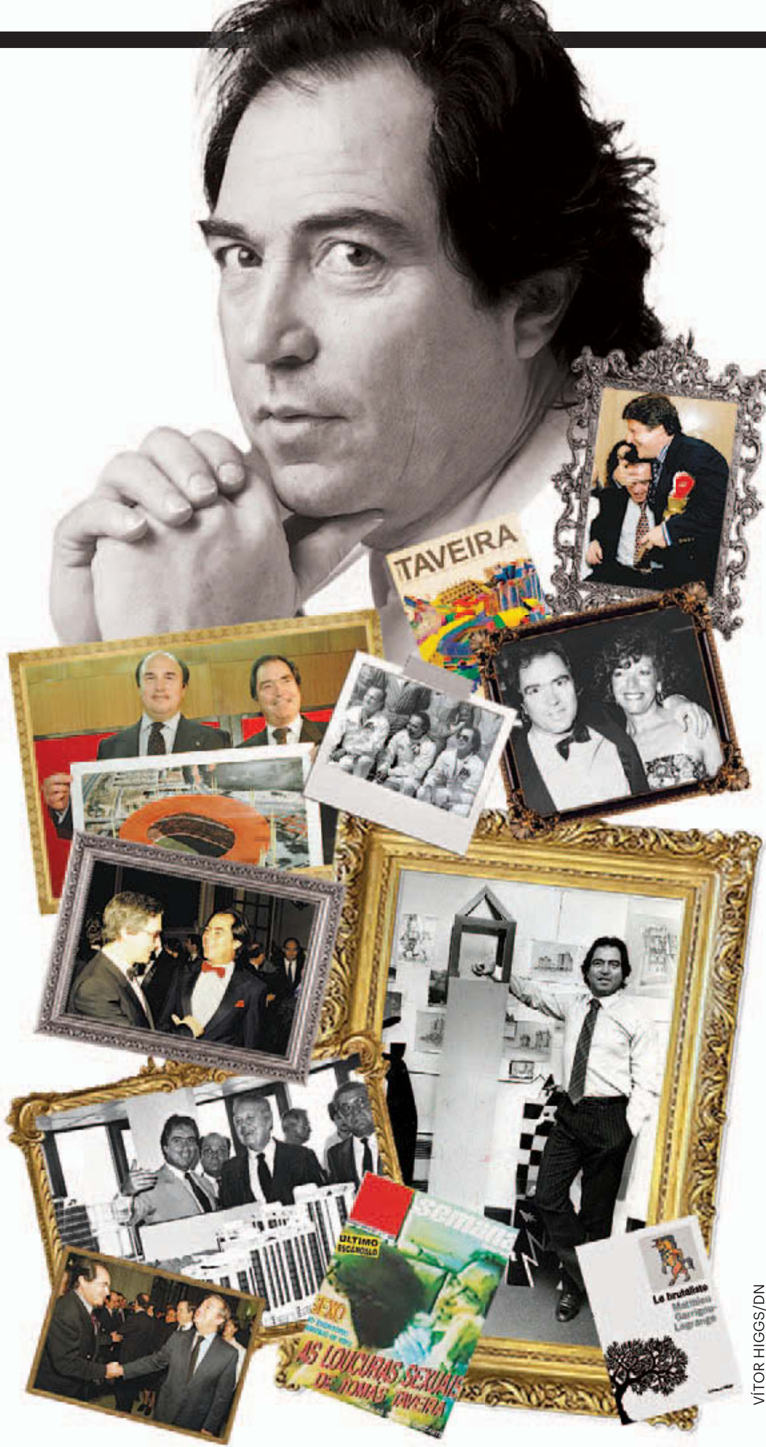
sível falar de cultura. (…) Eu dei aulas gloriosas, em que misturava a pintura com a escultura e com as diferentes tendências de música. Isso fascinava-me, mas acho que nunca ninguém percebeu o que eu disse."

Recentemente, têm perguntado por ele, outrora tão assíduo nos lugares mundanos ou nas festas do cavaquismo, a que acorria no seu sumptuoso *Rolls*. A revista *Flash!*, de 29/4/2018, atribui o seu desaparecimento ao escândalo gerado pela história das cassetes, fazendo questão de informar os interessados que as mesmas "ainda hoje estão acessíveis em sites de pornografia." Já a *VIP*, de seu lado, garante que Tomás "continua a dar cartas no mundo da arquitectura" e que até "tem em mãos um projecto para um novo estádio de futebol no Uzbequistão", país onde, pelos vistos, ainda não chegaram ecos do célebre episódio de 1989, quando, sob o título "As Loucuras Sexuais de Tomás Taveira", a revista *Semana Ilustrada* deu a conhecer ao mundo as intimidades do autor das Amoreiras com um conjunto de mulheres que, importa dizê-lo, foram expostas e alvo de troça por parte de uma nação inteira. De facto, na sofreguidão do escândalo e da pilhéria esquecemo-nos de que, mesmo que as visadas tenham consentido naquela actividade de risco, por certo não autorizaram que a mesma fosse gravada e, menos ainda, exibida à descarada.

Tomás Taveira, naturalmente, ainda hoje não gosta de falar do sucedido, mas a Garrigou-Lagrange adiantou um pouco sobre a sua versão dos factos. Segundo ele, uma das raparigas filmadas pediu-lhe as cassetes para mostrar às amigas, uma história pouco credível (noutras versões que correram na altura, teria sido um funcionário do ateliê a descobrir e desviar os vídeos maliciosos), e, depois, o marido dessa rapariga ofereceu a bomba ao *Tal & Qual*, a troco de 20 mil contos, o qual não só não quis o negócio como avisou o visado. Este, de resto, já deveria pressentir que aquele era um ano aziago, pois, em Janeiro do dito, um astrólogo previra que 1989 seria para ele terrível. Após ter sido divulgado um outro escândalo, o de facturas falsas e fuga aos impostos num contrato com o Ministério da Saúde (Garrigou-Lagrange fala também de malas com dinheiro de Macau, transportadas para o PS), Taveira terá confidenciado aos amigos que a profecia se estava a cumprir, tanto mais que já sabia que, dois anos antes, as cassetes porcas andavam por mãos alheias. Em Agosto, contudo, e com a habitual prosápia, proclamava ao *Expresso* ser "psicologicamente indestrutível." Pouco depois, no início de Setembro, um jornalista da revista *Sábado*, que acabara de publicar uma peça sobre a sua obra, avisou-o dos rumores que corriam em Lisboa à conta de uns vídeos picantes em que ele surgia no papel principal e, na manhã de dia 11, José Rocha Vieira, do *Tal & Qual* telefonou-lhe informando-o que vira a arrepiante cassete, ou parte dela, e pedia um comentário seu (Taveira respondeu com a truculência da praxe). À tarde, foi contactado por Raul Ribeiro, chefe da redação do semanário *O Caso*, solicitando-lhe uma entrevista sobre a sua arquitectura. Aceitou (cf. *Expresso-R*, de 14/10/1989).

Mal sabia ele que o proprietário de *O Caso* era, nem mais nem menos, do que André Gamboa Neves, um homem de 49 anos a quem já chamaram "o Larry Flint português", dado o seu vasto currículo no mundo do material maroto, mas não só, já que a par de publicações como *Nova Star*, *Jornal do Amor*, *Sexy Club*, *Sexus* ou *Revista Amor*, também deu à estampa títulos como *Euromoda*, *Grande Encontro*, *O Caso*, *Agenda da Semana*, *Euro Notícias*, *Euro Semana* ou *Mariana*. Começara a vida a vender sebentas e depois, nos anos 60, deu à estampa coisas políticas, traduções da Maspero e assim, mas depois, segundo o próprio, cansou-se de ver o seu trabalho reproduzido em fotocópias e, com as liberdades de Abril, reorientou para o porno, onde, em finais dos anos 80, comerciava algo como 1,3 milhões de exemplares/mês e garantia estar em conversações para uma edição portuguesa da *Penthouse*. Ao *Expresso* confidenciaria que, tal qual o arquitecto sodomita, a sua ambição era "ser o maior", pois "os projectos não valem a pena quando são pequenos."

Na posse das cassetes comprometedoras, André Neves terá tentado chantagear Taveira. Primeiro, o arquitecto encontrou-se com Carlos Ribeiro, da redacção de *O Caso*, na esperança de conseguir a suspensão da publicação da *Semana Ilustrada*, o novo e bombástico projecto editorial de Neves (a revista, de facto, teria um começo enguiçado, mas não por via de qualquer acordo, antes por causa de uma avaria nas máquinas da gráfica Mirandela, que só conseguiram imprimir 47 mil exemplares do pasquim, muito longe dos números idealizados por André Neves.)



VÍTOR HIGGS/DN

Numa entrevista concedida ao *Expresso-R*, de 14/10/1989, André Neves contou que, por intermédio de Gonçalves Pereira, um engenheiro com responsabilidades na Interpress, teve um almoço de negócios com Taveira no Bananas, no dia 22 de Setembro de 1989, com ambos a gravarem o encontro às escondidas. Numa cena digna de um filme da Guerra Fria, o arquitecto terá insistido para que Neves despisse o casaco e, logo que este o fez, um empregado prontamente tirou-o das costas da cadeira, guardando-o no bengaleiro; simplesmente, Neves tinha o gravador guardado no bolso das calças e registou tudo. Porém, sentindo-se em território hostil (o arquitecto era dono do Bananas e doutras discotecas, o Ad Lib e o Twin's, no Porto), vendo uns "gorilas" por perto, fez abortar o negócio. Remarcaram para o Hotel Ritz, às nove e meia da noite desse dia e aí, estando o advogado de Taveira sentado num sofá por perto, tentaram chegar a acordo, qualquer coisa como 36 mil contos, uma quantia avultada para a altura. Uma vez mais, ambos gravaram o encontro e o *Expresso* teve acesso ao edificante diálogo, com Neves a confessar a ambição de "vir a ser o maior editor português" e Taveira, nos preliminares, a elogiar à larga o grafismo da *Semana Ilustrada*; depois, entrados nos pormenores do acordo, o arquitecto falou de "um magnífico *deal*", mas logo a seguir irritou-se e a coisa descambou: "Onde está a puta da cassete? O que faço para sacar a filha da puta da cassete?", "Vinte mil contos por aquela merda? Nem que fosse uma cassete com o Bush!" Ainda aprazaram um almoço para finalizar a coisa, mas Taveira acabou por desistir, rejeitando a chantagem.

Entretanto, e sem que se saiba bem como e porquê, os vídeos começaram a circular por Lisboa, e a uma velocidade que se calcula ter sido vertiginosa. Segundo o *Expresso*, num jantar com jornalistas, Marcelo Rebelo de Sousa, então candidato à presidência da câmara de Lisboa, "passou mais tempo a descrever deliciadamente pormenores da cassete (falsos ou não, não se sabe), do que a abordar qualquer outro tema" (*Expresso-R*, de 14/10/1989). E, no início de Setembro de 1989, o *Tal & Qual* e o *Semanário* fizeram referência ao caso, sem mencionar o nome do arquitecto, mas, a 26 desse mês, *O Diabo* de Vera Lagoa publicava a sua fotografia, falando da "pornocassete" e, a 29, *O Independente* dizia que Taveira estava a ser chantageado "por causa de uma videocassete com imagens eventualmente chocantes", com Vasco Pulido Valente a escrever que "o desagradável arquitecto Taveira não é uma pessoa pública. Uma pessoa célebre não é uma pessoa pública e o que o arquitecto Taveira faz ou não faz no seu escritório não afecta ninguém fora desse escritório" (mas, já agora, acrescentaríamos, afectava e afectou alguém que estivesse nesse escritório); em crónica intitulada "A aventura do Taveira", Miguel Esteves Cardoso mostrava-se "indignadíssimo com o caso da videocassete do sr. arquitecto e da revista do sr. André" e, pondo o dedo na ferida, lamentava que as mulheres filmadas, a parte silenciada, fossem, no fim de contas, as mais penalizadas por esta abominável novela.

Ainda houve um *intermezzo*, um tempo breve em que Taveira julgou conseguir controlar os danos e até gracejar com o episódio. Sentado com a mulher num camarote de Alvalade, para assistir a um jogo Sporting-Nápoles, virou-se para Marcelo Rebelo de Sousa, na fila de trás, dizendo-lhe, em tom audível, "olhe, aquela cassete era de muito má qualidade, mas a próxima vou filmá-la na Edipim, e levo-a a si, que é a única maneira de você arranjar umas raparigas jeitosas!" Marcelo não reagiu. Taveira no seu melhor, ou pior.

Aos 2 de Outubro do ano de 1989, o país ficou a conhecê-lo em pêlo, na capa e em muitas páginas do n.º 2 da *Semana Ilustrada*, publicação que se debruçava também sobre temas como "A SIDA invade os urinóis de Lisboa e Porto" e "Crédito Imobiliário: sodomia fiscal." A revista, claro, teve uma tiragem fenomenal, 150 mil exemplares, e esgotou num ápice, sendo tal a avidez dos leitores que, da comitiva que acompanhou Soares em viagem oficial à Checoslováquia, chegaram a pedir um exemplar para Lisboa, mandado por telefax. Nesse dia, no ateliê do arquitecto, todas as linhas telefónicas foram desligadas, menos uma, por estarem congestionadas com chamadas anónimas, portugueses na chalaça. Um ardina de Lisboa chegou a plastificar as páginas da *Semana Ilustrada* sobre Taveira, alugando-as por algumas centenas de escudos, e a revista é hoje uma peça de coleccionador, vendida por 50 euros, ou mais, e assim descrita no OLX: "revista em excelente estado, muito polémica, com artigo e fotos sobre o escândalo das loucuras sexuais do arquitecto Tomás Taveira, as famosas 'taveiradas'."

Houve processos na justiça, a revista foi proibida, depois pouco mais durou. Taveira assevera que o casal que lhe surripiou as cassetes acabou condenado a ressarci-lo em 50 mil contos, equivalente a cerca de 100 mil euros, mas abandonou o país e nunca mais pagou. Quanto a André Neves, foi condenado no Tribunal da Boa Hora, em Junho de 1990, no pagamento de 20 mil contos, através de uma decisão de um colectivo presidido

continua na página seguinte »

» continuação da página anterior

pela juíza Margarida Belo Redondo que reconheceu o "direito à felicidade" de Tomás Taveira. O editor maldito acabaria por fixar-se em Espanha, onde o grupo alemão Axel Springer, editor do tablóide *Bild*, entre outros, o convidou para dirigir a sua filial no país vizinho. Em 2008, ao que parece, o seu nome ainda surgiu associado ao jornal *Ooh Lá Lá*, cujo título diz tudo. E, no ano seguinte, há notícias de que tinha lançado um novo periódico, *Mundo Económico*, chegando a contratar jornalistas, mas ao fim de dois meses ainda não tinha pagado salários e tudo seguiu para tribunal (cf. *Diário de Notícias*, de 9/12/2009).

Além de um retumbante escândalo sexual, o "caso Taveira" teve grossas repercussões políticas, descritas ao pormenor por Fernando Lima, à época assessor de imprensa do primeiro-ministro Cavaco Silva (cf. *O Meu Tempo com Cavaco Silva*, 2004, pp. 126ss). Nos últimos meses de 1989, refere Lima, o governo encontrava-se debaixo de fogo, após os resultados pouco auspiciosos das europeias de Junho desse ano e com a tímida remodelação de Julho, onde Cavaco decidiu fazer entrar Dias Loureiro para os Assuntos Parlamentares, mas não substituir os ministros mais acossados, nomeadamente o das Finanças, Miguel Cadilhe, alvo de uma campanha de *O Independente* sobre uma alegada fuga ao fisco na compra de um apartamento não por acaso sito nas Amoreiras. Nas suas memórias (*Factos e Enredos*, 1990, pp. 88ss), Cadilhe conta que uma noite, após o jantar, recebeu a visita em casa de um colega de governo, que consigo partilhou um "assunto extremamente delicado": "corriam rumores e calúnias contra três e quatro ministros e seus familiares, a propósito de um escândalo…" Cadilhe fala, e com razão, de "excremento", aludindo ao facto de, pouco depois de a *Semana Ilustrada* ter divulgado os contorcionismos íntimos de Tomás Taveira no seu escritório da Avenida da República, a revista espanhola *Interviú* voltou a falar do caso, desta feita com contornos mais graves, afirmando que o mesmo envolvia "protagonistas da vida política e económica" lusitana e "a actual Administração Política (e Pública) de Portugal." A acompanhar a peça, uma fotografia de um Taveira sorridente, ao lado do casal Miguel e Maria Antónia Cadilhe, então presença assídua nas revistas cor-de-rosa.

A este respeito, Fernando Lima descreve os esforços do governo para impedir a circulação da *Interviú* em Portugal, os quais envolveram a ida de uma equipa da Polícia Judiciária ao país vizinho, para recolher mais informações, e contactos do ministro da Administração Interna, Fernando Nogueira, com o seu homólogo espanhol, bem como o envio de um "alto funcionário governamental" a Madrid. Do lado de cá da fronteira, *O Independente* mantinha a fogueira acesa, anunciando que estavam "para rebentar escândalos em redor das figuras de Eurico de Melo, Mira Amaral, Silva Peneda e Miguel Cadilhe."

Na noite de 9 de Novembro, à hora em que em Berlim caía o Muro, e numa conversa privada tida em São Bento, Miguel Cadilhe apresentou a sua demissão a Cavaco, o qual, na noite do dia 10, faria uma comunicação ao país, preparada com o auxílio de Fernando Nogueira. Nela, "com ar grave", Cavaco abordou "o tema geral da calúnia e da mentira como armas de ataque às instituições democráticas e aos titulares dos cargos políticos", diz o próprio em *Autobiografia Política II*, 2004, p. 91. Esta intervenção, contudo, seria violentamente criticada por Paulo Portas nas páginas de *O Independente* e pelo Sindicato dos Jornalistas, que viu nas palavras de Cavaco uma tentativa de desprestigiar a comunicação social perante a opinião pública portuguesa. Com a vida do governo transformado "num inferno" (Fernando Lima), o PSD sofreria um pesado revés nas autárquicas de Dezembro de 1989 e, em 1 de Janeiro do ano, Cavaco Silva anunciava uma aguardada remodelação ministerial, com a saída de Eurico de Melo, Leonor Beleza e Miguel Cadilhe.

Quanto a Tomás Taveira, divorciou-se e iniciou uma humilhante travessia no deserto, a pontos de ter sido impedido de pôr os pés no Bananas pela consultora de imagem contratada de reabilitar o nome da casa (cf. Isabel Borges, "Euzinha contratada pelo Taveira no final de 1989?", blogue Por Amor, 31/7/1989). Falando com o *Expresso*, adoptou o registo-coitadinho, *Marcelino, Pão e Vinho*: "Fui rejeitado pela sociedade portuguesa, cultural e politicamente. Em Portugal, os jornalistas não me deixam viver. Estes episódios apagam-me como português. Sou um indivíduo arrumado. A única coisa que me resta é o silêncio." Das trevas regressou episodicamente, seja para projectar obras no estrangeiro, seja para desenhar a estação de metro das Olaias, seja para projectara, a instâncias de José Sócrates, seis dos nove estádios do Euro 2004, de que foram construídos três, o Aveiro, o de Leiria e o Alvalade XXI, coberto de azulejos WC, só há pouco removidos. Ainda assim, não foi tão ostracizado quanto isso, já que, dois anos depois da borrasca das cassetes, ganhou, *ex aequo* com Carrilho de Graça, o concurso de ampliação do edifício da Assembleia da República, felizmente anulado, com a obra a ser entregue, por ajuste directo, a Fernando Távora.

Diz que muitas das suas obras são "icónicas", seja lá isso o que for, mas a mais icónica de todas – e a mais perene – são, sem dúvida, as "pornocassetes" gravadas em 1987, mas só dois anos depois levadas à apreciação crítica de milhões de espectadores, em Portugal e no estrangeiro, e por sinal no preciso momento em que nos ecrãs estreava o filme *Sexo, Mentiras e Vídeo*, de Steven Soderbergh. Discute-se ainda hoje sobre se as mulheres envolvidas, ou pelo menos algumas delas, terão sido ou não violadas, no que à penetração anal diz respeito (é o que sustentava André Neves e, agora, Matthieu Garrigou-Lagrange), sendo indubitável que o foram na sua intimidade e na sua privacidade, na sua dignidade, em suma. Debate-se, também, a identidade das visadas, dominando hoje a tese de que não eram esposas de políticos ou de homens poderosos, antes raparigas que o arquitecto terá conhecido na vida, na delas e na dele, possivelmente suas alunas na Faculdade de Arquitectura, caixeiras de lojas ou quiçá até prostitutas, sabe-se lá.

Os vídeos têm sido tratados de modo complacente e jocoso, dando motivo a muita boçalidade, e, como sempre sucede, foram alvo de dezenas de *pastiches*, recriações e apropriações, desde logo na cinematografia porno, em *Tavares, o Arquitecto Quebra-Bilhas*, com Erica Fontes e Pedro Perestrelo (filho do locutor Pedro Perestrelo) nos principais papéis, o qual, na descrição dos produtores, conta a história de "um arquitecto que gosta de trabalhar em cima do joelho… ou em cima do sofá ou da mesa das reuniões. O que interessa é montar boas estruturas, sejam elas de edifícios ou de belas raparigas dispostas a tudo. Veja, está tudo cá dentro!" Na música, cite-se "Na Cabana do Pai do Tomás", da banda Sitiados (refrão: "Ó Tomás, ó Tomás, isso não se faz") ou "Fim-de-semana em Vizela", dos Ena Pá 2000 ("A filha da Teresa Braganza/A neta do bispo de Beja/A roer as unhas de inveja/A secretária do Taveira/Tem um buraquinho na peida"), devendo mencionar-se também, pela sua alarvidade, os cânticos das tunas da Faculdade de Arquitectura, onde Taveira leccionava: "Quem é quem/Que enraba à maneira/É Taveira/É o Taveira!" (*apud* João Pedro George. *Dicionário Sério de Calão, Javardices e Alarvidades*, 2024, p. 97). No decurso dos seus filmes íntimos, o arquitecto proferiu afirmações que entraram desde há muito no património linguístico nacional, com destaque absoluto para "Está todo lá dentro!", mas não só (v.g., "Ui, ca bom!"). Além das expressões "taveirada" ou "taveiresco", o epíteto "quebra-bilhas", nas suas diversas declinações ("O quebra-bilhas das Amoreiras", "O aquitecto quebra-bilhas", etc.), colou-se a Tomás Taveira como uma segunda pele, e acompanhá-lo-á *ad eternum*, muito para lá do seu perecimento terreno.

Em Aveiro, em Janeiro de 2021, um conjunto de moradias suas suscitou intensas críticas, com a autarquia a afirmar, imagine-se, que não lhe competia pronunciar-se sobre a estética dos projectos (cf. *Público*, de 21/1/2021). Pouco depois, Taveira colocou-se ao lado de Ronaldo na célebre "polémica da marquise", no nº. 203 da Castilho (cf. *Record*, de 1/6/2021), a rua do não menos célebre Edifício Castil, cuja autoria disputou com Conceição Silva nos tribunais. Na mesma altura, Rui Unas anunciou que iria recebê-lo no seu programa, fazendo-o com palavras consideradas demasiado tolerantes relativamente às "asneiras" (sic) pretéritas do arquitecto, o que gerou indignação e obrigou Unas a engolir o que disse (cf. *Público*, de 22/4/2021). Quanto ao arquitecto maldito, diz que se mantém "hiperactivo" e "hiperinformado sobre tudo o que se faz na arte", afirmando que, pese as mais de 80 primaveras, conserva uma "energia total" e garantindo que não dorme mais de quatro horas por noite (até porque tem de cuidar dos dois gatos que com ele dormem).

Hoje, os defensores da sua arquitectura dizem que é possível separá-la do homem que a criou, e sustentam que "não se pode fazer a crítica da arquitectura através da crítica à personalidade" (cf. Tiago Bartolomeu Costa, "A obra e o homem: o caso Tomás Taveira", *Público*, de 20/5/2021). Como todas as máximas, esta só em parte é verdadeira, uma vez que, se há arquitectos que têm a contenção e o bom senso de não misturar a obra com a biografia, em Tomás Taveira, pelo contrário, tudo o que faz e diz acaba por ser, ao cabo e ao resto, uma irrupção fragorosa do seu carácter animalesco e em bruto (na sua conta do Twitter, identifica-se, não por acaso, como "animal sexual"), de uma força da natureza moldada, mas jamais amaciada, pelo convívio com políticos de baixo nível, dirigentes desportivos e empreiteiros gananciosos. Julgando-se chefe de banda ou orquestra, Taveira foi um peão do jogo e da teia de interesses vis e corruptos que, vinda do anterior regime mas aprofundada no pós-revolução, converteu a paisagem urbana portuguesa numa das mais feias, mais desinteressantes e mais medíocres da Europa. Os que louvam a natureza "revolucionária" do seu pós-modernismo *Free-Style*, deveriam atentar melhor, com olhos de ver, a aberração prantada ao Saldanha, os projectos que ele tinha para o Martim Moniz ou para a Fontes Pereira de Melo ou para a ampliação do parlamento, numa sanha destrutiva que não poupava sequer a Baixa pombalina, que Taveira dizia não ser intocável ou sacrossanta e, logo, também passível, ou passiva, das suas bizarras intervenções.

Paradoxalmente, sob a capa de democraticidade do gosto – e do apreço das classes populares pelos seus edifícios desconcertantes e *nonsense* –, no discurso de Taveira sobre "fazer cidade" esconde-se muito de arrogante e tirânico, desde logo a presunção de que só uns, os iluminados, os eleitos (por quem? pelos construtores?), têm o privilégio de intervir na urbe de forma tão estridente e exuberante, já que se todos o fizessem o mesmo do que ele e adoptassem um registo idêntico, com a cidade coberta de "taveiradas", estas não teriam impacto algum, ficando então mais patente o que verdadeiramente são, uma ignóbil porcaria. A filosofia arquitectónica de Tomás Taveira emerge, em suma, da mesma adleriana "vontade de poder" com que torpedeava os colegas, gritava com os subordinados ou dominava as mulheres à sua mercê – e, pior ainda, que as filmava aparentemente sem o seu consentimento. O evidente prazer com que as subjugava e fazia sofrer – muito provavelmente, o maior gozo que tirava de tudo aquilo – define-o como ser humano, mas também define o país onde pôde medrar até se tornar aquilo que é, ou foi, um *homem sem qualidades*.

**Prova de vida (48) faz parte de uma série de perfis*

Historiador. Escreve de acordo com a antiga ortografia.



Diz que muitas das suas obras são "icónicas", seja lá isso o que for, mas a mais icónica de todas – e a mais perene – são, sem dúvida, as "pornocassetes" gravadas em 1987, mas só dois anos depois levadas à apreciação crítica de milhões de espectadores, em Portugal e no estrangeiro."



Entre as imagens
João Lopes

Músicas de Cannes

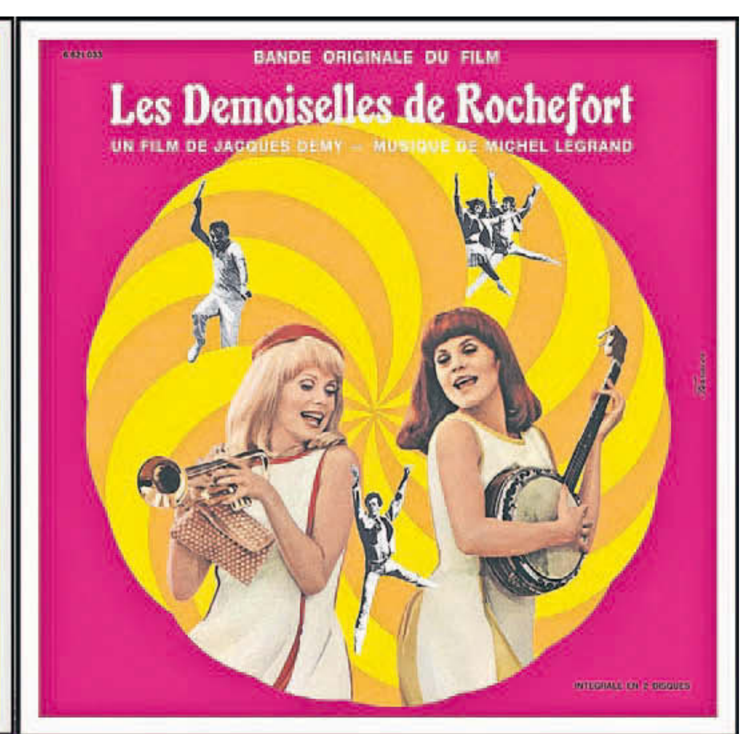
Não terá sido a coisa mais óbvia do mundo, mas a 77.ª edição do Festival de Cannes (14/25 maio) foi atravessada por uma inusitada nostalgia do género musical. E não apenas do musical enquanto memória votada a um culto mais ou menos revivalista. Afinal de contas, *Emilia Pérez*, de Jacques Audiard, filme musical pela "teimosia" de ser um musical, acabou por ser o único a obter duas distinções no palmarés do júri presidido por Greta Gerwig: prémio do júri, precisamente, e prémio de interpretação feminina, neste caso atribuído coletivamente aos nomes que lideram o elenco (Adriana Paz, Karla Sofia Gascón, Selena Gomez e Zoe Saldaña).

Ainda que reconhecendo o risco formal e narrativo que Audiard entendeu correr, confesso a minha desilusão – reconheço o desafio, mas soa-me a falso. Para que conste, trata-se de fazer o retrato do chefe de um cartel de droga, no México, que quer concretizar o sonho que sente dentro de si: ser uma mulher. Mais do que isso: encenar as peripécias mais ou menos romanescas, frequentemente violentas, de tudo isso através de… canções.

Enfim, sabemos que o musical, fiel à herança plural da ópera, nunca se inibiu de integrar referências a universos muito variados, mais ou menos bizarros. Em defesa do seu conceito, Audiard poderá até lembrar que *Emilia Pérez* envolve uma "temática" que o aproxima de *Guys and Dolls/Eles e Elas* (1955), de Joseph L. Mankiewicz. Mais do que isso, o filme de Mankiewicz é tanto mais revelador de uma certa estranheza (musical, precisamente) quanto os seus principais intérpretes – Marlon Brando, Jean Simmons, Frank Sinatra e Vivian Blaine – estão longe de pertencer à galeria de vedetas que, à época, dominava o género maioritariamente produzido pela Metro Goldwyn Mayer.

A saga dos musicais na Côte d'Azur teve, aliás, um símbolo tanto mais sugestivo e ambíguo quanto a secção de Clássicos deu a conhecer a nova cópia restaurada de *Os Chapéus de Chuva de Cherburgo*, de Jacques Demy, vencedor da Palma de Ouro de Cannes em 1964 – por mais desconcertante que a efeméride possa parecer, foi a única vez que um cineasta ligado ao movimento da Nouvelle Vague venceu o festival.






Dois filmes de Jacques Demy, duas partituras de Michel Legrand.

A memória de Demy prolongou-se através de dois documentários: *Jacques Demy, le Rose et le Noir*, de Florence Platerets, e *Il Était une Fois Michel Legrand*, de David Hertzog Dessites. Sem esquecer, claro, que Legrand é autor da música de nove longas-metragens de Demy, incluindo *Os Chapéus de Chuva de Cherburgo* e o seu sucessor "natural", *As Donzelas de Rochefort* (1967). Aliás, estes dois clássicos nasceram de um método de trabalho que, não sendo estranho ao musical *made in USA*, se fundamenta num "desvio" poucas vezes explorado na produção do género. Que é como quem diz: ocupar um espaço, no limite, uma cidade (Cherburgo, Rochefort), transfigurando as suas regras urbanas em lógicas de encenação cinematográfica.

No documentário sobre Legrand alguém lembra que a cidade de Rochefort conserva e celebra com particular carinho as memórias da rodagem do filme de Demy – em *Jacques Demy, le Rose et le Noir* surgem mesmo diversas imagens registadas por Agnès Varda, algumas inéditas, da festiva "ocupação" das ruas e praças da cidade pela equipa de Demy.

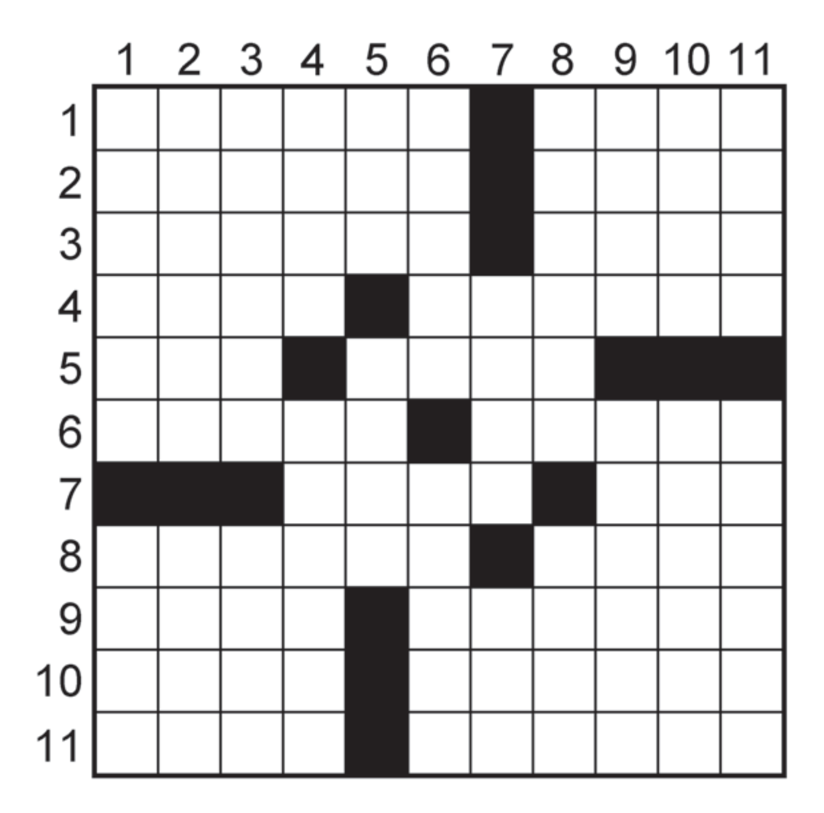


A secção de Clássicos do Festival de Cannes ajudou-nos a perceber melhor a vocação vanguardista dos filmes musicais.

Provavelmente, o musical, sempre irregular nos seus renascimentos, persiste como uma espécie de prova existencial de um dos "segredos" mais antigos do cinema. A saber: a capacidade de conservar as marcas "reais" do mundo em que vivemos, ao mesmo tempo projetando tais marcas para o domínio de uma abstração formal de que a música e as canções são, de uma só vez, a prova e a celebração.

Nesta perspetiva, ver ou rever filmes como *Os Chapéus de Chuva de Cherburgo* ou *As Donzelas de Rochefort* faz-nos reencontrar uma magia primitiva que não exclui, antes multiplica, os sinais muito carnais da presença dos atores. O espetáculo nasce, assim, da ilusão entendida como elemento da verdade – eis a perene vanguarda.

PALAVRAS CRUZADAS



Horizontais:
1. Planta de flores muito aromáticas. Completa. **2.** Presságio. Vereador. **3.** Que se realiza de mês a mês. Caminho. **4.** Dá passos. Coisa horrível. **5.** Viagem. Mercadoria que não tem venda. **6.** Fezes que o vinho e outros líquidos deixam aderentes ao fundo das vasilhas. Acontecimento comovente. **7.** Criatura. Popular (abreviatura). **8.** Limpar, friccionando. Que parece bom, mas não o é. **9.** Feminino de este. Inundar. **10.** Forte afeição. Agrupamento de gado graúdo. **11.** Cavidade em rochedo. Arremessar.

Verticais:
1. Em tempo algum. Que não é imaginário. **2.** Livro para anotação de compromissos ou tarefas em determinados dias. Doença respiratória. **3.** Investigar (figurado). Lugar de paragem (palavra inglesa). **4.** Entidade inspiradora de um poeta. Conserta. **5.** Raiva. Cabeça (popular). **6.** Líquido em que se refogam iguarias ou que se junta a elas para serem servidas. Enredo. **7.** No qual lugar. Latim (abreviatura). **8.** Grande medo. Excluí. **9.** Cheiro. Comunicar por contágio. **10.** Expressão. Residência. **11.** Levantar. Cortar as beiras de.

SUDOKU

	6			1	2	5	3	7
		4			8			
7	2				9	4		
		6	8		1	9	7	
1	8		5			6		
				4				
					4	7		
	7				3	1		4
2		1						

SOLUÇÕES

9	6	8	4	1	2	5	3	7
5	1	4	3	7	8	2	9	6
7	2	3	6	5	9	4	8	1
4	5	6	8	3	1	9	7	2
1	8	2	5	9	7	6	4	3
3	9	7	2	4	6	8	1	5
6	3	9	1	2	4	7	5	8
8	7	5	9	6	3	1	2	4
2	4	1	7	8	5	3	6	9

Palavras Cruzadas
Horizontais:
1. Jasmim. Toda. 2. Agouro. Edil. 3. Mensal. Rota. 4. Anda. Horror. 5. Ida. Mono. 6. Sarro. Drama. 7. Ente. Pop. 8. Raspar. Bera. 9. Esta. Alagar. 10. Amor. Manada. 11. Lapa. Atirar.
Verticais:
1. Jamais. Real. 2. Agenda. Asma. 3. Sondar. Stop. 4. Musa. Repara. 5. Ira. Mona. 6. Molho. Trama. 7. Onde. Lat. 8. Terror. Bani. 9. Odor. Apegar. 10. Dito. Morada. 11. Alar. Aparar.

Chef Luís Gaspar Arroz de lavagante

O *chef*

LUÍS GASPAR decidiu aos 15 anos entrar na Escola Profissional de Leiria, cidade onde nasceu, em 1991. O seu percurso profissional começou no hotel Pestana Palace a trabalhar com o *chef* francês Aimé Barroyer. Seguiu-se a passagem de três anos pelo hotel Grande Real Villa Itália. Pelo caminho cruzou-se com o *chef* Henrique Sá Pessoa num evento gastronómico, acabando por se juntar a ele no Cais da Pedra e, posteriormente, na abertura do seu espaço homónimo no Mercado da Ribeira. Aos 24 anos foi convidado para liderar a cozinha da Sala de Corte. Em 2017 venceu o Chefe Cozinheiro do Ano. Atualmente faz consultoria em vários restaurantes do grupo Plateform. Em 2023 recebeu a distinção Chef de L'Avenir, pela Academia Internacional de Gastronomia.



LEONARDO NEGRÃO/GLOBAL IMAGENS

Ingredientes (para 4 pessoas):

200 g de arroz Carolino
1 lavagante (800 g)
1 cebola
20 g de tomate
200 g de cenoura
200 g de alho-francês
100 g de rama de aipo
50 g de coentros
100 ml de azeite
4 dentes de alho
Flor de sal q. b.
100 g de polpa de tomate
Picante q. b.
Brandy q. b.

Confeção do lavagante:

Separar a cabeça do lavagante fresco e cozer em água temperada com sal durante seis minutos (água a ferver).
Arrefecer o lavagante em água e gelo.
Descascar e reservar as cascas.
Fazer um refogado com a cabeça do lavagante, as cascas, cebola, cenoura, alho, aipo e tomate.
Refrescar com o *brandy* e adicionar água. Deixar ferver lentamente durante 20 minutos.
Coar o caldo e reservar.

Confeção do arroz:

Fazer um refogado com cebola e alho picado.
Adicionar o arroz Carolino e a polpa de tomate.
Adicionar o caldo de lavagante pouco a pouco, até o arroz ficar cozinhado *al dente*.
Adicionar o lavagante cortado em pedaços, temperar com flor de sal, picante e coentros picados.

Dica do *chef*:
Fazer um bom caldo de lavagante aproveitando todas as cascas e a cabeça do lavagante. O caldo de lavagante é um grande potenciador de sabor e irá fazer toda a diferença, tornando este prato intenso e muito aromático.

EDIÇÃO **FILIPE GIL**

Para acompanhar
O *chef* sugere o vinho branco Luís Pato Vinhas Velhas 2027 (Bairrada) para harmonizar com o prato de lavagante.


Diario de Noticias

A VITIMA DO DEVER

UMA VITORIA DIPLOMATICA

A embaixada da Inglaterra em Lisboa

A embaixada de Portugal em Londres

A HOMENAGEM A CAMILO

A SESSÃO SOLENE NO TEATRO NACIONAL

O EPILOGO DUMA TRAGEDIA EMOCIONANTE

REALIZOU-SE ONTEM O FUNERAL DO DESDITOSO cabo de policia Manuel Neves assassinado nos Olivais por agentes da «Legião Vermelha»

DIAMANTE VERDE

O CRIME DE SANTAREM

O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 2 DE JUNHO DE 1924 PARA LER HOJE

ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

A HOMENAGEM A CAMILO

A SESSÃO SOLENE NO TEATRO NACIONAL

teve concorrencia escolhida

A evocação da figura insigne do ilustre romancista

NA OBRA ROMANTICA DE CAMILO HA A ESTUDAR A LINGUAGEM, A EFABULAÇÃO, A IRONIA, A MORAL: E, EM MAIS REMOTO PLANO, A ESCOLA EM QUE PODIAM FILIAR-SE OS SEUS ROMANCES, E A INFLUENCIA POR ELES EXERCIDA NO ESPIRITO DAS GERAÇÕES LITERARIAS, QUE DEPOIS VIERAM.

Fialho de Almeida

As homenagens ontem prestadas ao autor do «Amor de Perdição».

Os srs. Custodio José Vieira e Nogueira de Brito pronunciaram belas alocuções

Com a assistencia do sr. Presidente da Republica e ministro da Instrução, realizou-se ontem a anunciada sessão solene comemorativa do 34.º aniversario do suicidio de Camilo.

A' sessão, que teve um cunho de comovedora sinceridade, assistiram muitos escritores, jornalistas e artistas.

Usou da palavra o sr. dr. Custodio José Vieira, filho de um grande amigo de Camilo, e presidente da Comissão Executiva do Monumento, que focou algumas das mais interessantes facetas do genio camiliano.

Alguns trechos do seu interessantissimo discurso:

«Bem sei que na nossa terra ha grandes homens para quem Camilo é, no campo das letras, uma figura como qualquer outra, não compreendendo que dele se fale ou escreva com admiração e se considerem justas, merecidas e necessarias as homenagens que é de uso tributarem-se aos grandes vultos.

Na obra de Camilo encontra-se abundancia de conceitos; nela se nos deparam todos os sentimentos; está lá marcada toda a gama do choro e do riso; aí se nos apresenta uma consideravel serie de tipos que se diferenciam dentro de cada classe ou categoria.

Na sua obra Camilo raramente deixa de ser fidalgo ou generoso, sobretudo para a mulher. Quasi sempre a perfuma e a envolve de todos os carinhos. E'a mulher quem lhe dá as mais inspiradas e perfeitas poesias, que lhe proporciona as mais belas e sentidas paginas de prosa, que lhe motiva as mais admiraveis esculturas que lhe provoca as mais dedicadas telas e lhe sugere as mais maviosas e apaixonadas composições musicais.

E assim, em todo o seu discurso, o sr. dr. Custodio José Vieira faz ressaltar toda a grandeza da obra do grande Camilo, daquele que, senhor absoluto dos meandros do vernaculismo e cuidadoso perscrutador do dizer simples e apropriado do povo, foi renovador e consolidador da lingua, arejou-a, modernizou-a sem alteração da sua essencia e imprimindo-lhe, a par da riqueza e movimento que lhe deu, a flexibilidade, a ductilidade com que conseguiu deminuir ou disfarçar o tom irto e por vezes monótono dos mestres da lingua;—aquele que nas horas amargas e turvas de falta de meios e de saude conseguia na mais suave linguagem traçar aquelas belas e serenas descrições, modelar as encantadoras, simples ou curiosas figuras de mulher e criar aqueles tipos cuja extravagancia ou ridiculo nos faz rir sem continencia;—aquele homem prodigioso, enorme, sem igual, que nos enche de pasmo perante a sua extraordinaria produção.

O sr. dr. Custodio José Vieira foi muito aplaudido pela numerosa assistencia.

Em virtude de o sr. dr. Amancio de Alpoim não poder comparecer por falta de saude, seguiu-se a leitura de trechos e sonetos de Camilo pelos artistas societarios do Nacional; Emilia Fernandes, Augusto de Melo, Ester Leão, Ribeiro Lopes e Ilda Stichini.

Todos os artistas foram ovacionados, devendo destacar-se Ester Leão e Ilda Stichini, a primeira lendo o soneto «A maior dôr humana», a segunda a «Carta de Teresa», no «Amôr de Perdição».

Seguiu-se-lhes o brilhante escritor sr. Nogueira de Brito, que num eloquente discurso teceu o louvor merecido ao Mestre e mostrou a necessidade de se lhe prestar a homenagem devida, perpetuando a sua memoria. Camilo cuja multiplicidade de faculdades mentais—afirma—está bem patente na sua obra, enorme de quantidade e qualidade, devia já ha mais tempo ter merecido uma consagração digna do seu talento.

Não se encontra quem, como ele, tocasse tão indelevelmente a diversidade de facetas, que excepcionalmente se pódem notar em outros escritores, seja qual fôr o país em que tenham nascido. Camilo foi um criador da fórma literaria considerada na expressão exacta e vernacula da sua linguagem castiça. Na singeleza dos seus periodos está o maior sintoma da sua extranha emotividade. Não ha nos seus romances e nas suas novelas, uma unica palavra que esteja fóra do seu logar. Arrebata a sua prosa quando canta a esbeltez da natureza e o substractum moral das personagens, como sacode e vergasta quando fulmina na candencia dos seus improperios as mazelas da sociedade e as amoralidades dos homens.

O orador termina enaltecendo aqueles que nêste país aparecem sempre, no momento em que os grandes homens começam a ser nimbados pela causa da consagração, a empanar o brilho da sua inteligencia. E termina por ler um soneto de Beaudelaire «La géante» que sintetiza a idéa grandiosa que se completa no prosador e escultor.

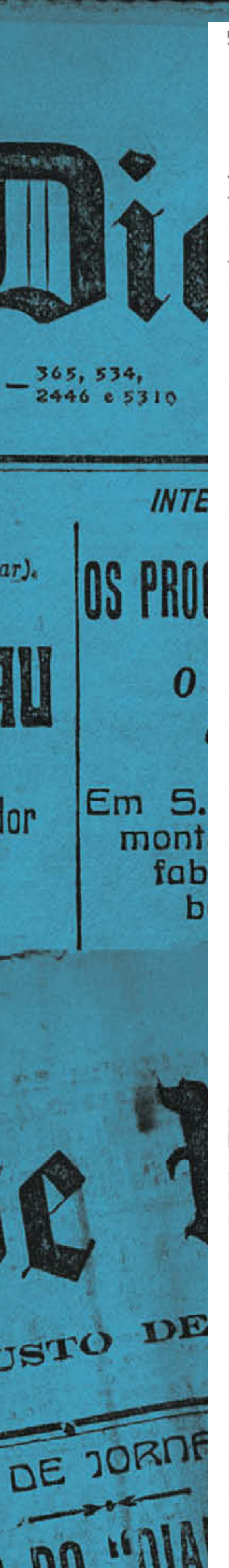
O sr. Nogueira de Brito foi longamente aplaudido, encerrando-se em seguida a sessão.

A cooperação dos teatros

Um outro numero do programa de ontem para comemorar o dia de «Camilo» foi a leitura em todos os teatros dum soneto do sr. Matos Sequeira, enaltecendo o genio incomparavel do grande romancista.

Esse soneto foi lido em todas as casas de espectaculos por uma das primeiras figuras de cada companhia, tendo o publico aplaudido com verdadeiro carinho essa singela manifestação a quem foi um dos mais altos espiritos do ultimo seculo.

Apenas o teatro da Trindade e o Coliseu se não associaram a essa homenagem, em virtude de ali funcionarem companhias estrangeiras.



UMA VITORIA DIPLOMATICA

A embaixada da Inglaterra em Lisboa

A embaixada de Portugal em Londres

(NOTA OFICIOSA DO MINISTERIO DOS NEGOCIOS ESTRANGEIROS)

As negociações ha tempos entaboladas entre os governos português e inglês para elevação das legações de Portugal em Londres e de Inglaterra em Lisboa á categoria de embaixadas, acabam de ter o mais completo exito. Para embaixador de Inglaterra em Lisboa foi nomeado o actual ministro nesta capital, sir Lancelot Carnegie, e para embaixador de Portugal em Inglaterra o governo escolheu o general sr. Norton de Matos, Alto Comissario em Angola. Os respectivos «agréments» já foram concedidos pelos dois governos.



DR. DOMINGOS PEREIRA

O ilustre ministro dos Negocios Estrangeiros acaba de obter o seu maior triunfo diplomatico. Na sua carreira politica, em que o sr. dr. Domingos Pereira tem conseguido, mercê do seu tacto, da sua alta inteligencia e da nobreza do seu caracter, os mais altos postos e as mais legitimas distinções, este acontecimento sensacional, que o país deve aos seus esforços e ao seu patriotismo, é a mais gloriosa corôa da vida de um homem de Estado.

Portugal e a Inglaterra, ligados por



Sir L. CARNEGIE
Ministro d'Inglaterra

uma aliança secular, caminhando sempre no mais estreito e intimo acôrdo, apertam, assim, ainda mais, os seus laços de amizade. E' uma honra que a nação portuguesa nunca ha-de esquecer. E' certo que de ha muito se vinha preparando esta devida aproximação diplomatica. Mas tambem é certo que os passos mais dificeis, as «démarches» mais atentas e mais constantes se devem ao actual ministro dos Negocios Estrangeiros, que vê satisfeita uma velha aspiração do país.

O governo inglês escolheu para seu primeiro embaixador em Portugal, sir Lancelot Carnegie, que tem representado o seu país entre nós na qualidade de ministro plenipotenciario.

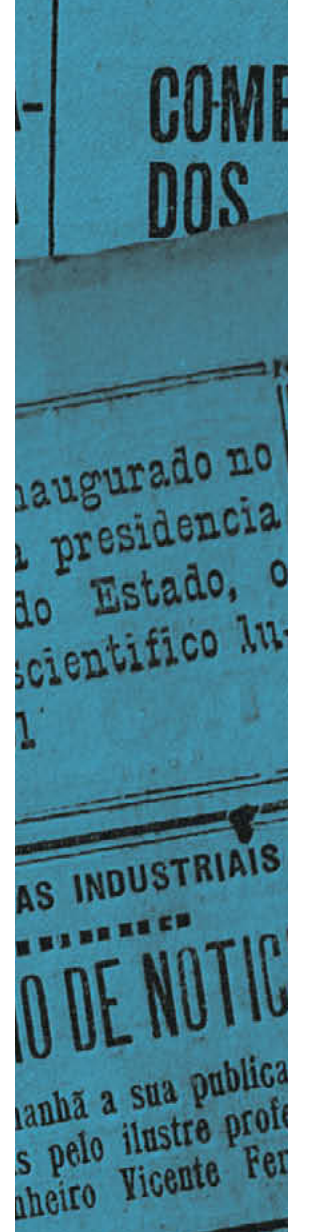
Não podia a escolha recair melhor, porque nunca, como neste caso, se pôde aplicar com maior propriedade a frase lapidar: «the right man in the right place». Sir Lancelot Carnegie conquistou, pelo seu trato, pela sua afabilidade e pela sua esmeradissima educação, a amizade de todos os portugueses. No seu novo e elevado posto, ele saberá continuar a sua obra de intima cordealidade entre as duas nações tradicionalmente unidas. Pode o novo embaixador ter a certeza de que Portugal, nesta hora de orgulho, lhe envia as suas mais sinceras saudações.

O sr. dr. Domingos Pereira nomeou para o alto cargo de embaixador de Portugal o general Norton de Matos. E' uma figura de maior relevo na politica portuguesa. A ele se deve a nossa participação efectiva e brilhante na grande guerra. Militar que fez da sua profissão um sacerdocio, cidadão em quem recaem as mais lidimas virtudes civicas, alto funcionario da Republica, tendo exercido nos ultimos anos o lugar de Alto Comissario na provincia de Angola, o general Norton de Matos vai confirmar em Inglaterra as suas invulgares qualidades de diplomata e de patriota.

Repetimos, com ufania: neste momento de gloria para o nòsso país, o ilustre ministro dos Negocios Estrangeiros e eminente homem publico tem direitos plenos ao reconhecimento da nação portuguesa.



General Norton de Matos



Três feridos graves após acidente em bancada no Estádio Universitário

LISBOA Recinto teria sido inspecionado na véspera do evento desportivo organizado pela Associação Infante de Sagres. Feridos entre os 30 e os 86 anos.

Dez pessoas ficaram ontem feridas, três delas com gravidade, depois de as cadeiras onde se encontravam terem caído de uma bancada amovível do Estádio Universitário de Lisboa, confirmou Manuel Nogueira, do Regimento de Sapadores Bombeiros de Lisboa.

No recinto decorria um evento com crianças, organizado pela Associação Infante de Sagres, e os feridos, com idades entre os 30 e os 86 anos, foram encaminhados para o Hospital de Santa Maria, localizado a poucas dezenas de metros do local.

Em declarações aos jornalistas, aquele responsável dos Sapadores disse ainda que na véspera do evento o local tinha sido inspecionado. Cabe agora às autoridades competentes apurar o que esteve na base do acidente, que causou algum pânico junto das pessoas que se encontravam no local.

O alerta foi dado pelas 15h45, tendo os bombeiros acorrido ao local com quatro viaturas, a par de elementos dos Bombeiros de Sacavém. Também o INEM e a Polícia de Segurança Pública (PSP) foram acionados, tendo estado presentes mais de 30 operacionais.

O acidente aconteceu no interior de um dos pavilhões do Estádio Universitário de Lisboa, durante uma festa desportiva para assinalar o final do ano letivo e de comemoração do Dia da Criança, onde se encontravam dezenas de familiares das crianças.

Ao que foi possível apurar, as cadeiras da parte superior de uma bancada amovível descolaram-se sem ainda se conhecerem as causas, e as vítimas caíram de costas de um altura de cerca de metro e meio.

As vítimas mais graves têm 81, 76 e 42 anos e as lesões mais preocupante que apresentam são fraturas da clavícula e nos braços. **DN/LUSA**



ÁLVARO ISIDORO / GLOBAL IMAGENS

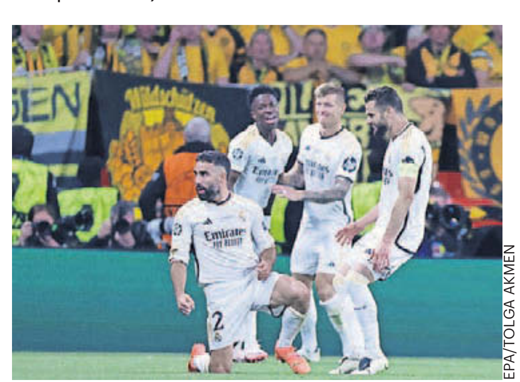
Meios dos bombeiros, INEM e PSP foram destacados para o local.



BREVES

Real Madrid vence Dortmund e conquista 15.ª Champions

O Real Madrid venceu ontem o Borussia Dortmund, no estádio de Wembley, em Londres, por 2-0 e conquistou a Liga dos Campeões, aumentando para 15 o número de troféus na prova. O primeiro golo da partida surgiu aos 74 minutos. Após a cobrança de um canto, Dani Carvajal, de cabeça, não deu hipóteses ao guarda-redes alemão Kobel. Os alemães acusaram a pressão e aos 83' Vinicius Júnior fez o segundo. Na noite de despedida de Toni Kroos do Real Madrid, o alemão acrescentou ao currículo a sexta Champions da carreira, feito igualmente alcançado por Dani Carvajal, Luka Modric e Nacho. Também o treinador Carlo Ancelotti aumentou o seu pecúlio e conquistou a quinta Liga dos Campeões (tem duas pelo AC Milan e agora três pelo Real).



EPA/TOLGA AKMEN

Carvajal fez o 1-0. Real soma 15.ª Champions

Marcelo atribui críticas a "liberdade da democracia"

O Presidente da República considerou ontem que as críticas que lhe foram dirigidas por defender a aprovação do Orçamento do Estado fazem parte da "liberdade da democracia" e do direito ao pronunciamento dos partidos. Marcelo Rebelo de Sousa disse aos jornalistas, no Palácio de Belém, que se trata de "questão muito simples" e que, "em campanha eleitoral [para as europeias no dia 9 de junho] ou fora da campanha eleitoral, os partidos podem comentar tudo". Isto significa, prosseguiu à margem da celebração do Dia Mundial da Criança, numa iniciativa do Museu da Presidência e do Comité Olímpico e Comité Paralímpico de Portugal, que os partidos "podem comentar as considerações, mesmo que genéricas, feitas num contexto, num ambiente de 1200 empresários sobre economia portuguesa, sobre o Orçamento, sobre os fundos europeus". O Presidente alertou na quarta-feira para a importância de garantir a viabilização do próximo Orçamento do Estado, para manter o equilíbrio das contas públicas, apelando ao diálogo entre o governo e a oposição.



Conselho de Administração - Marco Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, Rui Costa Rodrigues, José Pedro Soeiro **Direção interina** Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** António Santos **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt